

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

SUELE CONDE SOARES

PELAS VEREDAS DA PSICOSE: O QUE SE ESCRIVE?

**JOÃO PESSOA
2012**

SUELE CONDE SOARES

PELAS VEREDAS DA PSICOSE: O QUE SE ESCRIVE?

Dissertação apresentada à coordenação do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – Campus I – do curso de Mestrado em Letras no ano de 2012 para fins de obtenção do título de mestre.

Área: Linguagens e Cultura

Linha: Sujeito, Linguagem e Psicanálise

Orientadora: Prof^ª. Dra. Margarida Elia Assad

JOÃO PESSOA
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Suele Conde Soares

Pelas veredas da psicose: o que se escreve?

Dissertação apresentada à coordenação do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – Campus I – do curso de Mestrado em Letras para fins de obtenção do título de mestre.

Aprovada em ____/____/____.

Prof^a. Dra. Margarida Elia Assad (PPGL/UFPB)
(orientadora)

Prof^a. Dra. Mônica Nóbrega (PPGL/UFPB)

Prof^a. Dra. Cynthia Pereira de Medeiros (UFRN)

[...] Escrever. Não posso. Ninguém pode. É preciso dizer: não se pode. E se escreve.

(Marguerite Duras, 1994).

[...] escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão.

(Clarice Lispector, 1998).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Margarida Elia Assad, pelo cuidado na minha escrita, pela atenção e pelo desejo de ir mais longe...

À professora Mônica Nóbrega, pelas discussões frutíferas em sala de aula que tanto me colocaram a questionar, pela leitura atenta da minha dissertação, chegando por várias vezes a assinalar o meu ato falho ao dizer linguística como se só existisse uma, ao invés de dizer linguística saussuriana.

À professora Socorro Barbosa, pela atenção e leitura a este trabalho na Banca de Qualificação.

À Cassandra Dias, que me soube ouvir lá onde as palavras silenciam, por isso utilizo Guimarães Rosa: “O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo.”

Às amigas trazidas pelas mãos da psicologia: Rossana, Cláudia, Livia e Nara. Amores fora da psicanálise que tanto me ensinaram e me divertiram. Rimos e choramos juntas compartilhando o pessoal e o profissional. A vocês que gritaram e pularam comigo de alegria quando de minha aprovação nesse mestrado, todo o meu carinho...

À professora Laura Helena Kumamoto, meu muito obrigada pela acolhida tão aconchegante, pela confiança e respeito por saber que vim de terras estrangeiras (a psicanálise), não diminuindo em nada a credibilidade que me depositou. Sua ética e dedicação me fazem crescer e aprender a respeitar o diferente.

Às crianças que pude atender no Projeto de Apoio à Criança Hospitalizada que me ensinam e que me fazem entender que o infantil permanece durante toda a vida. A cada criança que tive a possibilidade de escutar e testemunhar verdadeiras criações com as palavras, minha mais singela gratidão.

À minha amiga conquistada no calor desse mestrado, Regina Peregrino, pelas boas risadas, pelas angústias divididas e pela escuta tão amiga. Também uso Guimarães Rosa: “Diadorim notou meus males. Me disse consolo: Riobaldo, tem tempos melhores. Por ora, estamos acuados em buraco...” E o buraco se fez uma escrita!

Ao Projeto Aimée: “Por que era que todos ficavam ali, por paz e por guerra, e não se desmanchava o bando, não queriam ir embora? Reflita o senhor nisso, que foi o que depois entendi vasto”. (Guimarães Rosa).

Aos pacientes que pude atender no Ambulatório do Complexo Juliano Moreira com quem aprendi a *não saber*.

A Raquel Ferreira, Elisângela Barrêto e Francisco Xavier pela doçura e beleza da amizade, pelas discussões de psicanálise, pelos bons encontros.

A Beá Lavieri, por apresentar-me a psicanálise de forma apaixonante, pela serenidade, pela amizade, pelas boas músicas, pela poesia, pelas reticências desta vida...

A Regileide Lucena, pelo bom humor inigualável, pela amizade e carinho. Pela aposta sincera e confiante depositada no caminho que tento seguir por esta vereda psicanalítica.

Ao meu pai: a leitura que fez da vida sem conhecer as letras fez de mim o que sou. Fez uma escrita tão bonita porque desconhecida do saber científico, mas letrada no amor.

À minha mãe, meu primeiro amor. Foi por tuas mãos que desenhei o primeiro traço, Levaste-me à escola ainda pequena, dava-me a merenda, deixava-me escrever e apagar na lousa, ensinava-me as letras e os números. Com teu amor vou mais longe...

À minha irmã Kelly. Era-me difícil aprender a matemática, com a tua vinda aprendi a somar, a subtrair, a multiplicar e a dividir. Principalmente, a dividir para poder somar depois.

A Jorge, meu Jorge, a ti todo o meu amor e minha vida. Caminhar contigo faz de qualquer empecilho um ato criativo. O teu amor, a tua força, a vida que emana de ti me faz feliz. A quem me sabe amar, me fazendo amante da vida! “Pois, todos os caminhos me encaminham pra você...”.

À minha família, que soube compreender minhas ausências e a distância que por vezes se instalou. Meu amor a todos vocês.

Aos meus amigos queridos com os quais pude dividir a angústia e a alegria deste momento: Luciene Araújo, Roniere Moraes, Heddylamarr Rosas e Cinthia Santos.

A Francisco, amigo e revisor que empreendeu uma leitura atenta a meu texto, mais que isso um verdadeiro leitor.

Ao Programa de Pós Graduação em Letras da UFPB, especialmente nas pessoas de Rosilene Marafon, que me auxiliou em tantos momentos, sempre se mostrando prestativa e atenciosa. À coordenadora Sandra Amélia pela compreensão.

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

RESUMO

Esta dissertação tem por finalidade investigar a escrita na psicose como possibilidade de organizar e sustentar a realidade psíquica dos sujeitos nessa estrutura. Para isso se utiliza das teorias da psicanálise lacaniana, bem como freudiana e da linguística saussuriana. Tal investigação tem o intuito de discutir os efeitos da escrita numa estrutura psíquica – a psicose – que parece estar fora do sentido socialmente compartilhado. Pensou-se num diálogo com a linguística por meio da língua, que enquanto um sistema de linguagem é comparada a outros sistemas, como é o caso da escrita. Por meio do funcionamento da língua é possível entrever o funcionamento da escrita. A escrita é abordada em duas vertentes: do sentido e do fora do sentido. Essa questão orientará para se pensar a escrita como caminho a uma estabilização ou mesmo uma suplência ao sujeito psicótico. Seguem-se as trilhas fornecidas por Lacan e Saussure no que tange a língua, a escrita e a psicose. A escrita ainda será pensada como possibilidade de os sujeitos fazerem laços e circularem no social. O percurso que se seguirá nesta dissertação vai do tempo do Simbólico, do significante para o tempo do Real, da letra/escrita, marcando com isso o avanço no ensino de Lacan de um tempo onde o sentido, a interpretação era tida como primazia para um tempo em que o sem sentido, ou seja, aquilo que não entra na significação, ganha outro estatuto, o de impossível de se escrever. Significante e letra são os conceitos utilizados como farol apontando que aquilo que resta não significantizado exige de todo sujeito uma criação singular. Desse modo, faz-se um convite *pelos veredas da psicose* a investigar *o que se escreve*.

Palavras-chaves: Psicanálise freudiana e lacaniana, linguística saussuriana, psicose, língua, escrita.

RÉSUMÉ

Cet article vise à étudier l'écriture sur la psychose comme une possibilité d'organiser et de soutenir la réalité psychique des sujets de cette structure. Pour ceci si vous utilisez les théories de la psychanalyse lacanienne et freudienne et la linguistique saussurienne. Cette recherche vise à examiner les effets de l'écriture d'une structure psychique - psychose - qui semble être hors de sens socialement partagé. On a pensé le dialogue avec la linguistique à travers de la langue qui, comme un système linguistique est comparé à d'autres systèmes, comme c'est le cas de l'écriture. Grâce à l'opération de la langue peut percevoir l'opération d'écriture. L'écriture sera abordée sur deux fronts: le sens et le pas de sens. Etant donné que ce guide question de penser à l'écriture comme un chemin vers une stabilisation, ou une substitution du sujet psychotique. Pour ce suivi les traces fournies par Lacan et Saussure en ce qui concerne la langue, l'écriture et la psychose. L'écriture est encore considéré comme possibilité du sujets faire lien et progresser dans le social. La route sera suivie dans cette thèse sera le moment symbolique, le temps significatif pour le moment du réelle, la lettre / écriture. Le marquage avec cette promotion chez Lacan une époque où la signification, l'interprétation a été considérée comme une période de primauté pendant un temps de pas de sens, c'est à dire, celui qui n'entre pas dans la signification remporte un état impossible à écrire. Le signifiant e la lettre sont les concepts utilisés comme un phare pointant vers ce qui reste pas significantizado exige de tout sujet une création singulière. Ainsi, il est une invitation *pour chemins de psychose pour enquêter sur ce qui est écrit*.

Mots-clés: Psychanalyse freudienne et lacanienne, linguistique saussurienne, psychose, langue, écriture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - PSICOSE E LINGUAGEM.....	13
1.1. O Sujeito de Freud a Lacan.....	13
1.2. Psicose: Fundamentos de sua História.....	24
1.3. A Forclusão e os Efeitos de Linguagem.....	32
1.4. A Mudança de Paradigma e o RSI.....	37
1.5. As Invenções Psicóticas.....	45
CAPÍTULO II – A LÍNGUA COMO IMPOSSÍVEL: UMA ABERTURA PARA A ESCRITA.....	54
2.1. Inconsciente Interpretável e Inconsciente Real: do sentido ao sem sentido.....	54
2.2. A Língua Saussuriana e Alíngua.....	59
2.3. Língua e Escrita: nas miragens da linguística e da psicanálise.....	69
2.4. Do Significante à Letra: a caminho do Real.....	80
CAPÍTULO III – PELAS VEREDAS DA ESCRITA.....	89
3.1. Freud, Lacan e Saussure em torno da Escrita.....	89
3.2. O Laço Social.....	98
3.3. Do Particular do Sujeito: breves fragmentos da clínica.....	105
3.4. Dois Fragmentos clínicos: Um desenho; Uma escrita poética.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	112

INTRODUÇÃO

Para dar início a esta dissertação, convocamos Guimarães Rosa: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera”. É o sertão que utilizamos para dizer o que assola o sujeito que deseja escrever, uma imensidão deserta que se tenta dar conta com as palavras que lhe escapam a todo o momento.

Pela interface linguística e psicanálise na linha de pesquisa *Sujeito, linguagem e psicanálise* foi possível vislumbrar a ponta de um laço. Um diálogo, então, já existia, restava-nos estabelecer nossa conversação que produzisse um bom encontro. Através dos casos contidos na própria literatura psicanalítica e da clínica surgiu o desejo por investigar a escrita na psicose.

A escrita que pretendemos pesquisar não se trata apenas da escrita textual, mas de qualquer produção do sujeito que possa produzir um efeito de estabilização na psicose (GUERRA, 2007). A noção da escrita como solução na psicose veio a partir da tese de doutorado de Guerra (2007), que traz a problemática das diversas estratégias de estabilização nesta estrutura psíquica. Com estabilização queremos dizer que ao sujeito seja possível permanecer em algum laço social, ou seja, trabalhar, estudar, relacionar-se com os outros, levando-se em consideração que há um rompimento da realidade quando ocorre o desencadeamento da psicose.

Com base em Guerra (2007), dizemos escrita a toda e qualquer produção do sujeito que tenha efeito organizador de sua realidade. É essa escrita que está para além da escrita literária, textual, a qual será investigada a fim de saber um pouco mais a respeito da psicose e de suas invenções para lidar com a loucura que assola o sujeito.

Mas, para se chegar a essa noção de escrita que nos propomos a investigar é válido dizer da busca que se fez desde Freud, em seu texto *A interpretação dos sonhos* (1900), quando os sonhos revelavam ser o inconsciente repleto de imagens, sons, letras, palavras, frases e orações, enfim, ter todo o funcionamento de uma linguagem. Mais importante que o material do sonho era o relato que o sonhador podia fazer sobre o mesmo, ou seja, a leitura que cada sujeito poderia empreender. Os sonhos, portanto, revelavam que no inconsciente havia algo para ser lido, interpretado. Um tempo onde a significação era o foco principal, assim um sintoma podia ser dissolvido pela fala através da interpretação.

Se algo podia ser lido, existia, portanto, uma escrita. Ora, os sonhos para Freud (1900) eram tal qual uma escrita hieroglífica, pois dispunham de letras as quais o sonhador poderia vir a decodificar. O sintoma interpretado era dissolvido e o sentido se reorganizava. O sujeito podia voltar a seu cotidiano. Tal dissolução era devida à fala que organiza todo sentido. Ao mesmo tempo em que Freud apontava o sintoma como dissolvido pela interpretação, marcava uma impossibilidade de um único sentido para o sonho, podendo surgir sempre outros sentidos a cada novo relato do sonhador.

Todavia é Lacan que aponta a impossibilidade de o sintoma ser todo resolvido, há uma parte que escapa à significação, ficando ao sujeito a “responsabilidade” de construir um saber sobre essa fração não interpretável. Com isso, tem-se uma mudança da primazia da fala à escrita, ou ainda do sentido ao sem sentido, apontando um tempo da letra.

A escrita no ensino de Lacan é resultado de um avanço teórico e clínico de um tempo onde o sentido era a primazia para um tempo do sem sentido. Essa passagem pode ser nomeada do significante à letra. Esse percurso será feito através de alguns textos, tais como *O seminário sobre “A carta roubada”* (1957), *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), *Lituraterra* (1971), dentre outros que abordam significante e letra.

O significante é originário da linguística saussuriana, na qual o signo é composto por um significado (conceito) e um significante (imagem acústica). A relação que existe entre os signos é chamada de sistema, sendo produtora de sentido (SAUSSURE, 1916). Não se trata de um signo isolado, um signo sozinho não existe enquanto linguístico. (NORMAND, 2009).

Lacan importa o significante saussuriano para a psicanálise, fazendo em seguida alterações que originam o significante lacaniano. Este, por sua vez, pode ser uma palavra, um fonema, trata-se de algo que determina o sujeito. Com isso, tem-se, então, que o sujeito é efeito da linguagem.

O conceito de letra, assim como o de significante, permeia todo o ensino lacaniano e sofre mudanças. Inicialmente, é definida como o suporte material do significante (LACAN, 1957/1998), em seguida, separada deste se configura como aquilo que não entrou na significação. Resto não abarcado pelo sentido.

Significante e letra se colocam para nós como farol para pensar o sentido e o fora do sentido a partir da psicose. Pensamos que a psicose, por se tratar de uma estrutura na qual a realidade não é compartilhada, apresentando-se em sua vertente de horror é quem

melhor se presta a apontar o sem sentido e, por outro lado, também apontar tentativas dos sujeitos de organizar seu mundo que se desestruturou.

A aposta desta dissertação é de que pela escrita, ou ainda dizendo, pelas diversas formas de escrita seja possível ao psicótico reordenar seu mundo subjetivo e poder assim conseguir uma estabilização de sua psicose. Desse modo, a escrita textual, o desenho, a pintura e a produção de artefatos serão considerados tipos de escrita quando produzem um efeito de reordenação na psicose.

Apesar de Saussure ter pesquisado e versado acerca da língua, objeto de estudo da linguística, tendo pouco se detido na escrita, escolhemo-la para trabalhar nesta dissertação por acreditar que a escrita organiza aquilo que, muitas vezes, não se consegue fazer com a fala. A afirmação de que “a língua é um sistema de signos comparável à escrita” (SAUSSURE, 1916/ 2006, p.24) será o que nos norteará para pensar a psicose em sua relação com o sem sentido e as saídas encontradas que apresentam um mínimo de sentido para que o sujeito possa reorganizar-se e se manter fora de um desencadeamento.

A partir dessa aposta, portanto, trazemos fragmentos clínicos a fim de investigar de que modo cada sujeito se utiliza dos tipos de escrita para lidar com o desencadeamento de sua psicose. E, ainda, levando-se em conta as duas vertentes que serão trazidas aqui, a do sentido e do fora do sentido, interrogaremos que relação há entre a escrita na psicanálise e a escrita enquanto sistema linguístico saussuriano.

Para isso, a dissertação foi dividida em três capítulos, procurando em cada um corroborar nossa aposta, mesclando à teoria casos da literatura psicanalítica e algumas vinhetas de nossa clínica.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre o conceito de sujeito para a psicanálise, assim como a psicose e seus efeitos, a fim de estabelecer um panorama acerca dessa estrutura psíquica, apontando também as soluções que podem advir.

O segundo capítulo consiste no diálogo com a linguística saussuriana, trazendo os conceitos de língua e escrita, de modo a investigar que relação existe entre tais termos e a psicose. Com isso, pretende-se apontar as vertentes do sentido e do sem sentido que permeiam o sintoma de todo sujeito.

O terceiro capítulo trata da escrita desde Freud em relação ao inconsciente e Lacan, que faz avanços na teoria freudiana. Ainda, trata-se da escrita em Saussure abordada enquanto sistema de linguagem. Também discorreremos acerca do laço social, termo que

permeia esta dissertação. Por fim, alguns fragmentos clínicos concluem com o intuito de destacar a singularidade da escrita para os sujeitos e seu efeito na psicose.

CAPÍTULO I

PSICOSE E LINGUAGEM

A vida de todo mundo é como uma longa calçada. Algumas são bem pavimentadas, outras (...) têm fendas, cascas de banana e bitucas de cigarro.

(Adam Eliot)

1.1 O SUJEITO DE FREUD A LACAN

Ao escolher falar de psicose, o conceito de sujeito é convocado a compor este trabalho. Ao versar acerca desse conceito é possível identificar os processos que ocorrem na constituição de todo sujeito e o que é específico do sujeito psicótico.

O que é o sujeito, como se constitui, que operações lhe dizem respeito, todas essas questões são necessárias para se chegar à psicose e ao sujeito fundado nessa estrutura. Seguindo Allouch (1997, apud MEYER, 2008, p.299): "Seja com o que for que a psicanálise lide na clínica, jamais se trata de outra coisa que não de sujeito".

Iniciamos com o conceito de sujeito, próprio à psicanálise, para assim dizer da psicose enquanto estrutura psíquica, perpassando por Freud e Lacan. Isso porque os estudos da psicanálise se iniciam com a neurose, tendo a psicose um papel desafiador ao tratamento, pois era tida como incurável, não havendo perspectivas quanto ao progresso terapêutico. De todo modo, Freud se envereda nos estudos da psicose, comparando-a a neurose. Toda essa conjuntura é modificada quando Lacan empreende seu retorno a Freud, fazendo indagações no ponto mesmo da constituição do sujeito. É com Lacan que a psicose passa ao lugar de paradigma, não devendo mais ser comparada à neurose, como poderá ser acompanhado ao longo desta dissertação.

Diversos campos do saber estudam o sujeito em suas mais variadas especificidades. A psicologia - como também a medicina - trata do homem enquanto um ser biopsicossocial e espiritual. Partem da definição de indivíduo para falar de um ser holístico, ou seja, completo, onde todas as suas funções, orgânicas e psíquicas, encontram-se integradas. De

qualquer modo, pode-se dizer que todas as áreas do conhecimento concordam quanto ao fato de ser o homem um ser falante, dotado de linguagem.

A definição de sujeito cunhada por Lacan também se refere ao ser falante, no entanto, difere das demais quando usa este conceito e não indivíduo ou pessoa para se referir ao sujeito do inconsciente. O sujeito do inconsciente é aquele que se manifesta através de produções, tais como sonhos, chistes, lapsos, atos falhos e sintomas. Tal fato foi posto por Freud quando de sua descoberta do inconsciente. Em seu texto *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud relaciona o conceito de sujeito à linguagem, partindo de dois movimentos que operam na produção dos sonhos: condensação e deslocamento. Lacan aproximará essas funções da linguística por meio das operações da metáfora e da metonímia, o que será abordado mais adiante neste capítulo.

Freud, ao analisar os sonhos seus e de seus pacientes, descobriu que estes funcionavam como uma espécie de linguagem, onde a partir do conteúdo manifesto o sujeito fala sobre, fazendo uma construção, como narrativa de uma história. O que vai dar o sentido é o que o paciente pode contar e criar a partir dos elementos contidos no sonho. Freud denominou de conteúdo manifesto os elementos contidos no sonho, e de conteúdo latente os pensamentos do sonho. “É desses pensamentos do sonho, e não de seu conteúdo manifesto, que depreendemos seu sentido” (FREUD, 1900/2001, p.276).

Para falar em que consiste o funcionamento dos sonhos, é necessário dizer de seus movimentos. A condensação consiste numa junção do conteúdo manifesto do sonho com seu conteúdo latente. Esse mecanismo demonstra que por mais que se interprete um sonho, mais se pode falar, atribuindo diversos sentidos. “Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas, resta sempre a possibilidade de que o sonho tenha ainda outro sentido. [...] é impossível determinar o volume de condensação.” (FREUD, 1900/2001, p.278). O deslocamento, por sua vez, é um deslizamento de elementos oníricos, ou seja, o elemento que aparece como principal no sonho nem sempre é o mesmo que aparece nos pensamentos oníricos, revelando uma espécie de censura que o próprio sonho realiza de modo que o sonhador, ao relatá-lo, atribui como foco um elemento diverso do conteúdo manifesto do sonho: “[...] os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos oníricos.” (FREUD, 1900/2001, p.303). Tais mecanismos, condensação e deslocamento, compõem propriamente o sonho.

Pode-se dizer que os sonhos são formados por letras, fonemas, palavras, conjunções, frases e orações. Cada palavra não tem um significado único, podendo variar, daí os sonhos parecerem sem sentido, desligados da realidade. Mostram justamente a função metafórica das palavras e dos objetos. Sonhar com maçãs, por exemplo, não quer dizer que o sujeito esteja com fome, mas, ao relatar, pode remeter a uma situação traumática que o coloca na posição de sujeito da linguagem enquanto perpassado por esta. O sonho é, portanto, feito de linguagem.

Às vezes, num sonho em que a mesma situação e cenário persistem por algum tempo, ocorre uma interrupção que é descrita com estas palavras: “Aí foi como se, ao mesmo tempo, fosse outro lugar, e lá aconteceu tal e tal coisa”. Após algum tempo, o fio da meada do sonho pode ser retomado, e descobre-se que aquilo que o interrompeu era uma oração subordinada no material onírico – um pensamento intercalado. Uma oração condicional nos pensamentos oníricos é representada no sonho por uma simultaneidade: “se” transforma-se em “quando”. (FREUD, 1900/2001, p.331).

Tal citação, retirada de *A interpretação dos sonhos*, revela o que Freud descobriu, no entanto não nomeou, que o inconsciente tem estrutura e funciona como uma linguagem. O inconsciente opera segundo as leis da linguagem, e o sonho é uma manifestação do inconsciente. Freud, ao relacionar linguagem e inconsciente, que pôde descobrir por meio dos sonhos, apontava que há algo que o sujeito desconhece, não lhe é dado acesso direto.

Freud descobre por meio das formações do inconsciente que há uma parte que o sujeito tem domínio, é consciente, e outra que ele não domina, inconsciente. Isso leva a dizer que o sujeito é, portanto, dividido. Ao diferenciar o inconsciente do eu (consciência), entende-se que o primeiro é independente do segundo. Atribuir, então, um valor de primordial e independência a uma parte do sujeito que não perpassa pelos seus domínios era uma afronta às ideias do homem enquanto dono da razão. Com isso, Freud rompe com o cientificismo de seu tempo, dando início à sua teoria da psicanálise desvinculada da ideia de sujeito enquanto aquele que pensa, trazendo a divisão do sujeito em ego, superego e id (1923). Essa é a primeira noção de sujeito advinda de Freud.

Freud não criou o conceito de sujeito, esta é uma denominação lacaniana, todavia, ao falar dos mecanismos de condensação e deslocamento dos sonhos, traz o sujeito enquanto uma operação de linguagem. Tem-se, em Freud, o sujeito representado pelas formações do inconsciente, chegando à formulação do sujeito representado por um

significante¹, com Lacan. Com ambos os teóricos, o sujeito é efeito de significantes, é efeito da linguagem. Freud fala de deslocamento e condensação; Lacan, por seu turno, fala de metáfora e metonímia como homologas às que realizam os sonhos. Em que consiste tal aproximação?

A condensação, como já definida, consiste num aglomerar, juntar e, portanto, o conceito de metáfora é seu equivalente, pois é o que *vem no lugar de*, é uma substituição. É preciso levar em conta que a operação de condensação corresponde à de metáfora, pois a superposição de significantes forma um novo significante, como se pode observar no exemplo do *famillionário*² de Freud.

Outro exemplo é o ato falho, onde uma palavra vem no lugar de outra que o sujeito esperava proferir e se enganou. O ato falho aponta a divisão do sujeito e o representa. São, portanto, os significantes que foram ditos àqueles que representam o sujeito. Isto quer dizer que no inconsciente há uma dimensão significante. No caso da metáfora é a substituição de um significante por outro. A metonímia, por sua vez, corresponde à conexão de um significante a outro, num deslizamento que produz significação, sendo seu equivalente a operação de deslocamento do sonho.

O sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, que se constitui a partir da linguagem. A linguagem é anterior a todo e qualquer sujeito, antecede-lhe. Com essas noções advindas de Freud, o sujeito lacaniano é efeito da articulação de significantes. É o sujeito que cada significante representa, e não representa outra coisa. Independente da estrutura (neurose, psicose, perversão) a linguagem antecede todo e qualquer sujeito.

Lacan (1966/1998, p.871), em *A ciência e a verdade* (1966), afirma que o surgimento do sujeito da psicanálise só é possível devido à criação do sujeito da ciência: “[...] é impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência [...]”. Afirmação, à primeira vista, parece um paradoxo, já que para a ciência o sujeito é aquele que pensa. É preciso esclarecê-la.

Na filosofia, René Descartes traz a noção do sujeito da ciência por meio do cogito, “Penso, logo sou”. Se para esse filósofo o pensamento funda o ser, é certo que este precisa

¹ Significante é um termo originário da linguística de Ferdinand de Saussure e importado por Lacan para a psicanálise para se referir ao elemento que aparece em todo discurso e que determina o sujeito do inconsciente (ROUDINESCO; PLON, 1998).

² Famillionário é um famoso chiste onde as palavras “familiar” e “milionário” se condensaram formando uma nova palavra, um neologismo. Há, portanto, uma operação de condensação e de substituição. (FREUD, 1905/1996).

da fala para dizer o seu penso, o que envolve toda uma operação de linguagem. “Já que estou hoje sendo arrastado pelas trilhas do inconsciente estruturado como uma linguagem, saiba-se disto – esta fórmula muda totalmente a função do sujeito como existente. O sujeito não é aquele que pensa.” (LACAN, 1972-73/2008, p.28). Lacan vai dizer que *o sujeito é onde não pensa, onde pensa não há sujeito*. Sujeito e ser estão desvinculados. Para a ciência o sujeito é um ser pensante. O sujeito para a psicanálise não é em decorrência do pensamento, nenhum significante pode dizer dele.

A ciência com seu saber tenta dar conta do sujeito, suturando-o pautada na razão, na racionalidade. É um saber advindo de avaliações, da neurociência, de análises comportamentais que suprimem o sujeito. O saber para a psicanálise nunca é dado todo a conhecer, é pelo dito que o perpassa que incidirá a verdade do sujeito produzida no encontro com a linguagem. Com Freud, Lacan pôde dizer “a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo” (LACAN, 1966/1998, p.882). Freud soube deixar que a verdade falasse por intermédio do inconsciente. A partir da experiência com a histérica, Freud atribui à fala o acesso à verdade do sujeito. Quanto mais se fala numa análise, mais aparece o desejo do sujeito.

Mas, por que, então, Lacan formula que “[...] o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência [...]”? Ora, com a ciência o sujeito é rechaçado. A ciência exclui de seu meio tudo aquilo que não pode ser comprovado. Ao fazer essa exclusão ela aponta que há no homem uma parte à qual não se tem domínio. É, portanto, desses buracos da ciência que a psicanálise nasce (ALBERTI, 2008). Com isso, a ciência assinala um indeterminável que lhe atravessa.

Dessa forma, pode-se dizer que a ciência testemunha o fato de que há um impossível em jogo de dar conta, ainda que se debruce sobre o estudo do pensável, dizível e conceituável [...]. A psicanálise tem como referência as mesmas determinações da ciência, no entanto, diferente desta, ocupa-se também do impensável, indizível [...]. (ALBERTI, 2008, p.53).

O sujeito do inconsciente é, portanto, atravessado pela ciência que elege como norma para o homem o pensamento. Todavia, é necessário a fala para que o pensar seja conhecido. O sujeito para a psicanálise quer saber de sua verdade, e para isso ele fala. O que Freud preza, desde sua descoberta, é que o sujeito fale sem julgamentos morais.

A fala se torna veículo de acesso ao inconsciente e às suas formações, sendo aí que aparece o sujeito, ou seja, nos seus ditos. Para discorrer sobre o sujeito, deve-se dizer do

próprio campo no qual ele se constitui, ou seja, o campo da fala e da linguagem. Trata-se do sujeito da gramática, “é um sujeito de predicado”, como dizem os poetas.

Como se vem analisando, a fala ganha um estatuto de primazia acerca do enigma que é o próprio sujeito. Só se tem como saber de um sujeito, de seus sintomas, através da fala, e é nela que aparecem os tropeços. O ser humano é um falante e, como tal, faz parte de um mundo de linguagem desde antes de seu nascimento, é uma estrutura simbólica transmitida pelos pais no desejo que opera sobre a criança, provocando sua fala na tentativa de responder ao que o outro demanda dela. O ser humano está sempre dirigindo sua fala para um outro, é efeito da fala do outro sobre ele.

“Lembremo-nos de que o método instaurado por Breuer e Freud foi, logo depois de seu nascimento, batizado por uma das pacientes de Breuer, Anna O., com o nome de “*talking cure*”. (LACAN, 1956/1998). É com essa nomeação, terapia pela fala, que nasce a psicanálise pautada na hipótese de que pela fala se pode ter acesso ao inconsciente. A partir daí, Freud deixa de lado os antigos métodos utilizados, como era o caso da hipnose, e aposta na fala como aquilo no qual aparece o sujeito.

Foi a partir da experiência com as histéricas que Freud pôde perceber que os sintomas são efeitos das palavras, e que, portanto, colocando-os em palavras podem desaparecer. Alguns sintomas são passíveis de desaparecer mediante uma fala endereçada, outros, no entanto, são mais resistentes a qualquer interpretação. O que é certo, não obstante, é que as palavras têm peso, como que se materializam, ganham corpo. Como um paciente falou num atendimento: “Essa mulher é para mim a gota d’água”, repetia, e não conseguia fazer xixi para ter alta hospitalar, após um exame.

A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento. (LACAN, 1956/1998, p.302).

Freud, em seus estudos acerca da histeria, busca compreender os sintomas e desta forma se aproxima dos fenômenos de linguagem, pois é por meio destes que se desvela a estrutura psíquica, seja neurose ou psicose. E são as histéricas que primeiro lhe fornecem a noção de estrutura psíquica como estrutura de linguagem ao exibirem sintomas que se dissolvem por meio da fala. As convulsões e paralisias eram uma forma de falarem de sua sexualidade através do corpo, e Freud, com a invenção da psicanálise, passa a ouvir essas

verbalizações por meio dos sintomas corporais, atribuindo-lhes um valor simbólico. A histeria passa a ser uma linguagem dos desejos insatisfeitos, impossíveis de serem revelados. Todavia, o inconsciente arruma uma forma de se manifestar, aparecendo no corpo sintomas que revelam que o inconsciente fala: “Traduzindo Freud, dizemos – o inconsciente é uma linguagem.” (LACAN, 1955-56/2008, p. 21).

A fala é uma possibilidade de o sintoma ser traduzido, decifrado. No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1956/1998, p.270) afirma que “[...] o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada”. É nas palavras que todo sujeito se constitui e sofre padecimento inerente à própria condição de ser falante. As palavras lhe curam e lhe adoecem.

A partir destas considerações acerca da fala e da linguagem, entende-se que o sujeito é um ser falante que se constitui *na* e *pela* linguagem. Desse modo, faz-se necessário explicitar aqui o percurso que Lacan fez para chegar ao aforismo “um significante representa o sujeito para outro significante”, ou melhor, para abordar o conceito de significante.

Ao entrar em contato com a linguística, mais especificamente a de Ferdinand de Saussure (1916), Lacan encontra subsídios para desenvolver os conceitos de linguagem, inconsciente, sujeito e significante. “Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto” (LACAN, 1972-73/2008, p.22).

A teoria de Saussure sobre a linguagem argumenta que esta tem como elemento principal e essencial a língua, objeto de estudo que dá à linguística o caráter de ciência, sendo a linguagem formada tanto pela língua como por outra parte que é acessória, a fala. Portanto, língua e fala fazem parte da linguagem humana, esta constituída por signos que são as próprias palavras que se juntam para formar frases e orações com o intuito de produzir sentidos. O signo, por sua vez, é formado por dois elementos – significado e significante, cuja fórmula se escreve: s (significado) /s (significante). O significante é a unidade fônica, ou imagem acústica e o significado o conceito. Eis a teoria do signo linguístico, a qual Lacan buscou fazendo dela um outro uso para a psicanálise.

Para adequar esse algoritmo S/s, tomado de empréstimo de Saussure, Lacan faz uma inversão, dá ao significante prioridade, colocando-o acima da barra. Com isso, subverte a teoria saussuriana e afirma que o significante não significa nada a priori, ele é

vazio de sentido e não se restringe ao significado. Este não dá conta do significante que pode deslizar por vários sentidos e ainda assim é livre, não se encontra fixado a nenhum significado. “O que caracteriza, no nível da distinção significante/significado [...] é propriamente que o significado rateia.” (LACAN, 1972-73/2008, p.26-27). O significado falha, pois não pode abarcar com uma denominação o que é o sujeito.

A relação que se estabelece para a psicanálise com a linguística é entre significantes. O sujeito é, portanto, efeito da relação entre dois significantes, designados de S1 e S2, aparece no intervalo entre um significante e outro.

Lacan (1966/1998, p.833) apresenta o seguinte teorema: “o significante representa o sujeito para outro significante”. Mas, o que significa, o que diz do sujeito? Lacan afirma que o significante sozinho não significa nada. É preciso que ele se encadeie com outros para advir alguma significação. Esse significante que representa o sujeito é vazio de significação, sendo aí que reside seu valor de significante. É o que Lacan (1972-73, p.27) assinala ao fazer referência ao significante quando fala dos anjos: “Não que eu não creia nos anjos [...] simplesmente não creio que eles tragam a mínima mensagem, e é no que eles são verdadeiramente significantes”. Apesar disso, é possível aos sujeitos atribuir significações aos significantes em sua vida: “[...] o significante cria o significado, e é a partir do sem sentido do significante que se engendra a significação” (MILLER, 1987, p.21).

Os significantes não estão colados aos significados, o que permite engendrar diversos sentidos. São desprovidos de uso e ao mesmo tempo se prestam a todo uso que o sujeito pode fazer a partir da linguagem. “[...] como bem se vê no fato de que os objetos da troca simbólica – vasos feitos para ficar vazios, escudos pesados demais para carregar, feixes que se ressecarão, lanças enterradas no solo – são desprovidos de uso [...]” (LACAN, 1956/1998, p.273).

“Tudo surge da estrutura do significante” (LACAN, 1964/1979, p. 196). O sujeito quando fala não é senhor de suas palavras, é atravessado pelo dito que vem do Outro³, tesouro de todos os significantes. “Se o sujeito é o que lhe ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, in initio, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante.” (LACAN, 1964/1979, p.187).

³ Outro com maiúscula vem da palavra francesa *autre* (outro), diferenciando-o do outro com minúscula, aquele ao qual a criança estabelece uma relação especular, imaginária. Trata-se, portanto, do Outro enquanto linguagem, ou seja, tesouro dos significantes ao qual todo sujeito está submetido as suas leis.

Esse momento de encontro com o Outro, encontro com o significante, consiste no tempo que funda o sujeito, e por isso mesmo a relação do sujeito ao Outro é sempre traumática. A própria linguagem é da ordem do que é traumático, e só é possível que haja essa divisão do sujeito em consciente e inconsciente quando do encontro com a linguagem.

A língua materna faz marcas no corpo do bebê, marcas estas que cada sujeito terá que se haver tomando, ou não, para si o que lhe afetou. Não se trata aqui do sujeito que fala, mas do sujeito que emerge a partir dessa fala. Sujeito dividido. “O trabalho que se realiza em análise é trabalho do sujeito que emerge na fala do analisante, nas sucessivas voltas em que revisita o momento traumático que o funda como sujeito” (RINALDI, 2007, p.290).

A teoria de Lacan sobre o sujeito, ao contrário de outras teorias psicanalíticas, aborda o que é ser um sujeito e as condições que levam cada um a se alienar na linguagem, já que esse é um princípio de subjetividade. E para se chegar à condição de sujeito terá ocorrido tanto a alienação à linguagem como a separação do Outro.

Para concluir esse tópico, pode-se dizer que o sujeito vem ao mundo para ocupar algum lugar que estava vazio, vem por diversos motivos dos pais – vontade, necessidade ou desejo. A criança vem como objeto do desejo do outro, e como tal, sofre os caprichos desse outro. Seu corpo é manipulado, sofrendo diversas intrusões. São banhos, alimentos, vacinas, exames, toques de todo tipo que marcam o corpo banhado pela linguagem. É um corpo que não lhe pertence, um aglomerado de sensações que ressoam das palavras ditas pela mãe, o primeiro investimento de amor da criança. O corpo do bebê lhe é estranho, é um corpo estrangeiro. A criança procura se apropriar deste na tentativa de constituir uma unidade. Há, também, por parte da criança, uma tentativa de corresponder às expectativas dos pais que antes mesmo desta nascer já escreviam seu destino nos ditos: “será um menino”, “será um grande engenheiro”, “terá a inteligência da mãe e a agressividade do pai” etc. Ditos estes que o marcarão, uma vez que o processo de alienação o acompanhará por toda a vida.

Na infância se pode observar melhor que o sujeito se encontra alienado aos significantes que recebe do Outro, a criança e o outro são um só, o outro é ao mesmo tempo rival e igual: “[...] uma criança que bateu numa outra pode dizer: o outro me bateu. Não que ela minta – ela é o outro, literalmente.” (LACAN, 1955-56/2008, p. 51). Nesse tempo, seu desejo é sempre desejo do Outro, ela e o outro se confundem, o que constitui a relação mãe-bebê, na qual a criança se encontra à revelia do desejo materno, absoluto e

implacável. “É que o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência.” (LACAN, 1955-56/2008, p. 52). O sujeito está condenado a essa alienação para constituir sua subjetividade, que surge no campo do Outro a partir de sua própria divisão.

Lacan (1964) afirma que a criança vem ao mundo enquanto assujeitada às vontades do Outro, todavia, é esse assujeitamento que permite que ela possa ascender à condição de sujeito. Alienar-se é poder usar os significantes que vêm sempre do Outro, consistindo na entrada do sujeito no campo da linguagem. “[...] o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro.” (LACAN, 1964/1979, p.178).

Todo sujeito vem ao mundo rodeado por palavras ditas pelo outro, pai ou mãe, nasce num universo de linguagem que não lhe pertence. Todas as palavras que vêm do outro constituem, portanto, o Outro da linguagem. “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” (LACAN, 1964/1979, p.193-194).

É possível ascender à posição de sujeito quando a criança faz um acordo e se submete ao Outro enquanto linguagem, pois ao fazer isso ela oferta em seu lugar um significante que possa representá-la, isto é, a criança ao escolher se sujeitar, escolhe ao mesmo tempo ser representada pelas palavras que vêm do Outro. A “escolha” de não se sujeitar ao Outro terá influência na relação do sujeito com os significantes e, portanto, na sua estrutura sintomática.

Apesar de colocar o pacto com o Outro da linguagem como partindo de uma escolha do sujeito, não se trata de uma escolha consciente, mas de uma causalidade psíquica. O sujeito está sempre em relação com as condições que o antecedem, como é o caso da linguagem.

Diferente de outros autores, que atribuíam à loucura causas orgânicas, Lacan coloca a loucura no campo da linguagem, como é possível observar no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946).

Lacan relaciona a loucura com a linguagem, ou seja, todo o fenômeno da loucura é vivido no registro da significação. Isso ultrapassa a sensorialidade e percepção que aparecem nas alucinações e delírios. “[...] na linguagem se justificam e se denunciam as atitudes do ser [...]” (LACAN, 1946/1998, p.168). Tal fato reforça a questão da loucura não como uma escolha consciente, mas que se deve a uma causalidade. O fato de a loucura

não ser um fenômeno de causa orgânica, mas sim psíquica, não torna a experiência da loucura uma escolha consciente. De acordo com Barrêto (2008, p.53):

[...] a causa não tem relação com uma escolha consciente, mas, antes, o que causa uma escolha do sujeito ou o que determina um modo de organização psíquico tem relação com a verdade inconsciente e o modo de gozo de cada sujeito, isto é, cada um tem sua própria causalidade.

A loucura é inseparável do problema da significação, o sujeito sabe que os fenômenos que lhe acometem lhe dizem respeito diretamente. Diante da falta de significação, a perplexidade e a interrogação vêm a insistir, assinalando a necessidade que um sentido se possa fazer. Nas palavras de Lacan (1946/1998, p.166): “[...] o fenômeno da loucura não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem”.

Já que o sujeito é alienado à linguagem, a loucura tem a ver com a dificuldade de separação com o Outro, dono de todas as palavras que o ser se utiliza. Um mínimo de distanciamento é preciso para que o sujeito possa constituir uma realidade psíquica amparada pela significação simbólica.

O sujeito é alienado aos significantes do Outro, no entanto, é também separado do Outro. A criança se normaliza quando antes alienada no Outro, ou no desejo do Outro, passa a tomar esse desejo como sendo seu. O desejo do Outro provoca, portanto, o desejo do sujeito, é o desejo do desejo do Outro.

Para que a separação ocorra é preciso que o Outro se apresente enquanto faltante, isto quer dizer que também a mãe e o pai - os outros da criança - são desejantes, e por isso, incompletos, algo lhes falta, fazendo-os igualmente submetidos à linguagem. “Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso.” (LACAN, 1964/1998, p.203). A separação ocorre quando é possível criar um furo nesse Outro, fazê-lo vacilar. É preciso que a criança perceba algum traço de incompletude no Outro, colocando-o na série dos faltosos e, como tal, subjugado às mesmas leis. Dessa forma a separação pode operar.

Se por um lado o sujeito se encontra alienado à linguagem, por outro tenta se separar do Outro através do seu desejo, sendo esta uma tentativa de não sucumbir às vontades imperiosas de um Outro gozador.

A linguagem, a fala, o Outro: conceitos que vieram sendo desenvolvidos para abordar o conceito de sujeito sem, ainda assim, dizer tudo sobre ele. O sujeito não se apreende, aparece e desaparece como no jogo de esconde-esconde tão típico das crianças

que brincam de fazer surgir e sumir seu ser simbolicamente. Mas será que para todo sujeito a linguagem afeta da mesma forma? A aposta, nesta dissertação, é de que a psicose mostra um outro efeito da linguagem e, em alguns casos, um outro uso. Trata-se de um uso particular da linguagem que implicará em uma relação singular com o Outro enquanto campo da linguagem.

Como se dá, então, a relação do psicótico com a linguagem? O que a psicose tem a ensinar sobre a condição do sujeito enquanto um ser de linguagem? Essas e outras questões serão tratadas a seguir.

1.2 PSICOSE: FUNDAMENTOS DE SUA HISTÓRIA

Toda questão tem um início. Há que se começar pelo início, ou, ao menos, pelo que se nomeia como origem. Porque acerca da origem não se pode dizer a verdade, mas pode-se atribuir uma, no *a posteriori*. Ninguém vem ao mundo como sujeito, e nenhum sujeito nasce louco, são posições que se acede na vida e que somente depois se pode falar.

Na história da psiquiatria antiga muitos eram nomeados como loucos. Pobres, prostitutas, todos que fossem excluídos da sociedade eram encarcerados e tratados como dejetos, pessoas sem subjetividade alguma. Estes, portanto, nomeados de loucos eram foco das mais diversas experiências a fim de se saber e tentar decifrar o que acometia sujeitos que apresentavam estados bizarros e fora da normalidade, ou seja, fora dos comportamentos socialmente aceitos. *Fora*, este é o termo que pode dar uma ideia do que são esses sujeitos. Encontram-se presos do lado de fora, fora da realidade, fora da linguagem socialmente compartilhada, apatriados em seu próprio lar. Estariam mesmo os loucos fora, ou seriam os sujeitos ditos normais que se encontrariam do lado de fora, pois velam o inconsciente e têm a ilusão de usufruir da linguagem e ser senhor dela?

Por volta do século XVIII, a loucura não era considerada uma doença, as práticas que lidavam com o distúrbio mental eram voltadas exclusivamente para questões místicas e religiosas. O adoecimento era entendido como castigo e o doente era considerado culpado por algum ato pecaminoso. Ao longo do tempo a doença mental deixou de ser vista como resultante de um pecado, e passou a ser tratada como um infortúnio que acomete o sujeito, desresponsabilizando-o de qualquer participação em sua doença.

A sociedade explicou e tratou o comportamento anormal de diferentes maneiras. Cada sociedade reagiu à anormalidade de acordo com seus valores e suposições sobre a

vida e o comportamento humano. Inicialmente, a loucura era considerada pelo aspecto religioso, a explicação para a anormalidade era atribuída a causas sobrenaturais. O tratamento, portanto, envolvia preces e diversas formas de exorcismo. De outro modo, com o avanço da ciência, o comportamento anormal passa a ser considerado uma doença mental e, com frequência, tratado com drogas. Duas práticas de cura se destacaram nesse período: a catarse, que significa limpeza, e o ensalmo, que constitui uma fórmula verbal mágica recitada ou cantada perante o doente. Com Freud, tem-se a cura catártica no final do século XIX, onde a palavra já tinha um poder terapêutico, lembrando que a palavra do doente era ignorada (CALDERONI, s/d).

Para situar as doenças mentais que atingem o homem desde muito tempo, cria-se a psiquiatria como uma parte da medicina que estuda as causas e o tratamento das doenças mentais. A medicina passa então a lidar com o tratamento visando à cura. A doença mental vista como mal da alma passa para o campo da filosofia e da religiosidade. “A loucura foi produzida na grande oficina que foi o hospital no século XVIII e, seu artesão foi o psiquiatra” (CALDERONI, s/d, p. 16). Nessa época, muitos hospitais foram construídos com o intuito de colocar num só lugar toda forma de indigentes e sujeitos desprezados pela sociedade.

Mesmo a psiquiatria tendo mudado o caráter místico da doença mental e ofertado um tratamento pautado nos princípios orgânicos, foi a psicanálise que trouxe um diferencial ao apontar que há um sujeito para além do orgânico e do mental, o sujeito do inconsciente.

Na psicanálise, o grande marco acerca da psicose surge com o caso do presidente Schreber, ao qual Freud (1911/1976) se dedicou, dando luz e pontuando o que se passa nessa estrutura. Fez isso a partir do escrito de Schreber, pois Freud não o atendeu, até mesmo porque casos de paranoia não tinham tratamento, sendo avaliados como incuráveis pela psicanálise.

Não podemos aceitar pacientes que sofram desta enfermidade, ou, de qualquer modo mantê-los por longo tempo, visto não podermos oferecer tratamento a menos que haja alguma perspectiva de sucesso terapêutico. Somente em circunstâncias excepcionais, portanto, é que consigo obter algo mais que uma visão superficial da estrutura da paranóia – quando, por exemplo, o diagnóstico (que nem sempre é questão simples) é incerto o bastante para justificar uma tentativa de influenciar o paciente [...]. (FREUD, 1911/1976, p. 19).

Daniel Paul Schreber é o protagonista de um caso de paranoia estudado por Freud a partir de seus escritos autobiográficos, intitulados de *Memórias de um doente dos nervos* (1903), no qual conta toda a sua doença. Seu pai, homem ilustre da sociedade, criou teorias educativas rígidas para ensinar como as crianças deveriam se comportar, eram medidas de higiene e de postura corporal (ortopedia). Sua família era composta por nobres homens da burguesia. Schreber também foi um exímio advogado, tendo muito novo sido eleito para o cargo de presidente do tribunal de apelação. Os primeiros sinais de distúrbios mentais surgem quando Schreber é derrotado em eleições do partido conservador. Quando nomeado para o cargo de presidente tem novo surto e é novamente internado. A partir daí, desencadeia a paranoia relatada em seu livro, no qual se pode acompanhar toda a constituição de seu delírio. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

É válido ressaltar que a psicose nomeada por Freud se referia na época a casos de demência precoce e paranoia, sendo esta última classificada por ele como uma neurose de defesa, destacando que a defesa na paranoia é muito mais forte que na neurose. Esse mecanismo é formado pela rejeição de uma representação que parece nunca ter existido no eu. Posteriormente, Freud afirma que aquilo que não foi integrado ao eu retorna do lado de fora, o que consiste nas alucinações e delírios (FREUD, 1911/1976). A Freud não interessava a nosografia em relação às doenças mentais, mas estabelecer que se tratava de mecanismos diferentes que operam na neurose e na psicose.

Freud estuda a paranoia, que vem a constituir, posteriormente, uma estrutura. Tal estrutura se revela através da linguagem. O discurso⁴ na psicose revela a constituição psíquica do sujeito, seus delírios e alucinações, seja na fala ou na escrita. “Visto que os paranóicos [...] só dizem o que resolvem dizer, decorre disso ser a paranóia um distúrbio em que um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente.” (FREUD, 1911/1976, p.19).

Assim, é com Freud que surge a denominação das estruturas em neurose, psicose e perversão. Lacan aprofunda essa classificação, estabelecendo que se tratam de estruturas de linguagem às quais os sujeitos estão submetidos. É no registro da fala, portanto, que é possível localizar em que estrutura o sujeito se encontra. No *Seminário 17 – O avesso da psicanálise* (1969-70), Lacan avança nessa ideia, elevando as estruturas à categoria de discursos. Formula quatro discursos em que o sujeito pode circular – discurso do mestre,

⁴ O discurso para a psicanálise refere-se com Lacan à lógica significante, ou seja, ao encadeamento de significantes que torna possível ao sujeito estar em algum laço social.

da histérica, do universitário e do analista. Esses discursos vêm apontar a própria estrutura de linguagem, ou seja, há uma gramática que diz do sujeito: “[...] na psicose, assim como na neurose, trata-se da estrutura da linguagem, ou melhor, da relação do sujeito com o significante.” (QUINET, 2009, p. 03-04).

É certo que com Freud muitos esclarecimentos e questionamentos surgiram em torno da psicose, especificamente da paranoia, porém, é com Lacan que as psicoses em nada devem à neurose, tendo muito a ensinar a esta. É a partir do caso Aimée⁵, em sua tese de doutorado, que Lacan desperta para essa estrutura, retomando Freud e buscando também no linguista Ferdinand de Saussure a relação do sujeito com o significante, uma relação de linguagem.

Lacan se dedica ao estudo da teoria e da clínica das psicoses em seu *Seminário 3 – As psicoses* (1955-56). Com Freud, Lacan reafirma a divisão da psicose em paranoia e esquizofrenia, esta última também chamada de parafrenias. Ao longo do tempo, a psicose deixa de ser vista como manifestação mística, moléstia, mal da alma ou demência e passa a ter lugar nas discussões de estudiosos como estrutura que tem algo a ensinar, um saber a ser transmitido.

Lacan, à diferença de Freud, oferece um tratamento clínico à psicose, inicia seu *Seminário 3* fazendo essa proposta. Para isso cita, dentre outros, Clérambault⁶, psiquiatra francês que faz um levantamento das manifestações clínicas e que Lacan destaca como indispensáveis ao estudo das psicoses. A clínica lacaniana das psicoses destaca os fenômenos, tratando o delírio e a alucinação como significantes. Para construir algum saber sobre o alienado é preciso estar no simbólico, considerar o campo da linguagem, pois é este campo que irá fornecer a chave para as alucinações e os delírios.

Sobre o delírio Lacan propõe que as psicoses têm todo um rigor lógico. Tudo se passa no nível da significação. O psicótico sabe que algo o concerne diretamente, não sabe o que, mas sabe que lhe diz respeito. Lacan diz que tudo passa a ter uma significação para o sujeito, da qual ele, inicialmente em seu delírio, desconhece. Pode-se dizer que o psicótico carrega sua própria significação, enquanto o neurótico está o tempo inteiro buscando atribuir significação aos seus significantes.

⁵ Marguerite Anzieu, a Aimée de Lacan, funcionária dos correios desferre um golpe na atriz francesa Huguette ex-Duflos que consegue se defender atingindo apenas sua mão. Após o atentado Marguerite continua a delirar, estando presa na cadeia é transferida para um hospital psiquiátrico onde Jacques Lacan fará entrevistas diárias com o intuito de saber mais acerca da doença. (FREIRE, 2001).

⁶ Lacan é bastante influenciado pelas ideias de Clérambault, chegando a chamá-lo de mestre.

A psicose, com Lacan mais propriamente, deixa de ser vista como incoerência. Lombardi (1994, p. 6) designa que “Lacan não só considera o psicótico sujeito da linguagem, como estuda a psicose a partir de não considerá-la loucura, mas um processo que tem coordenadas lógicas precisas [...]”. A lógica do delírio é de um rigor absoluto, de uma certeza inabalável que não admite vacilações, não faz parte do senso comum. Há algo de extremamente original na psicose que a neurose ignora.

O que talvez angustie no tratamento das psicoses é que o sujeito não precisa que o analista interprete sua fala, a compreensão já está toda dada. O analista deve estar atento às construções que possam advir - e que advém - na formação do delírio. É preciso seguir Lacan (1955-56/2008, p.31), nesse ponto, ao pé da letra: “Comecem por não crer que vocês compreendem. Partam da ideia do mal entendido fundamental”. Lacan não compreendia e interrogava ao paciente em seu ponto fundamental, o sintoma.

O psicótico ama a seu delírio como a si mesmo, dirá Freud (LACAN, 1955-56). O sintoma é o modo particular de o sujeito gozar do inconsciente (LOMBARDI, 1993). Será preciso confiar no sintoma para saber da psicose.

O sintoma, tanto para Freud como para Lacan, não é algo do funcionamento orgânico, ligado aos órgãos do sentido. O sintoma é o que concerne ao significante. “A que se prendem os sintomas? – senão à implicação do organismo humano em alguma coisa que é estruturada como uma linguagem, com o que tal elemento de seu funcionamento vai entrar em jogo como significante” (LACAN, 1955-56/2008, p.222). Enquanto o sintoma na neurose pede uma decifração, na psicose, ao contrário, o sintoma já se encontra desvelado. Ao que Lacan afirma que o psicótico é um mártir do inconsciente, ou seja, ele dá testemunho de toda operação que se desenvolve no inconsciente. O trabalho que se dá na psicose é de ciframento. Trabalho que exerce o sujeito com seu delírio.

Lacan afirma que a análise do delírio possibilita que se observem as manifestações do inconsciente, sendo a partir daí notado que há uma falta na relação de significantes. É essa relação que sustenta a realidade dos sujeitos: “[...] na psicose, algo vem faltar na relação do sujeito com a realidade. Trata-se, com efeito, de uma realidade estruturada pela presença de um certo significante que é herdado, tradicional, transmitido.” (LACAN, 1955-56/2008, p.291). Algo falta na relação do sujeito com o significante, um significante dito primordial. Como o psicótico poderá responder aos conflitos da vida se algo vem a faltar na conexão entre significantes? Questão a se investigar.

Esse significante está na origem e, portanto, estabelece uma lei, a lei simbólica, instituída desde Freud pelo seu Complexo de Édipo. De antemão, é preciso dizer, Lacan retoma o Édipo em Freud, indo além. Se o Édipo é um mito forjado por Freud para dar conta da relação do sujeito com seu inconsciente, com seu desejo, Lacan fará disso uma estrutura. Já que Lacan está no campo do “inconsciente estruturado como uma linguagem” (1964/1979, p.193), ou seja, no campo do significante, o pai é uma função simbólica. “A referência ao Édipo reinstaura a clínica da estrutura do sujeito equivalente à estrutura da linguagem, na medida em que o Édipo é a armadura significativa mínima que condiciona a entrada do sujeito no mundo simbólico.” (QUINET, 2009, p. 07). Aqui se tem, portanto, que a entrada no simbólico vai depender se houve Complexo de Édipo.

Lacan trata do Complexo de Édipo no seminário *As formações do inconsciente* (1957-58), dividindo-o em três tempos.

Num primeiro tempo, a criança tenta satisfazer o desejo de sua mãe, tenta ser para esta aquilo que lhe falta, ou seja, o falo⁷. O falo é o objeto de desejo da mãe. É um tempo onde a criança se encontra identificada ao falo. Consiste, ainda, num tempo em que a mãe é para a criança o Outro absoluto e onipotente. O Outro materno, portanto, é lugar de puro gozo⁸ e saber sobre o *infans*. Aqui não há a barra da lei paterna que separa a mãe da criança, é o tempo da mãe caprichosa, devoradora.

Nesse tempo, o bebê enfrenta uma luta feroz entre ser ou não ser o falo para a mãe: “*to be or not to be* o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p.197). Questão essa imposta para todo ser humano. Nessa fase, o bebê só chora, dorme e mama, mas já aí pode se colocar enquanto sujeito, quando recusa o peito ou a mamadeira ofertada pela mãe. Algo pode escapar a essa dialética mãe-bebê, tanto do lado da criança como do lado da mãe. Esta pode desejar para além do filho, algo que a criança não pode dar e que, portanto, ela não completa. Essa mãe, por exemplo, deseja o pai da criança, e isso se encontra para além das possibilidades do *infans*. Isso que adentra na relação mãe-bebê é um terceiro, um terceiro elemento que vem interromper esta relação, causando uma separação entre a criança e o Outro materno. Esse terceiro consiste no Pai.

⁷ Elemento central do Édipo, o falo é um símbolo que não tem correspondente exato, significante da falta que põe os sujeitos no circuito do desejo. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

⁸ Gozo é um termo que permeia toda a obra de Lacan indo do gozo relacionado ao prazer, ou seja, o gozo fálico que o sujeito pode se utilizar, para um gozo fora do sentido e por isso impossível de se ter acesso. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

O Pai não é o pai biológico, trata-se de funções simbólicas que podem ser exercidas por outras pessoas que não sejam necessariamente os pais da criança. É uma função que opera na relação mãe-bebê, é um terceiro que instaura a lei, a lei da proibição.

Este constitui o segundo tempo do Édipo. Lacan vai chamar esse terceiro de Nome-do-Pai, significante que interdita o desejo da mãe e que impede a criança de ser o falo para esta. Uma barreira de via dupla: Mãe, não terás teu filho. Filho, não possuirás tua mãe. Somente com a entrada do Pai enquanto significante é possível à criança sair da condição de objeto materno para ascender à posição de sujeito definido pela psicanálise.

O Nome-do-Pai é uma metáfora, significante que vem no lugar de outro significante, ou seja, o Pai vem no lugar do Desejo Materno. A função do Pai, portanto, é ser um significante que substitui o primeiro, o desejo da mãe. “Há, propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p. 186). Com Lacan o Nome-do-Pai aponta uma saída do campo do imaginário para o campo do simbólico.

Com a entrada do Pai a mãe passa à condição de castrada, barrada pela lei paterna que opera sobre ela e sobre a criança. A criança que antes se encontrava na posição de ser ou não ser o falo, condição imaginária, passa para a de ter ou não ter o falo, condição simbólica. O falo, então, passa para o nível significante. Ao entrar, portanto, no simbólico o falo se institui como falta no imaginário do sujeito que, a partir de então, passa à condição de falta-a-ser, sujeito faltante e como tal se inscreve na cadeia significante, tornando-se sujeito de linguagem e de fala. “O falo como objeto imaginário do desejo da mãe passa para o nível significante do desejo do Outro. Inscreve-se aí a castração no Outro [...]” (QUINET, 2009, p.12).

A criança, portanto, não está mais submetida ao desejo da mãe caprichosa, o Outro deixa de ser essa mãe e passa a ser o Outro da lei.

A função significante do Nome-do-Pai inscreve-se no Outro, que até então era para a criança ocupada inteiramente pela mãe. Se, no primeiro tempo lógico do Édipo o Outro é a mãe, o Nome-do-Pai é o que vem barrar o Outro onipotente e absoluto, inaugurando a entrada da criança na ordem simbólica. (QUINET, 2009, p. 12).

Ainda no segundo tempo do Édipo a criança passa pelo que Lacan chama de *estádio do espelho*. Esse é o momento em que se constitui o *eu* da criança. Num primeiro momento, a criança vê sua imagem refletida no espelho, mas não a reconhece como sendo

sua, desencadeando uma série de movimentos corporais para que seu outro, o do espelho, repita os mesmos movimentos. Nesse momento não se trata ainda de simbólico. Esse estágio corresponde à identificação da criança com o outro, seu semelhante, ela se confunde com o outro numa relação especular, ela e o outro são um só. A criança passa, portanto, da imagem de um corpo despedaçado para uma imagem unificada de si mesma, um todo (Gestalt), embora ainda não tenha o controle de seus movimentos motores.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, [...] a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1949/1998, p. 97).

É por meio dessa experiência que o corpo disforme passa a ser percebido como integral, o bebê passa do campo do imaginário, da relação especular com a mãe e outros semelhantes, para o campo das trocas simbólicas.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação [...] desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade [...]. (LACAN, 1949/1998, p. 100).

O terceiro tempo do Édipo é o do seu declínio, quando, após ter passado pela fase de alienação ao Outro materno, a criança sai da posição de ser o falo da mãe por meio do significante do Nome-do-Pai, instaurando a separação, o que lhe possibilita entrar no campo do simbólico. É o tempo em que é possível atribuir significações às questões relacionadas ao sexo e à existência devido ao significante fálico ter se inscrito. O sujeito, dispondo da cadeia significativa, pode responder às questões que o colocam diante da castração. “A inclusão do significante do Nome-do-Pai no Outro marca, portanto, a entrada do sujeito na ordem simbólica e permite a inauguração da cadeia do significante no inconsciente, implicando as questões do sexo e da existência, questões fechadas ao sujeito neurótico.” (QUINET, 2009, p.13).

O mesmo não ocorre na psicose, ou seja, não houve a inscrição do Nome-do-Pai. A não inscrição desse significante é chamada por Lacan de *foraclusão*, ou seja, o significante que ordenaria o sujeito no simbólico prescreveu, *foracluiu*. “Dado que o Nome-do-Pai se inscreveu no Outro inaugurando a simbolização, a *foraclusão* do Nome-do-Pai na psicose

corresponde no sujeito à abolição da lei simbólica, colocando em causa todo o sistema do significante.” (QUINET, 2009, p.15). Tal fato instaura consequências para o sujeito, sendo estas percebidas pelo uso que faz da linguagem. Todavia, não significa que o sujeito psicótico se encontre fora do campo da linguagem, mas sim numa relação singular com o significante. É a partir dessa relação singular com a linguagem que gira a questão da psicose.

1.3 A FORACCLUSÃO E OS EFEITOS DE LINGUAGEM

A psicose se caracteriza pela abolição de um significante, que Lacan chamará de primordial, que é o Nome-do-Pai, sua rejeição implica no fenômeno chamado de foracclusão. O que quer dizer foracclusão? Foracclusão é um termo francês – *forclusion* – que Lacan vai buscar no campo jurídico para designar aquilo que prescreveu, que passou do tempo de ser inscrito. Trazendo-o para a psicanálise, quer dizer que o significante que institui a lei, a falta no Outro, não operou, deixando o sujeito à deriva, sem apoio.

Pode faltar alguma coisa numa cadeia dos significantes. Vocês precisam compreender a importância da falta desse significante especial do qual acabo de falar, o Nome-do-Pai, no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante – complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe. Ele é o significante que significa que, no interior desse significante, o significante existe. (LACAN, 1957-58/1999, p.153).

Este significante, que opera na neurose, aparece na psicose como retorno do que não foi simbolizado. A esse respeito Freud vai dizer que na psicose as alucinações e os delírios revelam, no exterior, que algo do interior do sujeito não foi registrado, houve uma rejeição ou abolição: “[...] não é que a percepção tenha sido suprimida internamente e projetada para o exterior, mas sim o contrário, isto é, que aquilo que foi abolido internamente retorna desde fora.” (FREIRE, 2001, p.75). Lacan afirma, a partir de Freud, que “o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real”⁹ (LACAN, 1955-56/2008, p.22). O termo alemão cunhado por Freud é *Verwerfung*, que quer dizer rejeição, o qual Lacan utiliza para falar da foracclusão.

⁹ Acerca dos conceitos de Simbólico e Real, ambos serão tratados no subtópico RSI. Por hora diremos apenas, com Lacan (*As psicoses*, p.22) que a ausência de algo na operação simbólica faz surgir no real sob forma de alucinação.

A *Verwerfung*, portanto, consiste no mecanismo específico da psicose, estabelecendo a diferença primordial da neurose. Não há a inscrição do significante fálico o sujeito não dispõe da cadeia simbólica capaz de articular seus significantes para atribuir significações.

De que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. [...] Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. (LACAN, 1955-56/2008, p.178).

A ausência do significante fálico produz toda a riqueza dos fenômenos de linguagem na psicose. A estrutura da psicose se constitui de distúrbios de linguagem. “A promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos.” (LACAN, 1955-56/2008, p.171).

Enquanto na neurose o sujeito se utiliza da linguagem, podendo produzir em sua fala afirmações, indagações, dúvidas, enigmas, enfim, todo jogo de palavras, o mesmo não acontece na psicose, onde o sujeito é falado e se encontra nas frases localizado como objeto da oração. É pela própria gramática que se pode identificar onde se encontram os sujeitos, em que estrutura se localizam. E dizer estrutura já é dizer linguagem. “[...] quando analisamos uma estrutura, é sempre [...] do significante que se trata” (LACAN, 1955-56/2008, p.215). Lacan estuda as três estruturas psíquicas, definidas por Freud, enquanto estruturas de linguagem.

Na neurose, o sujeito se apropria do significante que vem do Outro e o toma como seu. Ao contrário, na psicose o sujeito fica submetido ao significante como uma língua estrangeira, que vem de fora. “A se supor que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala.” (LACAN, 1955-56/2008, p. 21).

A linguagem habita o sujeito psicótico e, como tal, aparece de forma alucinada, especificamente nas alucinações verbais. Enquanto o Outro é mudo na neurose, na psicose ele fala. Um sujeito ouve vozes, é certo que poderia se dizer que se trata de uma alucinação auditiva, no entanto não depende do órgão, mesmo sujeitos surdos podem alucinar vozes: “Trata-se, pois, da alucinação do verbo e não de um distúrbio ligado aos órgãos do sentido como sua classificação parece sugerir: alucinações auditivas, visuais, táteis etc.” (QUINET, 2009, p.16).

Lacan (1955-56/2008, p.162) vai abordar a alucinação não como o que é da percepção, mas como o que é da ordem do significante: “[...] o que vocês compreendem num discurso é outra coisa que o que está registrado acusticamente”. As alucinações comprovam que não se trata do sensorio, é antes da linguagem, o significante se impondo ao sujeito em sua dimensão de voz, por exemplo.

Dado que o neurótico afirma ter uma voz da consciência que identifica como sendo sua, o psicótico a rechaça, não reconhecendo essa voz como sua, surge no real em forma de alucinação. Na psicose, portanto, o que ocorre se dá no nível do Outro, ou seja, a voz alucinada vem sempre de fora: é um amigo, vizinho, médico, alguém que entra na cadeia significante do psicótico como perseguidor ou como aquele que visa diretamente ao sujeito. Como no caso de Schreber que desenvolve um delírio persecutório em relação a seu médico, o Dr. Flechsig: “[...] havia certas pessoas por quem pensava estar sendo perseguido e prejudicado, e a quem dirigia vitupérios. A mais proeminente delas era seu médico anterior, Flechsig, a quem chamava “assassino da alma” [...]”. (FREUD, 1911/1976, p. 25).

De acordo com Souza (1999, p.54), “A voz que atormenta o psicótico é uma voz em ato, voz real, impossível de apreender pelo significante [...]”. Falta ao psicótico o significante que permite uma percepção compartilhada da realidade. Sem o significante Nome-do-Pai, o Outro na psicose não é barrado e, portanto, faz-se ouvir.

Os efeitos da forclusão são devastadores sobre o sujeito, que fica à revelia do Outro gozador. Tais efeitos podem ser observados num fenômeno de linguagem típico na psicose – o neologismo.

O neologismo é um termo comum na linguística e se refere a uma palavra nova que não existe no léxico e que, até então, não era compartilhado na sociedade. Para a psicanálise, o neologismo não precisa ser, necessariamente, um termo inédito, basta que para um sujeito em questão tenha um uso particular, não partilhável com outras pessoas. Seu uso é único e só serve àquele sujeito. Na psicose, o neologismo tem um uso indefinível, adquirindo uma significação que diz respeito somente ao sujeito e que não remete a uma outra significação, pois já contém toda a significação em si mesma.

O próprio Schreber sublinha sem cessar a originalidade de certos termos de seu discurso. Quando ele nos fala, por exemplo, de *Nervenanhag*, de adjunção de nervos [...] São palavras-chaves, e ele próprio nota que nunca teria achado a sua fórmula, palavras originais, palavras plenas, bem

diferente das palavras que emprega para comunicar a sua experiência. (LACAN, 1955-56/2008, p. 44).

Lacan adverte que é preciso ouvir essa palavra (o neologismo) no ponto mesmo em que concerne somente ao sujeito e não significa mais nada. “Pois, seguramente, esses doentes falam a mesma linguagem que nós. Se não houvesse esse elemento, não saberíamos nada deles” (LACAN, 1955-56/2008, p.45). O que aqui Lacan coloca é que tais termos neológicos não têm um uso fora da sintaxe, encontram-se bem articulados nas frases, podendo por isso passar despercebido que o sujeito está falando de seu delírio.

Já que estão bem organizados nas frases, onde o neologismo aponta ser um transtorno da linguagem? Para dizer disso a linguística é bem vinda.

Na linguística saussuriana há duas relações que ocorrem simultaneamente na língua – relação paradigmática e a sintagmática. As relações sintagmáticas são baseadas no caráter linear da língua, numa relação espacial que impossibilita de pronunciar dois termos ao mesmo tempo, estando um após o outro. Diferentemente, nas relações associativas (eixo paradigmático) uma palavra chama, de forma inconsciente, outras que têm alguma semelhança. Este eixo não está baseado na extensão, os termos existem na memória de cada falante. É nessa relação que se encontra um verdadeiro tesouro de palavras, representando a riqueza da língua presente na memória de cada falante. (SAUSSURE, 1916/2006).

O sintagma corresponde à fala, o paradigma corresponde à língua, ao que só se tem acesso quando passa para o discurso. Esses dois eixos, sintagmático e paradigmático, podem ainda serem compreendidos como os movimentos metonímico e metafórico da cadeia significante proposta por Lacan. A metonímia como o encadeamento linear, a fala consciente e, a metáfora como a irrupção do paradigma no sintagma, a substituição de uma palavra por outra, que mantém com esta certa relação de semelhança.

O distúrbio de linguagem não ocorre no sintagma, mas no paradigma. É possível ao sujeito psicótico construir frases gramaticalmente corretas, porém no polo metafórico é que está o problema, não há substituição de uma palavra por outra, pois o neologismo não chama outro sentido. “O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal” (LACAN, 1955-56/2008, p.44).

A partir desse distúrbio da linguagem (o neologismo), pode-se perceber na psicose a ausência da metáfora. Mais especificamente a metáfora paterna.

Lacan, no *Seminário 3 – As psicoses*, discorre acerca da metáfora, definindo-a a partir da psicose. Apesar de as frases construídas pelo psicótico poderem ter algum sentido, Lacan destaca que não aparece nada semelhante a uma metáfora. “Algo me surpreendeu – mesmo quando as frases podem ter um sentido, nunca se encontra nada que se pareça a uma metáfora” (LACAN, 1955-56/2008, p.254).

A operação da metáfora consiste na substituição de uma palavra por outra, uma substituição significante. A substituição de um significante por outro, como já mencionado, possibilita que um sujeito possa advir, já que o Pai enquanto metáfora é o que vem no lugar do desejo da mãe que é sempre enigmático e impossível de ser satisfeito. A metáfora paterna permite à criança advir como sujeito, condescender ao simbólico e fazer uso da língua. Esta metáfora inscreve a criança através do significante que a nomeia enquanto sujeito.

A abolição desse significante, Nome-do-Pai, produz no sujeito um vazio de significação que retornará, o retorno do foracluído. O sujeito não tem como se inscrever no discurso comum. Terá que inventar uma outra inscrição fora da norma fálica.

Sem o acesso ao significante fálico o sujeito terá dificuldades em manter o corpo unificado, como se observa nas sensações de esfacelamento corporal que testemunha o psicótico. Um corpo sem arrimo. Na falta do significante instaurador do simbólico estaria vetada ao sujeito a possibilidade de constituir um corpo e fazer laço social. O corpo como o que também é um efeito da linguagem. No entanto, como a clínica da psicose aponta o particular de cada caso, têm-se construções variadas para lidar com a ausência do significante fálico. Ponto a que se pretende chegar com o presente trabalho.

A psicose, por ser a estrutura que apresenta o inconsciente a céu aberto, coloca à mostra seus mecanismos e funcionamento. Por outro lado, expõe também o trabalho de criação do sujeito para amparar sua realidade. Todo sujeito terá que desempenhar um trabalho criativo na sustentação de sua realidade.

Mesmo na ausência do significante paterno é possível aos sujeitos psicóticos trabalhar, estudar, se relacionar cotidianamente. São sujeitos que em dado momento da vida tiveram um desencadeamento com ou sem intenações, e que puderam voltar ao convívio social.

Desse modo, faz-se pertinente questionar: como a tais sujeitos foi possível retomar suas atividades comuns? Ou, ainda, como se mantiveram até o momento que antecede o desencadeamento?

A linguagem veio antes e, portanto, o sujeito terá que lidar com o fato de ser estrangeiro em sua própria língua. É a língua do Outro que fornece os significantes que representarão o sujeito. Na falta de um que possa representá-lo, o sujeito terá que estabelecer seu lugar no Outro de outras formas.

São questões como essas que impulsionam a investigar a clínica da psicose no que tange ao tratamento e as soluções encontradas por cada sujeito, no particular de cada caso. Soluções singulares que trazem consigo a marca própria e intransferível da loucura que habita em todo sujeito.

1.4 A MUDANÇA DE PARADIGMA E O RSI

Quando o que Lacan designa como estrutura já não é unicamente a estrutura da linguagem, mas a estrutura do discurso, que inclui um elemento heterogêneo ao significante, será que a forclusão continua a ser a chave universal de abordagem da psicose? (SOLER, 2007).

O ensino de Lacan é dividido pelos pós-lacanianos em duas clínicas, sendo os conceitos modificados com o avanço da teoria e clínica psicanalítica. Do chamado retorno a Freud, Lacan faz mudanças, amplia os conceitos e inventa o Real para dar conta do inconsciente freudiano.

Na primeira clínica, início do ensino, Lacan aborda – a partir de Freud – as estruturas psíquicas (neurose, psicose e perversão) em sua relação com a linguagem, o que foi exposto neste trabalho, escolhendo falar da psicose. É uma clínica do sujeito, do Édipo, do grande Outro, conceitos que vão considerar o significante, a forclusão ou a inscrição do Nome-do-Pai. Dizer significante é dizer uma clínica pautada no Simbólico. O sintoma é dissolvido por meio da fala do paciente. É o sintoma interpretável, herança de Freud. É também a clínica onde a psicose é tida como déficit em relação à neurose em virtude da ausência do significante paterno.

A segunda clínica, também chamada último ensino, aponta um para-além de Freud. O Nome-do-Pai deixa de ser o único modo de lidar com a falta, passando a existir outros

meios. Lacan cria os matemas¹⁰ para falar do registro do Real. É uma clínica pautada na escrita, a clínica borromeana¹¹. “Seria a clínica borromeana em oposição à clínica estrutural” (MILLER, 2011, p.10). O sintoma passa a ser algo não dissolvido completamente, ficando um resto não passível de resolução. Sua grafia se modifica, de sintoma a *sinthome*, sobre o que será falado mais adiante.

Há uma mudança fundamental no ensino de Lacan; se a primeira clínica está pautada no Simbólico, a segunda, por sua vez, é a clínica do Real, do impossível de ser dito. (MILLER, 2011).

Até o dado momento, abordou-se a psicose e a teoria lacaniana pelo viés da chamada primeira clínica. Pretende-se agora trazer a segunda clínica para chegar ao foco deste trabalho, a escrita como possibilidade de estabilização¹² na psicose. Todavia, a primeira clínica de forma alguma foi descartada, permeia toda a teoria e ensino lacaniano. O avanço consiste, dentre outras coisas, em sair da condição de déficit em que se encontrava a psicose, pois considerava o significante Nome-do-Pai como único ordenador da realidade. A ausência do significante paterno ainda é considerada, no entanto, é possível à psicose outras soluções à forclusão. A psicose consiste numa lógica, o que quer dizer que não é deficitária em relação a nenhuma outra estrutura psíquica. Como afirma Lombardi (1994, p. 5): “A lógica é a arte de produzir uma necessidade de discurso [...] E nisso não encontramos um déficit no psicótico, senão sobretudo uma tendência mais exagerada que em um homem comum.”

Por volta da década de 1970 a psicose é tida como paradigma, pois mesmo a neurose, dispondo do Nome-do-Pai, não pode a tudo significar (GUERRA, 2007). Diante do desejo materno o neurótico também claudica, tendo que se ver com o enigma do Outro. A falta, portanto, é estrutural, isto é, para todo sujeito está posta a questão da impossibilidade de um significante que possa a tudo responder, que tape o buraco do Simbólico. “A linguagem comporta essa falta em si, a falta estrutural do outro significante. Assim, jamais se poderá abarcar a totalidade do dizer, resta sempre algo a ser dito, algo

¹⁰ “Termo criado por Jacques Lacan em 1971, para designar uma escrita algébrica capaz de expor cientificamente os conceitos da psicanálise, e que permite transmiti-los em termos estruturais, como se tratasse da própria linguagem da psicose.” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.502).

¹¹ Nesse momento, Lacan, em 1972, passa do modelo analítico voltado para a linguagem, para o sentido, tempo da primazia do Simbólico, para um tempo onde o Real prevalece. O nó borromeano consiste numa lógica estrutural para falar de psicose, indo do Simbólico para o Real. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

¹² O termo estabilização é usado por Lacan em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958) para dizer da construção delirante de Schreber na tentativa de organizar sua realidade. Nem todo caso pode ser utilizado o nome estabilização, mas aqueles em que houve a construção de uma realidade estabilizada.

que nunca será dito. Falta um significante ao mundo dos significantes.” (SOBRAL, 2008, p.32).

A psicose deixa de ser entendida somente pela forclusão do significante paterno e passa a ser o ponto de onde se parte para falar de sujeito, linguagem e gozo. Há uma incompletude na ordem simbólica, ficando um resto carente de significação. “O encontro com o Outro é sempre faltoso e, para isso, não há remédio. Ao contrário, é desse encontro que nasce a possibilidade de construção de uma resposta pelo sujeito.” (GUERRA, 2007, p.14).

A partir da mudança de paradigma, a psicose passa a ser estudada pelo viés das soluções, ou seja, do saber fazer com a incompletude de significação. Tais invenções se encontram diretamente relacionadas à problemática fundamental deste trabalho, a saber, a psicose e a escrita como uma solução. Há várias soluções, o sujeito psicótico aponta as suas invenções, arte de ex-sistir¹³ fora da norma fálica. De acordo com Oliveira (2008, p.08):

Neste período inicial do ensino de Lacan, todos os fenômenos da loucura serão reportados ao campo do sentido, já sendo possível notar um movimento de introduzir os fenômenos psicóticos dentro da lógica significante – da função da fala e do campo da linguagem. E será em torno da relação peculiar entre psicose e linguagem que, posteriormente, será definido o que é próprio desta estrutura clínica.

Num primeiro momento, isto se fará opondo a psicose à neurose. Já ao final de seu ensino, Lacan tomará como referência para a concepção da estrutura psicótica, não apenas a relação dos neuróticos com a linguagem, mas o que define a linguagem como uma estrutura inconsistente para todos os falantes.

A falta estrutural traz a noção de uma forclusão generalizada¹⁴, ou seja, há um elemento foracluído tanto para neuróticos como psicóticos. Isso exige uma solução que amarre os três registros da realidade psíquica – Real, Simbólico e Imaginário, conhecidos também pela sigla RSI. Antes de dar continuidade à mudança que ocorre no ensino de Lacan, é necessário tratar dos três registros que compõem a realidade de todo sujeito. Esses três registros definem e organizam o mundo interno e o mundo externo de cada sujeito,

¹³ Ex-sistir termo que quer dizer algo que está do lado de fora, mas que é ao mesmo tempo exterior e interior, o que Lacan nomeia de *extímo*. (FINK, 1998). É algo que pode ser colocado uma definição, um dentro, mas que insiste em escapar, não ser abarcado. É, talvez, a condição na psicose do sujeito que consegue se manter na realidade, ou seja, estar no social, sem no entanto, compartilhar da norma fálica que rege a neurose.

¹⁴ Termo cunhado por Miller no Curso de Orientação Lacaniana “Todo mundo é louco” (2007-2008), a partir da ideia de que todo mundo delira, ou seja, para todo sujeito há um elemento faltante que não completa a cadeia significante. Diante do real todos são loucos. (MILLER, 2011).

sem os quais não seria possível a existência de uma realidade psíquica. São essas três categorias que o sujeito deve manter articuladas para sustentar sua realidade. De acordo com Oliveira (2008, p.22):

A realidade humana define-se, assim, como não tendo nenhuma existência intrínseca, mas como uma consistência produzida através da construção de um véu tecido de imaginário e simbólico que serve para recobrir o real. [...]

Dentro desta nova perspectiva, podemos afirmar que a função do Nome-do-Pai é a de fazer consistir, para cada sujeito, uma realidade sem existência prévia e que não existe outra escolha senão se servir dele, já que não há uma amarração a priori dos três registros.

De que se trata, então, cada um desses registros?

O Imaginário consiste no lugar psíquico no qual o sujeito tenta constituir uma integridade do seu corpo por meio da identificação com um outro semelhante, tal qual a imagem refletida no espelho. Como já abordado, através do texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (LACAN, 1998), é a imagem que faz a unidade do sujeito. O imaginário é o que faz crer ao sujeito que ele tem um corpo.

Qualquer que seja a estrutura que os determine – neurose, perversão ou psicose -, os sujeitos não habitariam a realidade sem o concurso do imaginário. A crua e nua aridez do simbólico, pura lei de uma combinatória impessoal, assim como a radical ausência de sentido, lei ou ordem que define o real, tornariam ambos impossível o viver humano se o imaginário, com seus véus e disfarces, não viesse vestir e dar corpo a essa insuportável e abjeta nudez. (SOUZA, 1999, p.32).

O Simbólico, por sua vez, é o campo dos significantes, lugar que permite aos sujeitos estarem na linguagem e poderem se utilizar dela. É o campo do Outro enquanto operador da castração, permitindo a inscrição do sujeito na própria linguagem. Pensar em Simbólico remete diretamente à linguagem, pois o Outro é detentor de todos os significantes.

O Simbólico permite ao sujeito jogar com as palavras, estabelecer o sentido de uma palavra justamente pelo seu oposto, pelo seu avesso. A palavra nomeia a coisa, tem estatuto de simbolizar os fatos e acontecimentos, sem que para isso a própria coisa tenha que vir. A palavra vem em no lugar da coisa, como seu representante. Como na brincadeira do *fort* (longe) *da* (perto), Freud (1920) pôde perceber que a criança consegue simbolizar a ausência-presença da mãe, fazendo com que esta continue a existir mesmo que não esteja

presente. Utilizando-se desse jogo a criança consegue se separar do Outro por uma intermediação simbólica.

Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a se nomear em um momento original cuja perpétua recriação o talento de Freud captou na brincadeira da criança. E desse par modulado da presença e da ausência, [...] nasce o universo de sentido de uma língua, no qual o universo das coisas vem se dispor. (LACAN, 1998, p.277).

O Real, conceito criado por Lacan, não se trata da realidade como comumente se concebe, a realidade socialmente compartilhada dos homens. O Real consiste antes naquilo que nenhum homem é capaz de pronunciar, aquilo que insiste em não se escrever, que não tem outro nome a não ser o próprio Real. Nas palavras de Guimarães Rosa, que através da literatura se aproxima desse conceito, pode-se observar o real como o que não tem um nome, mas o que aponta uma pluralidade, pois escapa a toda significação:

O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! (1978, p.33).

Tantas denominações para falar do inominável porque nenhuma nomeação lhe é suficiente, nenhum nome é capaz de simbolizar o próprio Real. A diversidade de significantes, como esses utilizados por Guimarães Rosa, aponta para a tentativa do sujeito de dar conta do real, articulando em palavras o que é da ordem do traumático. “Estimulando o analisando a dizê-lo e relacionando-o com um número cada vez maior de significantes, o real é submetido à “dialeitização”, sendo incluído na dialética ou no movimento do discurso do analisando e posto em funcionamento.” (FINK, 1998, p.46).

Ao longo do ensino de Lacan o Real sofrerá mudanças. Na primeira clínica, pautada no Simbólico, o Real se encontra na perspectiva daquilo que resta não abarcado pelo Simbólico. Na segunda clínica o Real se apresenta como ele próprio, ou seja, irreduzível a significantizações, não passível de simbolização, um impossível de se escrever.

Na segunda clínica, Lacan cria matemas, utilizando-se de letras para falar desse Real. É a clínica dos nós borromeanos. A segunda clínica vem apontar que cada sujeito pode arrumar um modo particular de lidar com a falta e fazer suplência¹⁵ – seja pela arte,

¹⁵ Aquilo que exerce função de amarrar os três registros – Real, Simbólico e Imaginário. Como é o caso do significante Nome-do-Pai. Tal conceito será melhor definido no tópico a seguir.

pela escrita ou outra criação. Lacan irá dizer que o Nome-do-Pai é mais uma forma de se arranjar com essa falta e, que há tantas outras.

O nó borromeu ou borromeano consiste num nó de três aros cuja característica principal é o fato de que caso se corte um dos aros todos os outros se desfazem. Esse nó consiste na amarração dos três registros – Real, Simbólico e Imaginário – que se dará de forma singular para cada sujeito. Para que o sujeito possa dar conta da realidade é preciso que esses três registros se encontrem enodados de alguma forma. Com a topologia dos nós não há mais primazia de um registro sob o outro - são equivalentes.

O nó borromeano passa, em seguida, a ser representado não mais com três aros, mas com quatro. Todo sujeito terá que inventar esse quarto nó. Neuróticos e psicóticos, nesse sentido, fazem suplência. Lacan passa a considerar que para que os três registros (RSI) permaneçam atados se faz necessário um quarto nó que permita um enodamento.

Assim colocará: “a noção de suplência no campo da leitura das soluções subjetivas ao colocar como questão para o Seminário RSI, na aula de 11/02/1975, se, quanto ao atamento do Imaginário, do Simbólico e do Real, seria preciso uma ação suplementar, de um toro a mais [...]” (GUERRA, 2007, p.111).

Há a falha do Nome-do-Pai, a psicose mostra isso, mas há ainda a falta de um significante que poderia fazer par com outro, uma falta estrutural da linguagem. Desse modo, cada sujeito terá que inventar seu quarto nó. A clínica borromeana é também conhecida como clínica das suplências, pois se a todo sujeito falta um significante, aquele que viria a fazer par com o significante mestre (S1), sendo falho todo enodamento, é preciso uma suplência.

No *Seminário 20 - Mais, ainda* (1972-73), Lacan aborda essa noção de incompletude afirmando que “não há relação sexual”. Entre um homem e uma mulher há ato sexual, mas não relação, pois esta é da ordem de um encontro onde haveria um par de significantes. No entanto, só há um. Só existe o significante fálico, não há outro. A partir deste, os sujeitos se colocam na ordem do *ter*, como tendo ou não o falo, na partilha dos sexos. Como afirma Souto (2011, p.41), “Essa impossibilidade de inscrever a relação sexual na linguagem e, conseqüentemente, de fazê-la existir como uma relação que seria completa entre os sexos, é o que podemos designar, com Lacan, de uma foraclusão generalizada, isto é, a presença de um furo, de um vazio [...]”.

Com a segunda clínica tendo instituído a questão de uma foraclusão generalizada e que o Nome-do-Pai não é mais o único parâmetro para se pensar a loucura, faz-se

importante acentuar o caráter da função desse significante na amarração dos registros para logo em seguida abordar a suplência por meio das invenções psicóticas.

Uma vez que é possível aos sujeitos fazer invenções para lidar com a falta, tais invenções só possibilitarão uma suplência quando conseguem suprir a ausência de qualquer Nome-do-Pai estabelecido. O Nome-do-Pai faz operar a castração sobre o Outro, limitando seu gozo, o que protege o falante do encontro com o Real e o coloca na dimensão do discurso, fazendo existir laço social. Para fazer parte de um discurso é preciso que o gozo seja limitado, e o Nome-do-Pai faz barreira a este.

Ao longo do seu ensino, Lacan caminha para a noção de que a forclusão pode ser compensada, ou melhor, pode ocorrer uma operação suplementar. O tratamento na psicose, portanto, visaria à construção de uma suplência, ou seja, algo que possa vir no lugar do Pai que não operou. A construção de um sujeito que opere enquanto suplência deve ter efeito de localizar e enquadrar o gozo. Localizar e enquadrar o gozo permite ao sujeito sair da perplexidade em que se encontra o psicótico quando diante do Outro sem lei. É uma operação que circunscreve o gozo, colocando-o a serviço do sujeito, gozo que ele pode se utilizar.

Essa operação com o gozo, a fim de reordenar a realidade, pode acontecer pela via do sentido, ou seja, nas identificações imaginárias e no delírio, ambos visando à significação, ou pode ser pelo que não veicula sentido, e aí ter-se-ia um trabalho com a letra¹⁶, com o que foge à significação, da ordem do real. (ALVARENGA, 2000). Caminho que este trabalho dissertativo pretende traçar, abordando o sentido e o sem sentido na psicose.

Devido à forclusão do Nome-do-Pai, o sujeito na psicose é obrigado a fazer uma suplência para se manter na realidade. Em sua tentativa de suprir o Nome-do-Pai, o psicótico é criador de teoria e arte, como Bispo, entre tantos outros, inventando uma maneira de ex-sistir fora da norma fálica. (QUINET, 2009, p.56-57).

¹⁶ Lacan parte da ideia de letra como o suporte material do significante, em *A instância da letra no inconsciente*, para posteriormente diferenciá-la explicitamente do significante. O conceito de letra vai se modificando durante todo o ensino lacaniano.

Retomamos a citação de Oliveira (2008)¹⁷, ao dizer que os registros RSI não se encontram enlaçados, a princípio é preciso ao sujeito se servir de um Pai, de algo que faça essa função¹⁸. É esse o efeito que podem ter as invenções na psicose.

Mas, com isso, não se estaria ainda no registro da psicose enquanto déficit ao dizer que se faz necessário constituir um Nome-do-Pai?

O Nome-do-Pai na primeira clínica é um significante que ordena a constituição psíquica dos sujeitos, colocando de um lado aqueles para quem este se inscreveu – neurose – e de outro aqueles para quem prescreveu – psicose. Com o advento da segunda clínica, o Nome-do-Pai passa a consistir naquilo que mantém enlaçados os três registros RSI, impedindo de se soltarem, desfazendo assim a realidade do sujeito. Dessa forma, falar em Nome-do-Pai é assinalar o que faz nó, deixando a cada sujeito seu modo de amarração.

Como o enlaçamento dos registros são diversos, não há apenas um meio de se fazer isso, mas uma pluralidade – a pluralização do Nome-do-Pai: “[...] a disjunção entre o significante do Nome-do-Pai e os nomes do pai como versões, suplências, fica evidente.” (GUERRA, 2007, p.129). Com isso, responde-se a pergunta feita logo acima, ou seja, o percurso vai do Nome-do-Pai como significante para o Nome-do-Pai como versões singulares.

Com a mudança da primeira à segunda clínica, Lacan enseja ainda um percurso que vai do campo da linguagem para o campo do gozo. Ou, ainda, do significante como estruturante para um impossível que atravessa a própria estrutura da linguagem, demonstrando a debilidade que se põe para todo falante. “Em termos precisos, se o real veio para o primeiro plano do ensino de Lacan é por ele ser o que não pode ser superado pelo simbólico, o que não pode conhecer essa *Aufhebung*, essa significantização, permanecendo inassimilável” (MILLER, 2011, p.24).

À impossibilidade de dizer o Real os sujeitos arrumam formas diversas de obturar a falta. O princípio de normalidade passa a ser que cada sujeito inventa sua própria amarração dos três registros. A ideia do Nome-do-Pai como único operador de subjetividade vai perdendo força e dando lugar à multiplicidade de soluções.

A partir da constatação de que o Nome-do-Pai é um dentre os diferentes modos de amarração possíveis para um sujeito, para todos os sujeitos se

¹⁷ “Dentro desta nova perspectiva, podemos afirmar que a função do Nome-do-Pai é a de fazer consistir, para cada sujeito, uma realidade sem existência prévia e que não existe outra escolha senão se servir dele, já que não há uma amarração a priori dos três registros.” (2008, p.22).

¹⁸ A teoria do final de análise se pauta no sujeito se servir do Pai ao ponto de poder chegar a prescindir dele.

colocará a exigência de buscar uma solução, ainda que cada um vá tecê-la com seus recursos e com a singularidade que sua estrutura dispõe. Em outras palavras, é universal a forclusão (MILLER, 1998a) e singular sua solução. (GUERRA, 2007, p.15).

Ao discorrer acerca da primeira à segunda clínica lacaniana, do significante Nome-do-Pai para os nomes do pai, uma nova perspectiva se coloca para a psicose: o psicótico não deve mais ser apenas situado como aquele que padece da não inscrição do Nome-do-Pai. Há saídas para lidar com a falta estrutural. E ainda uma questão: que artifícios estes sujeitos inventam para lidar com a falta que se impõe a todos? A clínica constitui um indicador fundamental acerca das diversas soluções encontradas por esses sujeitos. É o particular de cada caso que servirá para falar de uma universalidade na psicose.

1.5 AS INVENÇÕES PSICÓTICAS

Após falar acerca da mudança de paradigma, tendo a psicose apontado um novo olhar para lidar com a falta estrutural, é preciso definir melhor o conceito de suplência, já que se encontra relacionado às soluções na psicose.

Suplência tem a seguinte definição no dicionário Aurélio (2001): “ato de suprir, cargo de suplente; suplente: que supre; que pode ser chamado a exercer certas funções, *na falta daquele a quem tais funções cabem efetivamente*” (grifo nosso). É, portanto, essa condição do que pode vir em lugar do significante que não operou, na psicose, que determina do que se trata quando se fala em suplência.

Tal conceito surge a partir do avanço de Lacan nos estudos acerca da psicose e das soluções que estes sujeitos encontram. Essas soluções, tentativas de cura, são denominadas de estabilizações. Estas dizem respeito às saídas que alguns psicóticos encontram para lidar com o Real que se lhes apresenta, rompendo o fino elo que tinham com a realidade. De acordo com Alvarenga (2000, p.15): “A estabilização é uma operação que circunscreve, localiza, deposita, separa ou apazigua o gozo, correlativa de uma entrada em algum tipo de discurso, por mais precário que ele seja”.

Para discorrer acerca da estabilização, é salutar tentar definir o que é o gozo, termo que surge sempre que se fala de psicose. Lacan (1972-73/2008, p.11) toma o conceito de gozo do direito, tal como o de forclusão; toma-o no sentido do usufruto. Todo ser humano pode gozar de seus bens, sem, no entanto, gastá-lo demais. O gozo está entre o prazer e o

desprazer na medida em que é o que faz todo sujeito operar como tal e estar na linguagem e, ao mesmo tempo, é o que produz angústia e está fora do sentido, não há como medi-lo nem contê-lo. O gozo é o que não se deixa apreender. “É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo”. Diante da impossibilidade de tudo dizer, o gozo precisa ser localizado, circunscrito, barrado, possibilitando ao sujeito um gozo parcial. É diretamente com o gozo que o psicótico tem que lidar sem o aparato neurótico do significante Nome-do-Pai. Um gozo desmedido que precisa ser aparelhado. Uma das formas de aparelhar o gozo é pela via de soluções que fazem laço social.

De acordo com Guerra (2007, p.25), “Foi somente com Lacan, psiquiatra de formação, que a clínica com a psicose avançou, tendo ele vislumbrado e teorizado pelo menos três possibilidades diferentes de saída na psicose: a passagem ao ato, a metáfora delirante e a escrita (obra)”. Abordar-se á essas três saídas na psicose, da qual o foco desta dissertação é a escrita.

De início, o caso Aimée, de Lacan, um caso de paranoia que teve uma estabilização pela passagem ao ato.

Margueritte Anzieu, a Aimée, ao esfaquear a atriz francesa Huguette ex-Duflos, é presa, sendo em seguida transferida para o hospital Sainte-Anne, onde o psiquiatra Jacques Lacan começa a atendê-la. O atentado ocorreu porque Margueritte acreditava que a atriz Huguette havia exposto publicamente seu caso com o romancista francês Pierre Benoit ao encenar a peça *Tudo vai bem*. Uma vez na prisão, Aimée cai em forte delírio e é transferida para o hospital psiquiátrico. Ao atendê-la, Lacan conclui que sua psicose já havia sido desencadeada anos antes e que um estado de apaziguamento se deu após o atentado, assinalando o efeito de esvaziamento de gozo quando consegue no Real fazer falta no Outro. Parece haver uma baixa na produção delirante após a passagem ao ato, todavia, Lacan conclui que o delírio se encontra reservado, surgindo, por vezes, algumas ideias delirantes de cunho místico, levando-o a concluir que não houve cura, apesar da queda do delírio (FREIRE, 2001).

O que se pode destacar desse fato é o declínio do delírio na passagem ao ato e no encarceramento como punição, fazendo pensar que ao intervir a lei pode operar para o sujeito psicótico uma estabilização. A lei não inscrita pelo simbólico se faz operar no real em ato.

Antes do atentado, Aimée já havia sido internada, apresentando delírio de perseguição em relação a ela e a seu filho, dizendo que queriam matá-lo. Após sair da internação, decide se tornar romancista. Acredita que se tornaria uma grandiosa escritora e que sua vida é motivo para serem publicados livros, entrevistas e peças teatrais. No entanto, não consegue que se publique nada do que escreve. O delírio de perseguição que arriscava se formar e a escrita de seus romances se configuravam como tentativas de cura. O delírio, no caso de Aimée, não consistia numa organização, era difuso. Somado a isto, o Outro não acusa recebimento de sua escrita. O esvaziamento de gozo não opera em Aimée nem pela via do delírio nem pela da escrita, deixando lugar para a passagem ao ato. (FREIRE, 2001).

Apesar de a passagem ao ato ter tido um efeito de estabilização, não é uma saída socialmente aceitável, podendo culminar na morte do sujeito psicótico ou de outros a quem o delírio esteja relacionado. É válido então falar de outras soluções.

Num outro momento do ensino de Lacan, tem-se a metáfora delirante. Com base no caso do presidente Schreber, Lacan, a partir de Freud, desenvolve sua teoria acerca da metáfora delirante. Freud já dizia que o delírio consiste numa tentativa de cura por parte do sujeito quando ocorre o desencadeamento da psicose (FREUD, 1911). Após o surto, há um desmoronamento da realidade do sujeito e uma emergência se coloca na reconstrução de seu mundo.

[...] antes do surto, a realidade é sustentada por bengalas imaginárias, quando do surto, há uma dissolução imaginária e uma catástrofe subjetiva equivalente ao fim do mundo; e, finalmente, há uma recomposição da realidade com a reconstrução do mundo a partir do trabalho do delírio. (QUINET, 2009, p.54).

Lacan cria o conceito de metáfora delirante a partir desse outro conceito, o da metáfora paterna, já comentado. O delírio é tratado por Lacan como solução psicótica enquanto metáfora delirante que faz suplência ao Nome-do-Pai foracluído.

Schreber é um caso de psicose no qual é possível observar o trabalho do delírio e o efeito de estabilização que pôde operar. Freud estuda o caso se detendo no início e no desfecho do delírio. O início consiste na imposição de alguma ideia incompatível com a realidade, a saber, manifestações de desejos homossexuais. Surge em seguida o pensamento de ser copulado por Deus. Mas, ora, como ser copulado sendo ele homem? É aí que o delírio vai se organizando. Como homem não é aceitável, mas Deus como

absoluto pode transformar Schreber em mulher. Não qualquer uma, mas *A Mulher* que recriaria uma nova humanidade com Deus.

Seu corpo passa então a sofrer invasões de todo tipo para sua transformação em mulher, culminando num de seus delírios, ser *A Mulher de Deus*. É um corpo que passa a ser receptáculo de uma transformação divina. Toda a constituição do delírio de Schreber se dá devido à ausência do significante paterno que diante das questões da vida fornece ao sujeito uma resposta fálica, isto é, uma articulação simbólica. Ao ser nomeado, então, para exercer o lugar de juiz do tribunal de apelação, tem uma crise e é internado. O sujeito só pôde responder com seu próprio ser diante do vazio de significação. Nas palavras de Lacan (1955-56/2008, p.185), “é preciso já ter o material significante para fazer significar seja o que for”.

É desse modo que a metáfora delirante surge como tentativa de suturar a ausência do Nome-do-Pai, consistindo num trabalho de reestruturação da realidade que se rompeu. A metáfora delirante consiste num trabalho com a palavra, isto é, é uma tentativa pela via simbólica, mesmo que delirante. Diferente da passagem ao ato, que sem mediação o sujeito pode desferir um golpe no outro a fim de escavar uma falta no Real. De todo modo, não se trata apenas disso, mas de que a metáfora delirante consiste numa produção subjetiva, enquanto que a passagem ao ato é mais da invasão direta do Outro.

A metáfora delirante coloca a possibilidade de estabelecer uma simbolização, haja vista, se tratar de um trabalho com o significante, localizando o gozo no lugar do Outro. Difere, portanto, da passagem ao ato por ser uma operação de linguagem e não uma extração no Real.

Ao abordar a passagem ao ato e a metáfora delirante como formas de estabilização na psicose, resta falar da escrita como possibilidade de uma suplência que, diferente das outras duas, trata-se de um trabalho do sujeito que tem estatuto de criação e possibilita estabelecer algum laço social. É válido ressaltar que mesmo que se produza algum tipo de escrita essa também pode vir acompanhada por um delírio.

A escrita que está sendo considerada neste trabalho não é apenas a escrita textual, mas as produções que inscrevem um sujeito pela amarração singular do Real, Simbólico e Imaginário. Essa ideia veio a partir da leitura da tese de doutorado de Guerra (2007) *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*, na qual a autora aborda as diversas estratégias de estabilização, podendo culminar numa suplência, na psicose.

O percurso que se vem fazendo, então, passando pelo conceito de sujeito, indo da primeira à segunda clínica lacaniana trouxe questões que se tornaram indicativas para se pensar a escrita como uma saída na psicose.

O conceito de sujeito apontou que ninguém nasce sujeito, mas torna-se, tratando-se de um advir a ser sujeito para todo falante. O advento da primeira clínica trouxe a noção de subjetividade pela neurose, pela inscrição do Nome-do-Pai. A segunda clínica, por sua vez, apresentou a psicose fora da classificação de déficit, dando-lhe o lugar de paradigma da clínica psicanalítica. E a teoria da forclusão generalizada abriu portas para a diversidade de invenções para lidar com a falta estrutural.

Desse modo, com essas noções, pode-se dizer que não há somente uma forma de escrever a subjetividade, o que passa a ser considerado é a escrita possível a cada sujeito. Com isso, pode-se afirmar que a escrita de textos, a pintura, o desenho, o bordado e outros são considerados formas de escritura na medida em que cifram o gozo. Uma escrita cuja operação com o gozo produz um sujeito.

A escrita para o psicótico teria a função de cifrar o gozo, de fazer uma inscrição simbólica ao real que o perpassa, que na verdade atravessa todo sujeito. Escrita e gozo teriam uma relação de contiguidade na medida em que esta serve para barrar o excesso daquele. A escrita tem função de registrar o excesso do gozo do Outro sobre o sujeito. Nas palavras de Branco: “Suportar esse gozo sem sucumbir implica escrevê-lo” (1988, p.57). Para corroborar tais afirmações é que os casos da literatura psicanalítica e alguns fragmentos da clínica são abordados aqui, no ponto mesmo em que trazem soluções pela via da escrita.

A escrita afirma Lacan é a escrita dos nós, é o que tem relação com o Real porque é um saber-fazer com ele. “[...] a escrita pode ter sempre alguma coisa a ver com a maneira como escrevemos o nó” (LACAN, 1975-76/2007, p.66). A escrita como *savoir-faire* é uma arte, um artifício, criação singular de cada sujeito com seu gozo. A suplência na psicose se faz, então, naquilo que pode operar como escrita.

Para falar melhor da escrita, apresentaremos casos da literatura psicanalítica: James Joyce e Arthur Bispo do Rosário.

James Joyce, famoso escritor irlandês, conhecido por seus escritos que parecem decompor a língua, deixando seus leitores intrigados, muitas vezes sem compreensão, com o modo como se utiliza dos significantes. Dentre suas obras, destaca-se *Ulisses* e *Finnegans Wake*. Lacan, após estudar sobre as psicoses no *Seminário 3*, retoma esse tema

no *Seminário 23 – O sinthoma* (1975-76) – a partir de Joyce. Ele questiona acerca da função que a obra teve para Joyce, evitando um desmoronamento de sua realidade psíquica. O fato é que Joyce, na leitura lacaniana, teria uma estrutura psicótica sem nunca haver desencadeado, conseguindo manter uma estabilidade. Lacan não atende Joyce, ele na verdade nunca fez análise, mas através de seus textos pôde identificar a estrutura e a função que a escrita teria feito, impedindo um surto.

Lacan aponta que a escrita de Joyce foi o operador principal que lhe proporcionou uma suplência bem amarrada, evitando, assim, o surto psicótico. Joyce, em suas obras, denuncia a demissão paterna e forja para si um nome próprio através de sua escrita. Lacan indica que Joyce constrói uma escrita que exerce a função de remediar a falha no nó borromeu.

A escrita de Joyce introduz um outro modo de usar as palavras, ou seja, quebrando-as, desfazendo o sentido. Sua criação está do lado do *non sens*. Partindo daí, o conceito de sintoma sofre uma alteração. Lacan nomeia *sinthoma* aquele que não enseja mais sentido. “*Sinthoma* é uma maneira antiga de escrever o que posteriormente foi escrito *sintoma*” (LACAN, 1975-76/2007, p.11). Joyce faz um uso da língua inglesa tal que ela deixa de ensejar sentido.

A escrita de Joyce revela outra vertente do sintoma, aquele que está fora do alcance da significação. O sintoma em sua vertente real é de uma escrita na qual as letras vão cifrando o gozo que não pertence à ordem da interpretação. Segundo Soler (1993, p.56, apud BORGES, 2010, p.172), a respeito do sintoma: “(...) como função da letra, na qual o gozo está em jogo sem Outro, não é tecido pela significação. Ele é resposta do real, mas não esgota a significação [...]”. E, ainda, Miller (1993, p.4, apud BORGES, ibidem), diz que: “(...) o sintoma não diz nada a ninguém: ele é cifra e é gozo puro de uma escrita”.

O sintoma é uma formação do inconsciente e, como tal, pertence ao campo do simbólico, onde um significante representa o sujeito para outro significante. Há substituição de significantes, articulação entre eles. O sintoma é o que leva os sujeitos a procurarem análise, pois é o que vai mal, o que impede o bem-dizer. “O sintoma [...] é efeito de um saber inconsciente que não pôde ser bem dito, que permaneceu como enunciação amordaçada. Nesse sentido, o sintoma é uma manifestação dessubjetivante [...]” (FREIRE, 2001, p.180).

O *sinthoma*, por sua vez, é o avesso do sintoma. Vê-se com Joyce que não se trata de uma metáfora, de uma substituição, mas de um trabalho direto com o gozo que exclui o

sentido. O *sinthoma* é o que há de mais singular num sujeito, o seu mais íntimo, o que não cessa com a interpretação. É da ordem de uma criação, que toca o Real. Nas palavras de Freire acerca do *sinthoma* como o que faz borda ao real:

Este bordeamento é necessariamente criativo, pois é resposta real de um sujeito só consigo mesmo, frente à questão que o acossa. O *sinthoma*, portanto, está ligado a um saber-fazer com seu sintoma, ligado a um artifício escritural que não passa por uma formação do inconsciente, na medida em que o saber inconsciente diz respeito às formações metafóricas e metonímicas, diz respeito ao símbolo, ao campo semântico. (2001, p.180-181).

Portanto, há uma passagem do sintoma enquanto formação do inconsciente, para o *sinthome*, este sendo um fazer com o Real do gozo, um saber-fazer com isso mesmo que é irreduzível. É por essa perspectiva que a segunda clínica lacaniana traz de algo que escapa ao sentido, ao Simbólico, que a escrita será abordada como uma das formas de fazer suplência na psicose.

Lacan, no primeiro capítulo do *Seminário 23*, anuncia seu questionamento da arte como artifício que pode fazer sintoma: “Em que o artifício pode visar expressamente o que se apresenta de início como sintoma?” (LACAN, 1975-76/2007, p.23).

A arte aqui referida diz respeito ao ato criativo de um sujeito com seu sintoma, um saber-fazer com o Real que assola todo sujeito, neurótico ou psicótico. Lacan dirá que Joyce soube fazer com esse gozo, sua escrita fez suplência nos três registros.

Todo sintoma por si só já é uma invenção. Estando o ato criativo mais do lado do psicótico, pois este não tendo o significante Nome-do-Pai (enodamento mais comum) cria a partir do nada, ou ainda, sua criação não vem do Outro. Lacan (1975-76, p.27) considera a arte como o que fornece uma substancialidade ao sintoma. A arte – aqui, a escrita – porta uma materialidade. Dizer dessa escrita à qual se pretende aqui – textual, bordado, pintura, desenho – veicula uma materialidade. A materialidade da letra desvinculada do significante. O sentido vem em auxílio, vem recobrir essa materialidade. De todo modo, aguardamos um instante mais para tal afirmação, pois será dito no capítulo posterior acerca do significante e da letra, indo do sentido ao sem sentido.

A partir dessa exposição, muitos teóricos abordam a estabilização psicótica pela via da criação artesanal ou artística. A criação artística faz limite ao insuportável da própria

loucura. A arte¹⁹ permite aos sujeitos poderem regular o gozo, localizá-lo. (GUERRA, 2007).

Quinet (2009) destaca que a criação artística na psicose é nomeada por Jean Dubuffet²⁰ de “Arte Bruta”. Para Dubuffet, tal arte trata de produções de todos os tipos que reúnem características fundamentais: a produção bruta, no sentido daquilo tal como é encontrado na natureza; a espontaneidade; e o caráter inventivo.

Exemplo dessa arte e outro exemplo de suplência pela via da escrita é Bispo do Rosário, que produziu inúmeros artefatos durante sua internação no hospital psiquiátrico. Suas produções possibilitaram constituir uma suplência.

Paciente da Colônia Juliano Moreira durante 25 anos, Artur Bispo do Rosário recebeu a missão divina de preparar o mundo para a chegada de Deus. Para isso bordava um manto sagrado – o manto da salvação – e recolhia diversos objetos, os quais organizava em séries. Seu trabalho visto como obra de arte por muitos intelectuais era, no entanto, uma obrigatoriedade imposta por Deus. Trabalhava com os restos, recolhia sucata, lixo e objetos que as pessoas descartavam para, assim, construir tudo que pudesse representar o mundo a Deus quando da sua vinda. Passa a fazer com esse trabalho a reconstrução de seu mundo subjetivo, que havia desmoronado após o surto. Dessa forma, a arte de Bispo funcionava como a suplência que lhe possibilitava circundar o gozo e impedir novo desencadeamento, podendo se manter no laço social. A suplência reitera ao sujeito certo domínio sobre suas vontades e seu corpo diante da demanda intolerável do Outro (QUINET, 2009).

Numa entrevista concedida a Hugo Denizart, registrada no documentário *O prisioneiro da passagem*, Bispo revela que seu trabalho de construção do mundo se tratava de obediência a Deus, não podendo deixar de produzir seus assemblages²¹, seus panos escritos e bordados à mão (QUINET, 2009). Chega a afirmar: *Preciso destas palavras - Escrita*.

A construção de objetos e os bordados apontam a solução encontrada por Bispo diante do abismo que o desencadeamento da psicose apresenta. É válido se ater aqui ao

¹⁹ Arte aqui no sentido de artifício, criação, pois estamos nos referindo à psicose. Não se refere às artes plásticas, as belas artes. Esta seria na neurose.

²⁰ Jean Dubuffet funda em 1945, na França, a Companhia da Arte Bruta para expor produções artísticas de pacientes internados em hospitais psiquiátricos, presidiários e marginais. (QUINET, 2009).

²¹ Assemblages ou vitrines constituem uma série de objetos agrupados por semelhança. São conjuntos de tênis, de colheres, etc. São objetos comuns recolhidos do cotidiano do hospital. Compõe uma ordenação do mundo, ao agrupar tais objetos em conjuntos e nomeá-los. São expostos tal como numa vitrine, pois se dão a ver. (QUINET, 2009).

bordado. O bordado é um tipo de escrita (BRANCO, 1988). As agulhas e o pano constituem o material concreto onde se realiza essa escrita. A escrita de Bispo, um texto feito de bordados, constitui a reconstrução de sua história. Os lugares por onde passou, o tempo que viveu na Marinha, sua vida como lutador de boxe. Todos esses fatos foram retratados em suas produções. Com agulha e linha, retirada dos uniformes dos pacientes da Colônia Juliano Moreira, Bispo costura, alinhavando os registros que não estavam arrematados.

Vê-se que Bispo apresenta um delírio de refazer o mundo para a vinda de Deus e, além disso, produz uma escrita por meio de seus bordados e dos objetos que recolhia do cotidiano hospitalar. Seu delírio não possibilitava estabelecer um laço social com o outro, todavia sua arte lhe permitiu ter um lugar no social e registrar, marcar no concreto aquilo que não foi simbolizado. A escrita para Bispo consistiu em uma obrigatoriedade, mas também foi testemunha do Real que se desvelou para ele.

Trata-se de com a escrita o sujeito poder advir enquanto tal, e fazer laço com o Outro que não é aquele que lhe invade e o coloca na posição de objeto, mas de um Outro que é furado, tanto que quer publicar seu livro, fazer uma exposição dos objetos produzidos, quer entrevistá-lo ou mesmo fazer um filme sobre ele. Não de forma invasiva, mas a partir de um lugar que lhe é dado falar de sua obra e ser escutado.

Permanecer no delírio, mesmo que este seja uma tentativa de cura, não faz nenhum vínculo com o social. A produção escrita, por outro lado, abre outras possibilidades que apenas falar do seu delírio, que não é compartilhável. Algo da sua criação fica para as pessoas, há afeto e desejo envolvidos naqueles que tomam essas produções. Dessa forma, a escrita ganha lugar na teoria e no tratamento analítico a partir de sujeitos que conseguiram algum tipo de estabilização por essa via.

Como foi possível observar, o último ensino de Lacan vem apoiar o estudo acerca da produção artesanal como meio de possibilitar uma solução na psicose, seja por meio da escrita de textos, sejam outras formas de escrita, como o desenho, a pintura ou outra arte que fixa o gozo. Essa parte do ensino de Lacan se encontra bastante voltada para a dimensão da letra. Questão que será tratada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

A LÍNGUA COMO IMPOSSÍVEL: UMA ABERTURA PARA A ESCRITA

[...] a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria. (SAUSSURE).

Enfim, o mérito de Saussure é de nos obrigar a pensar de novo o que já foi pensado e de, ao menos parcialmente, invertê-lo. (H. SCHUCHARDT, apud NORMAND).

2.1 INCONSCIENTE INTERPRETÁVEL E INCONSCIENTE REAL: DO SENTIDO AO SEM SENTIDO

Ao inconsciente freudiano Lacan responde com seu sintoma – o Real. Cria o Real em resposta à invenção de Freud. “É na medida em que Freud fez verdadeiramente uma descoberta [...] que podemos dizer que o real é minha resposta sintomática” (LACAN, 1975-76/2007, p.128).

Lacan seguiu as trilhas de Freud sobre seu inconsciente como aquilo que pela fala pode ser interpretado, dissolvendo o sintoma. Lacan está no inconsciente estruturado, passível de ser decifrado. Com o avanço teórico e clínico, chega ao inconsciente indecifrável, o qual, diferente do primeiro, não cede à significação.

Quando Lacan propõe “o inconsciente estruturado como uma linguagem” atém-se à relação entre os significantes como estrutura básica do inconsciente. Dizer isso é afirmar que, por ser feito de significantes, o inconsciente pode ser decodificado. O sujeito quando fala mobiliza morfemas, fonemas, palavras no intuito de dizer o seu sintoma.

Lacan se volta para o estudo das estruturas simbólicas da subjetividade, fazendo do inconsciente um lugar de uma cadeia de significantes. Fala cadeia porque os significantes se encadeiam segundo uma lógica, e a cura analítica deve se encaminhar para tornar manifesta essa lógica que é comum a todo sujeito. Encadeando significantes, o sentido advém. Mas essa cadeia não se fecha, ela é infinita. Há um osso onde todo sintoma esbarra, impossível de ser dissolvido, onde o sentido caduca. O inconsciente, desse modo, apresenta duas variantes.

Para falar do inconsciente em suas duas versões – interpretável e real – é cabível recorrer a Miller em seu texto *O inconsciente real*, ministrado no Curso de 2006-2007. Com esse texto foi possível clarear os caminhos que esta dissertação segue ao abordar a

psicose como foco, levando-se em conta o conceito de sujeito, a forclusão e os efeitos da linguagem. Assim, este segundo capítulo trata da teoria saussuriana da língua e sua relação com o Real para se chegar à escrita. Versar acerca do inconsciente em suas versões é fazer um pouco o caminho que o próprio Lacan indicou, indo do sentido, produzido na fala, ao sem sentido, próprio da letra, da escrita.

A descoberta do inconsciente por Freud funda a psicanálise ao lançar que nenhum sujeito é senhor de seu próprio psiquismo. O acesso ao inconsciente só se dá por meio das formações (sonhos, lapsos, chistes, sintomas, atos falhos) que, como explica Freud, emergem na consciência: “[o inconsciente] Certamente, só o conhecemos como algo consciente, depois que ele sofreu transformação ou tradução para algo consciente. A cada dia, o trabalho psicanalítico nos mostra que esse tipo de tradução é possível.” (FREUD, 1915/1996, p.171).

Freud considerava o inconsciente como o lugar onde se aloja os desejos reprimidos e inaceitáveis para o sujeito, podendo estes virem à tona. Com a teoria do inconsciente, faz algo inusitado para a época, século XIX, oferece uma escuta. Fale!, diz Freud. Desse modo, o inconsciente é passível de ser significantizado por meio da associação livre, na qual a fala se encontra direcionada para um analista.

Lacan na primeira clínica concorda que todo sintoma é passível de ser dissolvido por meio da análise do conteúdo da fala dos pacientes. Dar ouvidos à fala é um método de libertar o sujeito de seu sintoma. Como afirma Lacan (1956/1998, p.270), já citado anteriormente, “[...] o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada”.

Com o avanço da teoria psicanalítica e o surgimento do tempo do Real, o conceito de inconsciente se estende, passa a considerar um núcleo denso em todo sintoma, que não se desfaz. Desse modo, há o inconsciente que se presta à decifração e aquele que está fora dos limites da interpretação.

Miller (2006-2007, p.01) traz, a partir de Lacan, o inconsciente transferencial e o inconsciente real.

O primeiro é o inconsciente mobilizado e lido a partir da transferência que o causa e da articulação ao sujeito suposto saber; é sustentado pela ligação entre S1 e S2. O segundo nega o primeiro, pois se está nele quando o espaço de um lapso não produz sentido ou interpretação. Este

inconsciente real é exterior ao sujeito suposto saber, homólogo ao traumatismo e formulado como um limite.

O inconsciente transferencial é aquele que é produzido a partir de uma análise, direcionado ao analista. O inconsciente freudiano supõe um saber, um saber falado e por isso pode ser interpretado. Conforme Miller (2011, p.110): “É um inconsciente construído em análise. [...] a construção do inconsciente que o analista, de fato, tem algo a ver. [...] e é pelo fato de ele ali estar que o inconsciente toma sentido, que o interpretamos”.

O inconsciente real, entretanto, é o que está fora do sentido, não é interpretável. Desse modo, “o inconsciente é definido como o lugar de onde a interpretação não tem mais nenhum alcance. O inconsciente real é o lugar do gozo opaco ao sentido [...]” (MILLER, 2011, p.111). Neste ponto do presente trabalho, pode-se assinalar que a psicanálise lacaniana faz um movimento de ir do sentido ao sem sentido à medida que o Simbólico deixa de ser primazia e o Real toma estatuto daquilo que escapa a toda tentativa de simbolização.

A teoria que percorre todo o ensino de Lacan nesse movimento é muito mais extensa que só afirmar do sentido ao sem sentido, mas o que se pretende destacar aqui é que essa passagem fornece uma abertura para a diversidade de soluções para lidar com o Real, tratando-se de um saber-fazer no ponto em que o sentido está foracluído. Essa mudança possibilita ao sujeito psicótico circular pelo social através de suas produções, mesmo que estas não façam parte do comum, são produções originais.

No capítulo *Do inconsciente ao Real*, no *Seminário 23*, o Real aparece relacionado à noção de escrita. Lacan vai dizer do nó borromeu enquanto um enodamento de três elementos (RSI) que constitui uma cadeia e que o efeito dessa cadeia se obtém pela escrita. Lacan (1975-76/2007, p.127) busca uma escrita que pudesse simbolizar essa cadeia e enuncia o seu Real sob a forma de uma escritura. Vai dizer do real que é o forçamento de uma nova escrita e que há uma parte simbólica e outra que escapa ao sentido. “O real de que se trata é ilustrado pelo fato de que, nesse nó planificado, mostro um campo como essencialmente distinto do real, que é o campo do sentido” (Ibidem, p.130). A resposta de Lacan ao inconsciente freudiano é que há interpretável, mas há também *non sens*.

A partir do inconsciente real é possível falar das invenções que na psicose têm estatuto de escrita, pois dispensam o sentido. Há trabalhos que pertencem ao interpretável e há aqueles que não são da ordem da significação e que por isso mesmo se apresentam do lado do que há de mais criativo e original.

Desde Freud o escritor é considerado um antecipador do inconsciente, pois suas obras atestam a existência de um funcionamento psíquico independente da vontade do sujeito. Os sujeitos comumente tentam esconder seus devaneios e fantasias. No mundo em que vivem estes não são aceitáveis, devem ser ocultados até do próprio sujeito. Felizmente, tem-se os poetas que, com seus textos, revelam o que se passa no psiquismo do homem.

Para explicar como sucede ao “escritor criativo” fazer sua obra, Freud (1908/1996) afirma que há algo recalcado que é desvelado por um acontecimento no presente, uma cena da infância que revela um desejo insatisfeito. Portanto, uma motivação do presente somada a uma lembrança do passado resultaria numa produção literária. Pode-se, assim, dizer que são criações que partem de algo já existente, recalcado no inconsciente. A produção do neurótico conta com o Nome-do-Pai existente.

O neurótico em suas produções se reporta ao seu romance familiar²², ou seja, sua história fictícia – de seus pais, seu nascimento. Seus trabalhos apontam que inventa para si um Outro que lhe acolhe e lhe nomeia no amor e no desejo.

Além disso, o que chamou a atenção de Freud foi poder encontrar no fazer do artista um trabalho comparável ao sonho, ato falho, lapso, chiste e sintoma. Trabalhos do inconsciente passíveis de interpretação. É comum que a psicanálise se utilize de textos literários para dizer de seus conceitos. Dizer do Real, por exemplo, como se fez nesta dissertação usando Guimarães Rosa e outros exemplos é um modo de situar esse indizível pela palavra do poeta que tem um saber-fazer com esse impossível. “Nos artistas ele [Freud] viu seus precursores e nos textos literários, a oportunidade de validar o método analítico” (SOLER, 1998, p.13).

Lacan, por sua vez, irá dizer que as produções artísticas não devem ser interpretadas. São atos de criação que resultam na produção de algo novo e singular e que, portanto, não se deve entendê-los, mas saber lê-los, como se lê um sintoma. Tal qual se lê um escrito.

Saber ler é essencial ao psicanalista que aposta num saber-fazer de seu paciente com seu sintoma. Miller dirá isso em seu texto *Ler um sintoma*. Mesmo que a psicanálise seja uma prática fundada pela fala, “No campo da linguagem, sem dúvida, a psicanálise toma seu ponto de partida da função da palavra, mas ela a refere à escritura.” (MILLER, 2011).

²² O romance familiar, termo criado por Freud, consiste numa construção inconsciente da família inventada pelo sujeito, uma família idealizada mais de acordo com o desejo do sujeito. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Miller afirma que ler o sintoma vai na contra mão do sentido, isto quer dizer que não se deve inflar o sintoma com interpretações, só produziria mais e mais significações, numa metonímia infinita. Ler o sintoma requer se desfazer do sentido numa aposta que daí possa advir um *sinthoma*.

Lacan substitui o aparato de interpretar de Freud - que Lacan mesmo havia formalizado, havia esclarecido, quer dizer, o ternário edípico - por um ternário que não produz sentido, o do Real, do Simbólico e do Imaginário. Mas, ao deslocar a interpretação do quadro edípico em direção ao quadro borromeano, é o funcionamento mesmo da interpretação que muda e passa da escuta do sentido à leitura do fora de sentido. (MILLER, 2011).

O saber ler se refere à escritura, à materialidade da palavra, não ao seu sentido. Consiste na busca pelo encontro primeiro do significante em sua materialidade com o corpo do sujeito, produzindo trauma que lança o falante num a ver se com o gozo, com o Real. No encontro com o Real cada um terá que fazer uma invenção que afaste de si esse gozo primeiro e traumático.

Nessa perspectiva, do fora do sentido, encontram-se as criações na psicose. O trabalho de criação em si não tem relação com a interpretação. O próprio trabalho concreto com objetos, tais como argila, papel, lápis, tinta e outros produz um apaziguamento no sujeito por se tratar de uma operação que condensa, veicula e dá limite ao gozo. De outro modo, a escrita, enquanto criação trazida aqui pode funcionar como suplência quando é capaz de cifrar a metonímia infinita do gozo. A escrita quando não se presta à decifração significante, é letra que cifra.

Mesmo Lacan tendo apostado no sentido, na fala como o que transporta significações, mais presente na primeira clínica, não deixa de avançar chegando à escrita. Parece contraditório, já que é na fala que a psicanálise, desde Freud, pauta-se. Todavia, Lacan dirá mais claramente em seu *Seminário 25 – Momento de concluir* (1977)²³, que à psicanálise importa o dizer não só a fala. E o dizer é da ordem da escrita. “Trabalho no impossível de dizer. Dizer é outra coisa que falar [...] isto é, participa da escritura [...]”²⁴ (LACAN, 1977, p.08).

O trabalho que alguns sujeitos psicóticos desenvolvem, seja nos hospitais psiquiátricos, nas oficinas ditas terapêuticas, seja fora, circulando na sociedade em forma

²³ Seminário inédito.

²⁴ “Trabajo en lo imposible de decir. Decir es otra cosa que hablar. [...] es decir participa de la escritura [...]” (LACAN, 1977).

de artesanato ou apenas escrita pessoal indicam que há aí um sujeito que encontrou um modo, um saber-fazer com o Real pela via do *non sens*. Como disse certa vez uma paciente: “A fala atrapalha. A fala não prende, deixa solto. Com os livros [da escola] eu me entendo, mas se alguém falar isso me desorganiza, por isso preciso fixar no papel tudo que aprendi na escola”. A escola como lugar de poder fixar algo pelas letras lhe possibilitou sair do lugar de objeto de um Outro denominado agressor para ser aquela que sabe que pela escrita pode dar limite ao gozo desse Outro, que desde que retornou à escola não mais se deixa bater, podendo se separar pela “escritura do divórcio” do “agressor”.

Apesar desse movimento que se faz aqui do sentido ao sem sentido é preciso deixar claro que em nenhum momento se pretende negligenciar a fala dos sujeitos, ela é veículo de acesso ao inconsciente, é com ela que a psicanálise trabalha. Apontar a escrita como aquilo que se encontra fora do sentido, que não pede interpretação, o que difere da fala, é dizer que a psicose é a estrutura que melhor diz do irredutível à significação – o Real. É também dizer, a partir de Lacan, que mesmo a fala é permeada pela escritura, quando se refere ao *dizer*. Isso porque toda fala é perpassada pelo gozo que atravessa todo sujeito. E com Lacan, dir-se-á “o escrito é o gozo” (1971/2009, p.120).

Quando interrogamos *Pelas veredas da psicose o que se escreve?*, pretendemos com isso fazer pensar que na psicose – diferente da neurose onde se inscreveu o significante Nome-do-Pai – as produções desses sujeitos que têm estatuto de escrita possam ocasionar uma suplência ao inscrever o gozo. “Mas a escrita em si, não a linguagem, a escrita provê de ossos todos os gozos [...]” (LACAN, 1971/2009, p.139). É, portanto, com essa afirmação de Lacan que se pode dizer que a escrita como osso fornece uma sustentação ao sujeito psicótico que lhe possibilita circular por entre os discursos e fazer laço. Sustentação pelo enlaçamento dos registros Imaginário, Simbólico e Real. Que a possibilidade de lidar com o Real se inscreva na psicose é a aposta deste trabalho desde o começo.

2.2 A LÍNGUA SAUSSURIANA E ALÍNGUA

Língua e alíngua, dois temas, dois conceitos nada simples de discorrer, responsáveis por definições que envolvem a todo tempo o falante, seu saber sobre a língua e seu não-saber sobre a mesma. Conceitos que dizem respeito à linguística e à psicanálise.

Ao discorrer acerca das duas vertentes do inconsciente, interpretável e real, pretende-se abordar língua e alíngua no que ambas dialogam acerca do conceito de Real, utilizando para isso as ideias de Milner (1987) e de Maliska (2010), ambos fazendo uma articulação entre a psicanálise e a linguística saussuriana. Para isso é preciso dizer de início que sempre que se referir à língua será do conceito formulado pelo linguista Ferdinand de Saussure. Enquanto alíngua é criação lacaniana.

A língua é o objeto de estudo ao qual a linguística saussuriana resolve se colocar para tratar das questões relacionadas à linguagem, diante da multiplicidade desta última: “Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; [...] não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.” (SAUSSURE, 1916/2006, p.17). A linguagem na teoria saussuriana não pertence aos domínios do homem, no entanto, pode-se estudá-la por meio da fala e da língua que são as duas partes que se lhe compõe, como já mencionado anteriormente.

Enquanto a fala é considerada um ato individual e consciente do sujeito falante, que tem a liberdade de escolher e pronunciar as palavras que deseja, a língua, por sua vez, é um sistema em pleno movimento, sobre o qual os indivíduos não possuem domínio. A língua é adquirida a partir de uma convenção social adotada pelos falantes e a ela se atribui o primeiro lugar na faculdade da linguagem, é por meio dela que a linguagem se dá a conhecer.

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 1916/2006, p.18).

A língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 17). A língua e seus movimentos, portanto, são o fundamento de todo estudo da linguística saussuriana.

A psicanálise também trata da língua, uma língua própria que não é a mesma do linguista saussuriano. Trata-se da língua do inconsciente, a qual Lacan nomeara de *lalangue*, que pode ser traduzida por alíngua ou pode ainda ser dita lalíngua. A escolha por dizer alíngua consiste na própria confusão de sua pronuncia ao falar *a língua* e *alíngua*, sendo apenas pela escrita que se poderá verificar à qual se esta referindo.

O termo *lalangue* foi cunhado por Lacan a partir de um lapso. Numa apresentação do seminário *O saber do psicanalista*, falava sobre dicionários de psicanálise (Pontalis e Laplanche), dizendo num lapso vocabulário de filosofia ao invés de vocabulário de psicanálise. Lacan vai, então, de Laplanche, vocabulário de psicanálise, a Lalande, vocabulário de filosofia, deslizando até *lalangue*. Dessa forma, como afirma Barros (2008), “*Lalangue surge a partir de uma operação de letras*”.

Do encontro traumático com a linguagem, pode-se dizer, uma primeira língua operou e fez marcas no corpo do vivente, se constituindo como a língua particular de cada sujeito –*lalangue*. Do encontro com esse real resta *lalangue*, parcela real da língua.

Lalangue consiste nos detritos da fala do Outro materno que restam para o falante feito som, barulho que ficou dessa operação. A criança em contato com a linguagem, que vem sempre do Outro, abre mão da lalação, enquanto estando em *alíngua*, para adentrar num outro tempo lógico onde as palavras aderem e visam à significação, ao laço com o outro. No entanto, mesmo a criança se apropriando da fala do Outro para se constituir enquanto sujeito, nem tudo entra na significação, ficando um resto que insiste em retornar, um gozo não submetido à simbolização. É a língua dita materna. *Alíngua* é a língua particular de cada sujeito, forjada a partir da língua materna.

É comum ver nas crianças essa língua de gozo, *alíngua*, como foi possível testemunhar certa vez num atendimento. Uma das crianças perguntou: *E você sabe o nome da injeção que J. tomou?* Disse-lhe que *não*. L. logo responde com prontidão: *Doutorbatil*. Interrogo-lhe, ela responde: *sim, doutorbatil*. Nesse instante, a terceira criança dá gargalhadas e diz: *doutorbatil, é bezetacil*. O riso foi comum a todos, menos à autora do nome que só pôde rir ao atestar-lhe sua invenção. Disse-lhe que *doutorbatil* era muito melhor que *bezetacil*, pois causou riso e não dor.

Alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *alíngua*, essa *alíngua* que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, *alíngua* dita materna, e não por nada dita assim. (LACAN, 1972-73/2008, p. 148).

A psicanálise é permeada pelo conceito de linguagem desde Freud, quando descobre o inconsciente, surgindo algo novo com o conceito de *alíngua*. Lacan, ao forjar esse termo, coloca a linguagem como posterior à *alíngua*. Isto significa que a linguagem já

seria uma elaboração do encontro traumático com os sons que vem do Outro. O que se tem antes é a língua materna, língua de gozo que fere o corpo do vivente.

No *Seminário 20 – Mais, ainda* (1972-73), Lacan afirma que a linguagem é elucubração de saber sobre alíngua e que o inconsciente é um saber-fazer com alíngua. Alíngua, portanto, antecede a todo tempo de organização, correspondendo a um momento em que se dá o trauma.

A linguagem é aquilo que vem em resposta ao trauma, ao encontro com o Real, constituindo por isso uma suplência. O que isso quer dizer? A linguagem já é uma suplência à alíngua, pois no encontro traumático o sujeito é levado a produzir seu *savoir-y-faire* sobre o inominável. “A linguagem já é uma elucubração de saber sobre alíngua, pois vem em suplência daquilo que do real não pode jamais se dizer.” (RINALDI, 2006, p.78).

As marcas de alíngua surgem no uso que cada sujeito faz da linguagem, sendo atravessado pela incompletude da palavra que não cessa de não dizer. A linguagem é o que permite se saber de alíngua como o que resta desse encontro traumático.

Alíngua se encontra encoberta pela linguagem, denunciando que algo escapa à língua de cada falante. Tudo não se pode dizer. O dizer é da ordem do não-todo, da ordem do Real. Como diz Generoso (2008, p.03), a partir do *Seminário 20* de Lacan: “[...] em tudo que diz respeito à relação entre os seres humanos, que se caracteriza como coletividade, há algo que sempre escapa, introduzindo, mais uma vez, a dimensão do real [...]”. Mas, será que a língua, que a linguística saussuriana trata, não teria nada a ver com esse não-todo?

Parte-se da afirmação de Maliska (2010, p.35): “Em relação à Saussure, este inventou uma teoria, um conceito que esboça uma estrutura de língua; ou seja, um invento simbólico, que tem como um dos efeitos, tocar, por mais sutilmente que seja, num registro real”. O autor aponta, portanto, que há a presença do real na língua inventada por Saussure, que se diferencia da língua estudada antes presa às comparações com demais línguas.

No próprio Curso de Linguística Geral (CLG), e demais autores adeptos à teoria saussuriana, é possível perceber a incansável investigação que Saussure empreende para dar à língua um valor teórico, defini-la enquanto conceito, não uma pura abstração. Suas angústias na tentativa de tornar a língua um objeto epistemológico e delimitar as suas possibilidades podiam ser percebidas quando ministrava os cursos. “[...] o quanto aqueles cursos eram guiados por dúvidas, incertezas, oscilações, hesitações e dilemas [...]” (MALISKA, 2010, p.30-31).

Antes de Saussure, a língua era estudada em comparação com demais línguas, não havia uma definição própria de língua. Saussure define a língua como um conceito e uma estrutura, ou seja, não se trata de um objeto palpável da realidade, mas de um conceito teórico. Diante da diversidade de questionamentos, Saussure (1916/ 2006, p.15) diz que “é o ponto de vista que cria o objeto”, com isso cria seu objeto (a língua).

A língua pode ser abordada de várias formas a depender do ponto de vista que se escolha. Assim, Saussure escolhe se pautar no sistema para falar da língua. Com isso pode-se dizer que a variedade de pontos de vista aponta o real da língua, ou seja, a impossibilidade de existir apenas um modo de tratar a língua. Com a noção de *ponto de vista* Saussure delimita uma parte a que se ater nos seus estudos da língua, ao mesmo tempo aponta que há outros meios por onde abordá-la. Ele não conceitua fechando as questões sobre a língua, pois como o Real, conceito lacaniano, ela é impossível de ser toda compreendida.

Saussure não se referiu à língua como o Real lacaniano, mas ao falar do *ponto de vista* deixou claro que nenhuma teoria pode de todo abarcar a língua, que é preciso escolher a que se ater. Normand (2009, p.39) traz essa noção em seu estudo sobre Saussure: “[...] qualquer descrição se faz segundo um “ponto de vista” e que, mesmo ele não sendo “superior” aos outros, é necessário também escolher um, sob o risco de se misturar todos [...]”. Foi o que Saussure fez.

A partir da teoria saussuriana é possível entrever o Real na língua por esta se prestar a todo uso que o falante faz dela, deixando escapar a operação do inconsciente quando ocorre um lapso, um ato falho, um chiste. O uso que cada sujeito faz da língua, ao escolher usar uma palavra ao invés de outra, denuncia o inconsciente e a presença de um real que atravessa, desalojando o sujeito da falsa crença de dominar a língua que fala. São escolhas particulares, como se pode observar na fala de uma criança: *aí o poste desacendeu*. Poderia ter dito *apagou*, esse é o convencional da fala, mas *desacendeu* é uma construção que revela a originalidade do inconsciente que permeia a língua.

O Real toca a língua no que ela se presta a todo uso pelo inconsciente. Todo falante pode fazer uso da língua, criar neologismos, distorcer, enganar, tropeços da fala, demonstrando que a língua faz equívoco. E por fazer equívoco algo escapa ao sentido.

Língua e alíngua, em que ponto esses conceitos se tocam? Dizer língua é, de certo modo, dizer Real. É essa perspectiva que se segue desde as concepções saussurianas e lacanianas, de língua e Real, apontadas por Maliska (2009). Quando Saussure alega “A

língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação” (1916/2006, p.17), e “[...] a língua é sistema que conhece somente sua ordem própria” (1916/2006, p.31), esta marcando que a língua é um todo e que além disso não depende de nenhuma ordem externa, ela obedece sua própria lei.

Com essa afirmação saussuriana: “a língua é um todo por si”, tem-se que a língua *é*. (MILNER, 1987). Dizer que *a língua é* aproxima-a do real lacaniano, enquanto o Real *é*. Mas é o que? É impossível de ser todo dito e se basta a si mesmo. É o inatingível, é da ordem do impossível. O Real é sem lei e só se pode ter acesso a ele por meio de pedaços. (LACAN, 1975-76/2007).

Dizer acerca do Real que toca a língua é falar de alíngua. Milner em seu livro *O amor da língua* (1987, p.13) faz considerações acerca da língua e de alíngua. O autor diz que a língua não deveria comportar equívocos, mas bem sabe o linguista que “[Porém] o real equívoco resiste: a língua não cessa de ser por ele desestratificada”. O que produz os equívocos de uma língua é justamente alíngua. E todo sujeito que faz uso da língua toca em alíngua, fazendo todo jogo possível com as palavras. “O puro conceito de língua é aquele de um não-todo marcando a alíngua” (Idem, p.19). Falar de língua é assentar que tudo não se pode dizer. Esse não-todo que permeia a língua é marca do Real, é alíngua. Daí, dizer que a língua é da ordem do Real.

Língua consiste em que haja alíngua, e que em alíngua haja impossível. Dizendo de outro modo, é por haver impossível (alíngua) que há língua. Língua é o que suporta alíngua enquanto ela é não-toda. É pela incompletude que é possível algo à língua. (MILNER, 1987).

Mas, dizer não-todo também consiste em dizer todo. O dizer do linguista, e isso se dá a partir de Saussure, que a *língua é*, consiste em que a língua é um todo por si mesma, ou seja, não depende de nenhum termo que lhe seja exterior. Assim, a língua é um todo. A língua por suportar o real de alíngua, enquanto ela é não-toda, também toca o Real. Assim, a língua é, ao mesmo tempo, um todo e um não-todo. Mesmo que não seja de seus domínios, a linguística circunscreve um Real – a língua.

Acerca do não-todo a linguística saussuriana não desenvolveu nada, pois não era de seu interesse. O que há é uma tentativa de suturar o não-todo, haja vista a língua para ser tomada como objeto de uma ciência é preciso ser apreendida como uma completude, da alíngua ela não pretende um saber, não faz parte de seus domínios. A psicanálise, no entanto, reconhece aí na incompletude o que faz existir o sujeito do inconsciente, na

medida em que há falta, há não-todo o sujeito pode: falar, demandar, desejar, fantasiar e criar. A linguística não nega a existência do não-todo da língua, no entanto, para o seu trabalho é preciso não tocar nisso, abster-se. Elege um objeto de estudo, dando um tratamento ao não-todo.

Pois a língua, como dissemos, suporta o não-todo da alíngua, mas, para que este se faça objeto da ciência, é preciso que ele seja apreendido como uma completude: a língua é a rede pelo qual a alíngua falta, mas em si mesma a rede não deve comportar nenhuma falta. [...] ela sofisticada com o todo e o não-todo. (MILNER, 1987, p.26).

O que faz questão para este trabalho é o ponto em que se pode dizer que a língua é da ordem do Real, existindo entre o todo e o não-todo. É por haver impossível (alíngua) que existe língua. O todo da língua só é possível pela existência do não-todo. Enquanto o linguista tenta fazer um limite para a língua, há sempre algo que escapa, Real que atravessa a língua de todo falante. Isso que não se deixa dizer afirma a existência da alíngua, da ordem do Real.

Pode-se dizer, portanto, que o impossível (alíngua) convive com o possível (língua), ambas perpassadas pelo Real, sendo a presença deste que impulsiona os sujeitos a produzirem meios de lidar com o indizível. É pelo Real ex-sistir que é possível as invenções. Invenções a partir do Real, como é o caso da escrita.

Maliska (2010) defende a ideia que o Real, assim como a língua, está do lado da impossibilidade – impossível de ser dito todo – e também está do lado do todo – por não depender de nenhuma estrutura que lhe seja exterior, pois “o Real é por si”. Tal fato aponta que o Real torna possível a existência da cadeia significante, do campo do simbólico. Mesmo o Real estando do lado da impossibilidade, também está do lado das invenções. Por haver impossível é que se inventa.

A aproximação, cuidadosa, feita aqui entre língua e Real coloca que a linguística saussuriana aborda um Real (a língua), e por abordar um Real se pode dizer que está do lado das invenções. É possível ao sujeito um saber-fazer com a língua. Como afirma Maliska (2010, p.81): “Há algo no real que deve ser inventado. [...] é um saber que não está pronto, que não é sabido, de modo que deve ser inventado”.

Diante da impossibilidade, o linguista saussuriano escolhe a língua e o psicanalista se detém no sujeito, modos que cada um responde a esse não-todo, ou seja, às invenções de cada sujeito para lidar com o Real.

O sujeito se utiliza da língua para estabelecer algo de sua particularidade, quando escolhe uma palavra em detrimento de outra, como uma criança que disse: *por que aquela criança está desacordada?*, escolhendo dizer *desacordada* ao invés de *dormindo* ou mesmo *desmaiada*. Utilizando-se do que constitui norma, o que está para todos, para daí poder advir algo de sua particularidade. É o universal da língua particularizado pelo uso que dela faz cada sujeito. Sem a língua não haveria possibilidade de subjetividade alguma.

Alíngua aparece aí na particularidade da escolha de dizer uma palavra diante da multiplicidade de poder dizer outras. Alíngua está presente nessas escolhas. Mais que isso, impele o sujeito a se servir da língua. O que se pode fazer com alíngua é da ordem de um saber-fazer.

O sujeito psicótico faz um uso da língua permeado por particularidades – neologismos, frases desconexas, palavras sem sentido – mostrando que a língua não serve, somente, à comunicação. A psicose exhibe, com isso, que a língua carrega alíngua no dizer de cada falante. Marca indelével de alíngua em todo ser que vem ao mundo pelo desejo de um Outro que lhe introduz na linguagem, universo de palavras vivas, palavras-coisas, palavras-objetos e abjetos das quais o ser só pode se apropriar pelo desejo e pelo amor, este enquanto o que lhe possibilita sair do gozo, que é solitário, ao desejo como construção subjetiva. O amor enquanto o que possibilita ir do gozo que é sempre autista ao desejo como o que introduz o hetero, um diferente. O amor promove uma articulação. Como afirma Miller (2009, p.39) em *Uma conversa sobre o amor*: “Porque no nível do gozo como tal, não existe o Outro: no nível do gozo como tal há a Coisa, das Ding”.

Cada sujeito faz um uso particular da língua, todavia, diz-se que o psicótico faz um uso que difere do modo neurótico, pois, muitas vezes, o que se observa é um lidar com a língua em que não compartilha das mesmas regras gramaticais, causando estranhamentos para quem ouve ou lê. Citamos um dos textos de Arthur Bispo do Rosário para exemplificar: “Eu abrir aporta lado leste um jardim flores varas cores ao 7 metros de frente/ um portão de 2 metros de altura de ferro lado esquerdo com seus gradeado/ todas de ponta lança um metro e vinte altura – 10 espaços – uma polegada” (BRANCO, 1988, p.135).

É possível também que alguns escritos de psicóticos possam ser lidos sem tanto estranhamento mesmo quando não dispõem de pontuações e demais regras gramaticais. É o que se pode observar em Gregório Delgado, um dos personagens do documentário *O zero não é vazio*, produzido por Marcelo Masagão e Andrea Menezes (2005): “O verbo se

fez carne em cristo/ A carne se fará verbo em mim”. A escrita de Gregório se apresenta sem pontuações, as palavras seguem num fluxo contínuo sem ponto de parada, sendo apenas nas rimas que encontra estofo.

O sujeito psicótico, por não ter havido recalque, tem acesso direto ao gozo e, portanto, pode-se dizer é quem melhor aponta um saber-fazer com o que é de alíngua. Não que a neurose também não tenha um saber-fazer, no entanto, como afirma Rômulo Ferreira da Silva (2011, p.18)²⁵: “O que há de mais verdadeiramente inventivo, está do lado das psicoses”.

Tal afirmação aponta que a neurose conta de antemão com o Nome-do-Pai como o nó que enlaça os três registros (RSI), tendo o sujeito na psicose que criar seu próprio nó sem nenhum recurso prévio. A forma mais comum de amarração é o Nome-do-Pai, as soluções inventivas estão do lado da psicose como aquelas que seriam soluções elegantes e criativas.

Fala-se muito das invenções na psicose como tentativa de cura, de suplência e a possível constituição de um laço social. O que é preciso dizer aqui é que a psicose inventa outras maneiras de fazer laços sociais, apontando a pluralização dos laços que não o laço “normalizador” do Nome-do-Pai.

As invenções, portanto, são da ordem de um saber-fazer com o gozo, com o que vem de alíngua. Alíngua não visa à comunicação, ela se presta a coisas diferentes ao sentido, ela se presta ao gozo. (LACAN, 1972-73/2008²⁶). É a língua de gozo de cada sujeito. O trabalho na psicose seria, deste modo, o de tentar uma construção que possa distanciá-lo da relação direta, e por vezes ininterrupta, com alíngua, de forma que o sujeito possa se utilizar da língua enquanto código social compartilhado, mas também de maneira particular possa modulá-la, dar-lhe um contorno. “É preciso, pois, um uso do código em que o falante, ao mesmo tempo, se submeta e subverta o material da língua [...]” (FREIRE; COSTA, 2008). A aposta desta dissertação é, também, na escrita enquanto possibilidade de modular o gozo e possibilitar um efeito sujeito, permitindo uma articulação, um laço com um Outro que não quer, a todo tempo, gozar do sujeito. Um Outro da incompletude, não-todo.

²⁵ Conferência apresentada no Fórum “A clínica na Saúde Mental”, em João Pessoa, 2011.

²⁶ No *Seminário 20*, ocorre uma virada no ensino de Lacan, juntamente com o conceito de alíngua. O campo do gozo se sobressai ao da linguagem. A primazia deixa de ser o simbólico e a estrutura da linguagem e passa a ser o real e o campo do gozo. A linguagem encontra-se derivada e submetida à alíngua. É válido dizer que, no entanto, o campo do gozo não exclui o campo da linguagem.

O gozo como o que há de mais singular para um sujeito é cifrado, sua marca pode ser percebida no dizer sem sentido, na impossibilidade de dizer tudo, na ausência de palavras, na lalação e nos jogos de palavras tão comuns nas crianças e nos poetas. Gozo do verbo que transcende a relação do falante com o significante.

O que poderia cifrar o gozo invasivo na psicose? É o que se pretende saber ao apostar na escrita como construção, tessitura, arremate dos três registros, possibilitando fazer laço na medida em que, ao se utilizar da escrita, pode-se constituir um topos, um lugar marcando uma diferença entre o sujeito e o Outro. Por não haver essa barreira não há na psicose o campo do Outro constituído como lugar velado que só se tem acesso pelas formações do inconsciente. A escrita pode operar fazendo barreira ao gozo, à medida que produz um recorte onde não havia diferenciação.

O psicótico, por ter o inconsciente a céu aberto, está em maior contato com o Real, com o *non sens*. O encontro com o sem sentido impele o sujeito a produzir, a responder a esse Real com os aparatos que lhe forem disponíveis. Retomando o já exposto, o Real, por ser impossível, é também contingente, ou seja, permite que algo possa se escrever. O sem sentido (*pas de sens*) é também um passo de sentido. Conforme afirma Maliska (2010, p.80):

Deparar-se com o real, é estar frente ao non sens, em que a angústia se faz presente, mas é também a possibilidade de invenção de um Outro sujeito. O que quero dizer é que toda experiência real traz em si as duas acepções: uma que causa angústia pelo seu não sentido e pela sua impossibilidade; e outra que trata de inventar uma Outra coisa a partir da anterior. É a possibilidade do real.

Daí se pode concluir que é pela língua ser também da ordem do impossível que as invenções são possíveis, que todo sujeito pode tentar inscrever seu sintoma como aquilo que mantém os três registros num enlaçamento singular. A língua sendo da ordem do Real, pelo impossível de dizer tudo, lança numa assíntota às invenções dos sujeitos. É pelo Real não poder ser dito que a escrita na psicose pode indicar, ao psicanalista, um caminho a buscar nas singularidades dos sujeitos o tratamento ao gozo.

A língua não dá conta de dizer tudo, há sempre um Real que lhe atravessa, que retorna sempre por ser impossível de dizer o que não cessa de não se escrever. Não há como escrever o Real. “No entanto, o real é aquilo que está lá, com o qual se pode contar.” (MALISKA, 2010, p.79-80). E, ainda, com Lacan (1973, apud MIRANDA): “Eu te batizo,

Real, por que se não existisses, seria preciso inventar-te”. Do encontro com o Real o sujeito pode inventar sua solução, escrita singular.

São invenções o que interessa à psicanálise na medida em que, com o Real, não se tem uma compreensão, não entra no simbólico, mas saber-fazer com ele é outra coisa, é dar um tratamento possível ao real. E o que é da ordem de uma invenção tem estatuto de escrita. O saber-fazer com o Real não está dado, é preciso construí-lo e, “dizer que é preciso inventá-lo é dizer que é necessário inscrevê-lo, via letra, no sujeito” (MALISKA, 2010, p.81).

2.3 LÍNGUA E ESCRITA: NAS MIRAGENS DA LINGUÍSTICA E DA PSICANÁLISE

Pois não é? Só quando se tem rio fundo, ou cava de buraco, é que a gente por riba põe ponte... (Guimarães Rosa)

Saussure não estudou a escrita, falou desta, mas não se deteve. Seu objeto foi a língua e sua relação dentro do sistema. Todavia, fez uma afirmação pertinente e que servirá de elo para a proposta desta dissertação – estudar a escrita na psicose. Tal afirmação consiste em dizer que: “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 24).

A escrita será tratada, então, por meio da língua. Através do funcionamento e organização da língua é possível entrever o funcionamento da escrita, haja vista a língua ser um sistema de signos comparável à escrita.

Saussure coloca que o mais importante no funcionamento da língua não é o signo em si mesmo, mas a relação que estabelece com os termos que lhe rodeiam, isto é, o sistema. A relação entre os termos da língua é uma relação de oposição, pois um termo é o que o outro não é. “[...] jamais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não-coincidência com o resto.” (SAUSSURE, 2006, p. 137).

Falar da língua enquanto sistema permite chegar a outros sistemas, como o da escrita. O funcionamento e movimento de um dá acesso ao outro. De que modo, então, a língua como sistema pode refletir a questão da escrita?

Tem-se que “a língua é um sistema de signos” (SAUSSURE, 1916/2006, p.24), e só existe numa relação de oposição com os termos vizinhos. Essa relação de semelhança e diferença entre os termos constitui a teoria do sistema. É a relação de um termo com outros que permite à língua existir e poder ser utilizada pelos indivíduos. “Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros [...]” (SAUSSURE, 1916/2006, p.133).

Saussure afirma que os signos linguísticos só existem dentro do sistema. É o sistema que antecede os signos e não o contrário. Dizer sistema é dizer que a língua é regida por leis, tem um funcionamento e mecanismo próprio. Cada sistema linguístico, seja a língua seja a escrita, segue leis específicas que devem ser tomadas dentro do sistema e não fora dele: “[...] uma faculdade de associação e de coordenação que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 21).

A teoria do sistema separa a linguística de demais ciências que também se propõem a estudar a língua. “Dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua.” (NORMAND, 2009, p.50).

Foi por causa da ideia do sistema de signo linguístico que posteriormente este novo campo, herdeiro do pensamento de Saussure, chamou-se Linguística Estrutural, nome que denomina o cerne do pensamento saussuriano a respeito da “língua estruturada como um sistema de signos”. É o Estruturalismo que caracteriza a Linguística em meados do século XX, e que chega a causar marcas profundas em outras ciências, como a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e a Psicanálise. Em todas, o Estruturalismo, de uma maneira ou de outra, aponta que os fatos subjetivos se organizam simbolicamente segundo uma estrutura de significação. Foi neste contexto que surgiu também a Psicanálise lacaniana (BARRÊTO, 2008, p.20).

Saussure, ao estabelecer o sistema, faz um recorte, separa um interior e um exterior. O sistema linguístico consiste numa estrutura e isso cria uma ordem. Nesse ponto, pensando a psicose, é justamente essa a dificuldade, de fazer um recorte, separar um dentro e um fora. Com a escrita enquanto sistema seria possível fazer este recorte, como uma espécie de emolduramento que o Simbólico opera com o Real, fazendo um contorno? É o que Lacan indica quando diz que há uma precariedade no Simbólico para o psicótico, sendo o furo o que torna possível lidar com o Real em jogo. Lacan afirma que é o Simbólico que garante a existência do buraco. “É da natureza mesma do simbólico comportar esse furo” (LACAN, 1975-76/2007, p.41).

A psicose dá exemplos da impossibilidade de com a palavra dar conta desse Real, apontando o tempo todo que a palavra não chega a dizer o que se quer dizer. O neurótico tenta dar conta desse impossível com a palavra, mesmo em momentos de angústia o sujeito fala e com isso vai se organizando no discurso. A psicose, por sua vez, mostra como o Real escapa à metaforizações, como a palavra não atinge o gozo. Mas, aponta também a possibilidade do fazer com o Real, uma operação que faz um enlace simbólico. Como é o caso da escrita.

Pensando, portanto, a escrita como estabilização na psicose, pretende-se aqui apontar o diálogo com a linguística saussuriana através do sistema, chegando a algumas ponderações.

O sistema saussuriano permite que a língua como estruturada atinja uma ordem. A escrita, por sua vez, como um sistema de signos comparável à língua estabelece um ordenamento, recolocando o sujeito numa cadeia significante. Pode-se dizer que a língua, como o Real lacaniano, é uma vastidão, não se tem como aferir seu limite, mas ao colocá-la no sistema, que é o que Saussure faz, isso produz um recorte, um emolduramento a essa imensidão, ao sem-limite da língua. A escrita, prestando a isso, na psicose ao enquadramento do Real. Essa reconstituição simbólica parece ser possível após um trabalho cuja materialidade aponta que com o Real é preciso uma operação com a letra, não apenas com o significante.

Nesse ponto, chega-se a uma ideia fundamental em relação à escrita, duas vertentes que orientam este trabalho. Uma é a escrita enquanto produção, artefato, artífice, aquilo que não pede interpretação, não está do lado do sentido. A outra é o *a posteriori* desse *fazer com* (o Real), ou seja, após alguma produção o sujeito pode colocar na palavra, retomando a cadeia simbólica, restaurando, assim, alguns laços. São, portanto, duas vertentes que constituem ora o sem sentido, ora o sentido.

Um trabalho realizado pelo sujeito psicótico – escrita textual ou produção de objetos – que tem estatuto de escrita demonstra ser condensador de gozo, e por isso possibilita que novos laços possam se constituir após o rompimento com a realidade ou, em alguns casos, evitam um desencadeamento. A escrita apresentada assim indica duas perspectivas. A escrita enquanto qualquer produção do sujeito que fixa o gozo, trabalho que tem mais relação com a letra do que com o significante. E aquela que, tal como a escrita comparada à língua enquanto norteadada pelo sistema saussuriano, permite uma ordenação da cadeia simbólica, dado que dizer que faz parte do sistema é dizer que

determinada produção do sujeito ocasionou o Simbólico, permitindo reordenar seu mundo. A escrita pelo viés do sistema linguístico está, portanto, relacionado à via do sentido, e a escrita como produção com a letra está do lado do não sentido. Nossa aposta é, então, que a escrita nas duas vertentes expostas – sentido e fora do sentido – são operações que podem culminar numa suplência.

A escrita colocada em comparação ao sistema linguístico saussuriano da língua pode possibilitar um ordenamento ou, como já dito, uma espécie de emolduramento do Real, constituindo uma suplência na psicose. Desse modo, com a teoria lacaniana e a linguística de Saussure, a proposta é pensar a escrita em relação ao sistema como ordenador, produção que insere o sujeito psicótico no Simbólico, isso por sua vertente de sentido. E, não menos ou mais importante, a escrita como trabalho do sujeito com o gozo do Outro, Real desvelado. Se a escrita (textos, pintura, desenhos, artefatos) fixa o gozo, podendo inscrevê-lo, reenlaça o Simbólico.

Um fazer que tenha estatuto de escrita permite que um sentido possa advir, restituindo a palavra anteriormente impossibilitada. Na psicose, então, do sem sentido se pode fazer uma invenção que relança o sujeito numa nova ordem que havia se rompido quando de um desencadeamento, podendo compartilhar suas produções com os outros.

Normand (2009, p.50) diz que em relação às unidades linguísticas:

[...] é impossível aprendê-las fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois é nele que está seu modo de realidade; elas só possuem existência para um locutor nas relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido. Abordadas fora dessas relações, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, elas não são mais linguísticas.

Talvez seja nesse ponto, “elas não são mais linguísticas”, que a psicanálise tenha algo a dizer à linguística saussuriana, que tanto lhe faz laço, permitindo-a falar do sujeito, do Real, da língua e da escrita. Onde parece ser um ponto de fim para a linguística saussuriana, a psicanálise lacaniana acena com *um a mais* ao trabalhar com o sem sentido que a clínica da psicose ensina.

A produção de algum tipo de escrita é algo da ordem do fora do sentido, e a psicose é quem melhor aponta isso. O sujeito com sua produção, quando escreve textos ou desenha, resumindo, no momento desse fazer, não se trata de sentido nem de visar um laço social. No entanto, é nisso que se diz outra vertente, nesse fazer mesmo desses modos de escrita há um reenlaçamento do Simbólico. E dizer Simbólico é dizer que algo do sentido

se encadeou. Com Lacet (2003, p.57): “O Simbólico é o que permite fazer sentido”. A escrita na psicose é uma operação sem sentido, mas que organiza o sentido.

É válido salientar que sentido aqui não quer dizer significação fálica, esta se remete à neurose. Mesmo faltando essa significação na psicose, entendemos que o simbólico possa se enlaçar aos outros dois registros quando de uma produção com estatuto de escrita não tendo como finalidade, mas mais como uma consequência à inserção em algum discurso. Daí, portanto, Saussure (1916/2006, p.24, grifos nossos) diz que “a *língua* é um *sistema* de signos comparável à *escrita*” pensando o sistema como uma ordem onde há uma estrutura que possibilita a produção de sentidos. A escrita, desse modo, como possibilidade de reinserir o sujeito psicótico no Simbólico.

O que é considerado aqui como sentido é uma ordenação, ou seja, diante do desencadeamento da psicose o sujeito se encontra diante de uma catástrofe subjetiva, um desmoronamento de seu mundo, que precisa ser reorganizado. A escrita, então, mesmo que não culmine numa suplência, pode produzir um apaziguamento do sujeito. A essa ordenação do mundo subjetivo é que dizemos que a escrita causa sentido. Tendo ainda a escrita em sua outra vertente, a da letra, da ordem do sem sentido.

Não se trata de dizer que a escrita na psicose tem sentido, o que mais comumente se observa são produções fora do sentido. Mas, quando dizemos *fora do sentido*, isto remete a pensar o sentido como aquilo que é compartilhado. Afirma-se isso a partir de algo fazer ou não parte da realidade neurótica. Quando falamos de sentido na psicose relacionado ao sistema saussuriano, não se trata do sentido compartilhado como na neurose, mas do que pode entrar numa ordenação. Produzem-se diversos tipos de escrita (desenho, pintura, textos) quando falta o sentido, quando o que se tem são apenas significados, como nos dicionários, sendo ausente o sentido como aquilo que concatena, quando se pode fazer um recorte e ter uma unidade. É isso que a escrita faz, um recorte, uma forma onde só havia caos.

A escrita, como alguns casos clínicos têm demonstrado, funciona de forma a separar o sujeito do Outro, construindo uma alteridade fora do corpo, separada do sujeito. É certo que há outras formas de estabilização na psicose, como a passagem ao ato e a metáfora delirante, no entanto, a escrita teria um diferencial ao constituir laço social, apesar de não ter essa finalidade. Tanto a passagem ao ato como a metáfora delirante não produzem vínculo, não enlaça o sujeito ao outro. Com Alvarenga (2000, p.16), pode-se dizer que a produção de objetos e escritos permitem a destituição do gozo do Outro sobre o

sujeito. São produções concretas que apontam duas possibilidades: “o escrito literário, que veicula sentido, e a produção da letra, da ordem do real, sem sentido”.

Mais uma vez, quando se diz escrita não se trata tão-somente da produção de textos literários, mas de formas de escrita como o são a pintura, o desenho, a escultura. Trata-se de produções que têm um aparato concreto, apontando a vertente do Real pela materialidade, e do Simbólico pela separação do gozo de si, permitindo que o sujeito possa se inscrever em algum discurso. Alvarenga (2000) afirma que não se trata apenas de produzir um escrito²⁷, é necessário que a escrita tenha estatuto de S1, e que este possa fazer parte de uma cadeia, produzindo algum tipo de laço com o Outro.

Pouco importa se o sujeito fala ou não sobre o conteúdo de seus escritos, o que importa é que o escrito tenha o lugar de um S1 a partir do qual uma cadeia pode ser construída, cadeia que faz algum tipo de laço com o Outro. A escrita das letras do psicótico não é em si mesma um significante estabilizador, a não ser que suporte sobre si um outro significante produzido pelo sujeito, e que tenha um endereço. (ALVARENGA, 2000, p.17).

A escrita pode vir a barrar o Outro, condensar o gozo e ter efeito de um Nome-do-Pai. No entanto, para que seja possível uma suplência, não se trata, simplesmente, que o psicótico escreva, é necessário que a escrita ou outra forma de estabilização tenha como suporte um significante com valor de S1, significante-mestre (Nome-do-Pai), que funcione como letra condensadora de gozo. Para que o gozo seja condensado, algo deve ser extraído para fora do corpo, o objeto a ²⁸, a extração desse objeto permite que algo falte ao sujeito.

A criação de um objeto que tenha função de escrita, de letra pode conferir a circunscrição do gozo. O aforismo um significante (Nome-do-Pai) que representa o sujeito para outro significante não se aplicou à psicose. Para este a obra ocupa o lugar de S1 para um S2, seja esse Deus (como no delírio de Schreber) ou mesmo os leitores (como em Joyce). “Com seu sintoma, Arthur Bispo do Rosário encontra representação no significante: ele é representado por sua obra – letra de gozo (S1) para Deus (S2).” (QUINET, 2006, p. 90). Desse modo, a representação do sujeito psicótico passa pela letra. O S1, a obra – produzida na psicose – não se trata do significante mestre da neurose (o

²⁷ O que chamamos aqui de escrito são as produções, tipos de escrita – pintura, desenho, textos, esculturas, etc.

²⁸ O objeto a é o objeto de desejo do sujeito, mas que não é possível ser alcançado ou mesmo representável. Ele aparece sob a forma de pedaços em quatro objetos parciais: o seio, as fezes, a voz e o olhar. A extração desses objetos faz com que o objeto a seja localizado fora do corpo possibilitando ao sujeito desejar. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Nome-do-Pai), sua produção é mais da ordem de uma letra. Esse S1 tem mais peso de letra que de significante, este como estando do lado do sentido. Aqui o S1 estando enquanto letra que fixa o gozo.

Outro autor também fala do lugar que a escrita deve ocupar para ter efeito de estabilização ou de suplência. Beneti (2005, p.01) diz que:

deve haver um S1 produzido pelo próprio sujeito psicótico, para que seja possível o surgimento desse S1 articulado ao real, isto é, ao objeto, ao gozo, possibilitando a emergência do que Lacan chamou de *sinthome*, suplência subjetiva, Nome-do-Pai, produto do trabalho do sujeito psicótico [...].

É possível que alguma suplência se inscreva, pois, como afirma Quinet (2006), o psicótico é mestre em inventar formas de aparelhar o gozo, o que não deixa de ser também uma operação com a linguagem.

Como se pode observar, a escrita abordada aqui é a escrita enquanto suplência e a escrita também enquanto o que não é somente da ordem do Imaginário ou do Simbólico, mas enquanto aquilo que toca o Real. Há construções que estão do lado do sentido, como é o caso do delírio ou também a produção de algum artefato, e há aquelas que pertencem ao fora do sentido, como podem ser criações que têm estatuto de uma escrita.

Na nossa experiência, do lado do imaginário, poderíamos citar como exemplos a identificação dos pacientes com figuras da atualidade, como personagens de filmes, músicos, escritores ou mesmo algum membro da família ou da comunidade. Do lado do simbólico, temos as elaborações delirantes, que permitem ao sujeito a localização do gozo no lugar do Outro, e a produção de objetos, escritos, etc., que permitem a deposição e separação de um gozo. No primeiro caso, trata-se da busca de um sentido para o que aparece no real; no segundo, temos duas possibilidades: o escrito literário, que veicula sentido, e a produção da letra, da ordem do real, sem sentido (ALVARENGA, 2000, p.16).

Por que as produções de ordem escrita possibilitam uma suplência que a fala não parece alcançar?

Ora, a fala revela o delírio, e a este nenhum sujeito se liga. O delírio não faz laço, é de extrema particularidade. Implica em ter que dizer o indizível da linguagem, em fazer existir a relação sexual, o todo. Pensando em Bispo do Rosário, sua fala revelava seu delírio de “refazer o mundo para a chegada de Deus”, e isso não é compartilhado. Ao contrário, seus panôs, o manto da salvação e demais objetos criados são compartilhados. Os sujeitos se ligam a essas produções, passam a ser consideradas obras de arte, sejam as

belas artes ou a arte bruta. São citados, comentados, comercializados ou reproduzidos. Esses objetos circulam, têm lugar no social, no Outro. São objetos que entram numa norma fálica, no circuito do desejo. Mesmo que quando da criação o psicótico não visa a esse reconhecimento ou aceitação do Outro já produz uma separação deste.

A fala na neurose faz o furo do simbólico, mas se sabe quão evanescente ela é. A escrita, ao contrário, permite uma materialidade, fixando, registrando, grafando algo do Real inalcançável e, *a posteriori*, reorganizando a cadeia significante rompida.

A escrita, diferente da fala, comporta e suporta a própria loucura. Ela suporta o sem sentido que localiza o gozo, e assim um sujeito pode advir. A escrita possibilita ao sujeito costurar sua rede simbólica, na qual é tecido nesse próprio ato.

Mais uma vez, utilizaremos Joyce para falar de sua escrita como tendo efeito de suplência. A escrita joyceana não pretende o reconhecimento do outro que é próprio do neurótico. Trata-se de perverter a linguagem, fazer um outro uso. Uma linguagem que rompe com a produção de sentido - que requer sempre outros - incidindo no Real.

Joyce com sua obra faz uma atadura dos registros. Além disso, sua escrita é uma produção que institui um laço. Conforme diz Laurent (1995), a escrita de Joyce “coletiviza”. Fazer os outros coletivizarem em torno de sua obra é diferente de constituir um delírio, esse é um trabalho apenas do sujeito consigo mesmo, sem espaço para o laço. Joyce, no entanto, vai além, fazendo para si um nome²⁹. Desabonado do inconsciente, sem a inscrição do significante paterno, Joyce cria um nome para si que lhe permite se manter no fálico. Sua escrita aparelha o gozo do Outro. Joyce sabe que o pai é capenga, que não pôde lhe dar garantias; passa, então, a confiar em seu sintoma.

De fato, Joyce não pôde contar com o Nome-do-Pai. O que veio em lugar dele foi “a vontade de fazer um nome para si”, que é preciso não reduzir à vontade de reconhecimento pelo maior número possível de pessoas. Joyce quis fazer um nome que surtisse efeito, que pusesse para trabalhar, que coletivizasse [...] (LAURENT, 1995, p.136).

Joyce é um paradigma, pois consegue “[...] fazer um nome próprio que coletiviza, aproximando-se com isso da função do significante mestre. Foi produzindo esse nome que Joyce se manteve no sentido fálico.” (LAURENT, 1995, p.136). De outro modo, enquanto o neurótico tem um ponto de referência ao qual atribuir todas as suas significações (o

²⁹ É válido destacar que não nos deteremos à questão do sujeito fazer um Nome. Esse fato só foi destacado para falar de Joyce.

Nome-do-Pai), o psicótico tem que inventar, sem o aparato fálico, sua própria significação que lhe permita reordenar sua relação com a realidade exterior.

É possível ao sujeito se reinserir num circuito significante quando sua produção tem lugar no Outro, seja a sociedade ou a linguagem. Ou ainda, pode-se dizer, quando a criação e a publicação de um objeto significam se relacionar com o outro. Aquilo que tem lugar no Outro é também o que faz furo neste, descompletando-o, fazendo existir a falta. Conforme Greco (2005, p.97): “Trata-se de aprender com o estilo de Joyce a manter o sujeito na ordem do significante, produzir significantes a partir do gozo, num efeito de resposta ao real [...]”.

“Produzir significantes a partir do gozo” quer dizer arrumar um jeito de garantir o simbólico bem amarrado ao Imaginário e ao Real, mesmo ao lidar e produzir com o sem sentido. O que Joyce mostra é que há um ponto irredutível às interpretações – o gozo – mas que é possível tratá-lo, dar-lhe um destino sem que para isso o sujeito permaneça preso ao seu delírio.

Branco (1988) afirma que o psicótico trabalha com a palavra, reduzindo-a a seu “ponto de materialidade”, ou seja, tentando extirpar o sentido, retirando o *como se* próprio da linguagem. Uma tentativa de eliminar a metáfora, que a palavra fosse a própria coisa e não seu representante. A escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol³⁰ fala disso em sua escrita: “Para mim, não há metáforas. Uma coisa é ou não é. Não existe o **como se**. O que escrevo é uma só narrativa, que vou partindo, aos pedaços.” (BRANCO, 1988, p.36).

O psicótico, então, é um sujeito que aponta o para-além dos limites do significante, fazendo uso da língua em seu ponto de materialidade, aonde o sentido não é mais importante que o próprio uso das palavras. Enquanto o sistema linguístico saussuriano tenta aparar essas arestas, colocando a língua numa ordem, há ao mesmo tempo uma parte que transcende, excede os limites do sistema.

Por esse acesso direto ao Real, o psicótico mostra modos diversos de lidar com o Outro invasor, usando a letra como ponto de fixação de gozo. É o que Massagão (2004, p.270) destaca ao dizer que o psicótico tem um empuxo à escrita, ou seja, “uma necessidade constante de escrever”. É o que se pode perceber em Bispo do Rosário: “[...] a sua reconstrução do mundo, através de um trabalho em artes plásticas em que se faz

³⁰ “Escritora portuguesa de ascendência espanhola, nascida no ano de 1931 em Lisboa. Licenciou-se em Direito e em Ciências Pedagógicas [...]. Considerada uma autora cuja escrita é hermética e de difícil inteligibilidade para o leitor comum, é, no entanto, apontada por muitos como um dos nomes mais inovadores e importantes da ficção portuguesa contemporânea.” Acesso em maio de 2012, disponível em: <<http://www.wook.pt/authors/detail/id/12130>>.

evidente o extenuante exercício com o significante, com a grafia e com a letra: com a escrita em seu ponto de furo.” (BRANCO, 1988, p.34-35).

A escrita como um buraco que se faz entre dois campos, o do Real e o do Simbólico. De acordo com Laurent (apud GRECO, 2005, p.97): “passagem entre o simbólico e o real que acalma sem o apoio da função paterna”. A escrita como suporte da ausência do significante paterno possibilitando uma moderação com o gozo.

A respeito da questão da escrita em comparação com a língua enquanto sistema, é importante considerar a noção de *valor*. Saussure, ao tratar do sistema, institui dois modos de se considerar a relação entre o significado e o significante. Uma é a relação entre um significado e um significante, representado pelas flechas verticais, relação essa que se dá no interior do signo linguístico. A outra, por sua vez, consiste na relação entre os signos, indicado na figura pelas flechas horizontais.



Figura 01: a significação; o signo linguístico isolado. (CLG, 1916/2006, p.133)

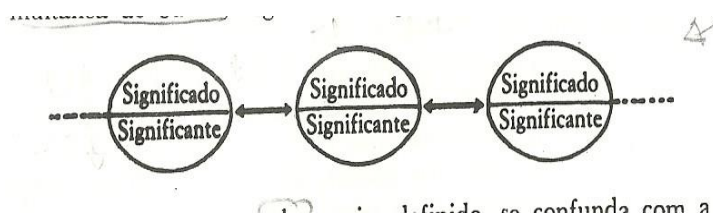


Figura 02: o valor; signos no sistema. (CLG, 1916/2006, p.133)

Saussure denomina de significação a relação que se dá num mesmo signo, e de valor a que ocorre entre os signos. Todavia, um signo isolado não quer dizer nada, perde seu caráter de unidade linguística: “[...] um signo linguístico isolado, fora das relações que o constituem como elemento de uma língua, perde sua realidade de signo, ou seja, não significa mais nada” (NORMAND, 2009, p.159). O que se mostra, portanto, de grande importância para a teoria saussuriana é a noção de valor, a relação entre os signos.

É verdade que há certa confusão entre os conceitos de significação e valor que não ficam claros mesmo no CLG. À parte de tais confusões, o que Saussure pretende destacar é que nada na língua é dado de antemão, mesmo o signo já traz em si a relação que estabelece com os demais: “[...] a palavra não existe nem sem um significado, nem sem um significante. Mas o significado só é o resumo do valor linguístico que supõe o jogo dos termos entre si, em cada sistema da língua.” (NORMAND, cit, in. E. I, 264, caderno de Constantin).

Assim, toda palavra se encontra revestida por uma significação e principalmente por um valor que emana do sistema. O que parece é que o sistema define o signo e não o contrário, pois a significação de um termo depende antes da relação que institui com os demais.

Tudo o que foi dito acima acerca da língua também se aplica à escrita. Desse modo: “Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como termo de comparação [...]” (SAUSSURE, 1916/2006, p.138). Nenhum signo gráfico se confunde, em sua escrita, com outros, preservando sua significação. Também o valor depende da relação entre os signos que lhe rodeiam. E ainda, o valor não depende do elemento que lhe serve de suporte, não é a matéria que fixa o valor do sistema da escrita. “Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte. Assim, não é o metal da moeda que lhe fixa o valor.” (SAUSSURE, 1916/2006, p.137).

Não é o suporte material que fixa o valor, mas a relação que esse estabelece entre os termos dentro do sistema. Desse modo, trazendo essa noção de escrita para a teoria lacaniana, podemos dizer que não importa qual seja a materialidade – papel, lápis, madeira, tecidos, agulhas etc. – que um sujeito utiliza para compor a sua escrita, mas a relação, ou melhor, o efeito de enquadrar o gozo, colocando-o a serviço do sujeito. Como diz Greco (2005, p.97), “manter o sujeito na ordem do significante, produzir significantes a partir do gozo”. A escrita que efetua um trabalho com o gozo não é somente a escrita de textos, mas aquela que se diz escrita de gozo.

O que a psicose aponta são escritas muito singulares porque únicas, não são como os poetas que se assemelham em seus estilos literários, são escritas que não seguem códigos de linguagem estabelecidos, não visam à comunicação, não supõe um leitor imaginário. O psicótico é alguém que não está fora da linguagem, mas subverte suas leis,

inventando e manipulando as palavras, quebrando sentidos. As invenções que fazem atestam um tratamento ao gozo para enquadrá-lo.

Por isso, esta dissertação aborda a escrita como produção de objetos e de escrita textual, exemplificando com casos da literatura psicanalítica, de documentários e algumas vinhetas de pacientes. É a escrita como letra de gozo que se materializa nas produções de objetos, pois se aposta que através de tais produções o sujeito possa se colocar numa ordem simbólica a partir do tratamento que é dado ao Real.

2.4 DO SIGNIFICANTE À LETRA: A CAMINHO DO REAL

O que acontece quando o simbólico se rompe, quando o que havia de significante foi abolido? “Ao perder a referência ao significante, a letra se articula ao real do gozo” (MARTINS, 2009, p.192).

Significante e letra fazem parte de toda a teoria lacaniana, sendo o gozo um princípio fundamental neste percurso. Todavia, é preciso dizer, a letra não antecede o significante, pode vir em auxílio do sujeito, produzindo uma suplência ao se constituir como um artífice para lidar com o real, mas não é primeira ou mais importante. Pode-se dizer que Lacan vai do significante à letra num mesmo movimento em que o simbólico deixa de ter primazia em relação aos outros dois registros.

Lacan colhe o significante da linguística saussuriana e o aplica à sua causa, tal fato é sabido. O que, entretanto, deve-se dizer é que ele faz um uso subversivo da linguística, ou como Lacan (1971/2009) o diz, “um uso metafórico da linguística”, pois neste campo ele sabe a que se ater, ou seja, o seu discurso é o da psicanálise. “O que me interessa diretamente é a linguagem, porque penso que é com ela que lido quando tenho que fazer uma psicanálise” (LACAN, 1971/2009, p.43).

Da aproximação com a linguística, Lacan irá se distanciar, forjando o termo *linguisteria*³¹, demarcando o uso particular que faz da linguística, ou ainda, de que linguagem se trata para a psicanálise. Delimitando, assim, os domínios que pertencem a cada uma, à linguística e à psicanálise.

Mas se consideramos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou o inconsciente, então

³¹ Linguisteria é um neologismo lacaniano a partir da junção das palavras linguagem e histeria. A linguisteria é uma língua inscrita no corpo como o sintoma histérico, a partir do que se pode dizer que o sintoma fala no corpo.

será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguisteria. (LACAN, 1972-73/2008, p.22).

À medida que Lacan avança em relação ao significante e chegando ao conceito de letra é possível perceber o distanciamento da noção de significante saussuriano. Alguns de seus textos demonstram esse percurso, como é o caso de *O Seminário sobre A Carta Roubada* (1957/1998), *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), *Lituraterra* (1971) e o *Seminário 18 – De um discurso que não fosse semblante* (1971).

As investigações de Lacan, por volta da década de 70, que giram em torno da letra apontam uma nova vertente para a psicanálise, passando da importância da fala à linguagem, indo do significante enquanto o que pode dizer toda a verdade do sujeito à noção de letra vertente real, literal do significante.

Subordinada até então ao campo da fala, à ordem significante, a *lettre* se torna uma referência central nesse período do ensino de Lacan, no qual se verifica uma promoção do escrito em relação a todas as demais considerações sobre o campo da linguagem. (MANDIL, 2003, p.46).

É válido ressaltar que nesse percurso do significante à letra, em nenhum momento uma das vertentes é descartada. Todo o ensino de Lacan é permeado por questões como estas, o que representa o avanço teórico e clínico da psicanálise. São tempos de primazia e de avanço.

Nesse movimento do significante à letra, é certo dizer que há uma passagem do Simbólico ao Real. “A escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico.” (LACAN, 1971/2009, p.114). É o movimento que ocorre para se chegar ao conceito de letra, do que é do campo do Simbólico ao que é do Real.

Em *O Seminário sobre A Carta Roubada*, Lacan (1957/1998) se utiliza do conto – *A carta roubada*³² – de Edgar Allan Poe para tratar do funcionamento do significante enquanto aquele que circula, tal qual a carta de mão em mão, fazendo os sujeitos mudarem de posição. O conto em nenhum momento revela o conteúdo da carta/*letter*³³ ou, ainda, seu

³² O conto *A carta roubada* trata-se de uma carta que circula por vários sujeitos e que deve ser recuperada haja vista seu conteúdo, o qual Poe não revela em nenhum momento, comprometer a lealdade da rainha ao seu rei. Tal carta adquire um disfarce passando despercebida pelos policiais que não a reconhecem por ter sua superfície modificada. Ela passa de mão em mão, sendo amassada e rasurada sem que se possa perceber que se trata da mesma carta a qual todos procuram.

³³ Escolhemos aqui adotar a grafia francesa para carta – *letter* – mantendo a homofonia, que causa a duplicidade de sentido (carta/letra) colocada por Lacan no texto *A carta roubada*.

significado, deixando-o em suspensão. O que demonstra a prevalência do significante em relação ao significado, pois é o significante que define a posição subjetiva de cada personagem. A carta está no campo do sentido.

Ainda nesse texto, Lacan aponta uma outra vertente, a letra, que desliza de carta/*letter* para lixo/*litter*, ou seja, introduz a dimensão não apenas de circulação, mas também do descartável. A carta aqui não tem mais apenas o valor de sentido. Voltaremos a isso mais adiante.

Se em *O Seminário sobre A Carta Roubada* (1957/1998) ainda não há claramente uma distinção entre significante e letra, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998) Lacan destaca o caráter da linguagem estando para além da fala, cuja função não se restringe apenas à comunicação. A linguagem é uma estrutura e, como tal, tem um caráter significante, antes que de significado. Ao longo desse texto é destacada a materialidade da letra em relação ao significante, fazendo ecoar uma diferença entre eles.

Em *A instância da letra...* (1957/1998) a letra é tida como o suporte material do significante; em *Lituraterra* (1971) ela é o que impinge uma separação entre dois heterogêneos. Não o que separa dois territórios, mas o que separa dois diferentes, o que faz litoral. Indo da letra como literal para a letra como litoral. Significante e letra não mais se confundem. A letra é a borda que se inscreve entre Simbólico e Real. “Uma letra que faz borda e que está situado no real. É isso que a difere do significante, que se situa no simbólico.” (BARROS, 2008).

No *Seminário 20 – Mais, ainda* essa distinção vai se tornando mais radical: “A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o significante.” (LACAN, 1972-73/2008, p.35).

Não afirmamos, todavia, que a letra é primeira em relação ao significante. Sem o significante a letra não existe, pois é o significante que põe a letra em operação. Se o significante é primordial, então, utiliza-se da letra para fazer uma transmissão. A letra como suporte material do significante permite que algo possa ser lido, do contrário só se leriam os destroços do significante, pois este como tal, sozinho, não significa nada, é puro Real, gozo de alíngua. A letra cifra o gozo e assim pode transmitir algo para o sujeito, algo da ordem de um saber, um saber-fazer com o que é do campo do Real, do sem sentido.

O que inscrevi, com a ajuda de letras, sobre as formações do inconsciente, para recuperá-las de como Freud as formula, por serem o que são, efeitos de significante, não autoriza a fazer da letra um

significante, nem a lhe atribuir, ainda por cima, uma primazia em relação ao significante. (LACAN, 1971/2003, p.19).

Mandil (2003) aponta que a letra, no ensino de Lacan, possui duas perspectivas. A letra tanto tem a função de transmitir uma mensagem como possui uma materialidade, sendo manuseável, mutável, o que lhe confere um para além da função de significar, que se encontra fora do sentido. Aqui há um rompimento definitivo entre o significante enquanto somente relacionado ao significado, e a letra trazendo uma outra vertente.

Essa dupla dimensão, função de transmissão de uma mensagem, *a letter*, mas com um destino que concerne à sua materialidade, *a litter*, é, para Lacan, algo inerente a uma carta (ou a uma letra), esta não podendo ser concebida sem a simultaneidade das duas vertentes (MANDIL, 2003, p.28).

A letra nesses dois aspectos pode ser vista nas peripécias da carta do conto de Poe. Ela veicula uma mensagem e ao mesmo tempo porta uma materialidade no sentido daquilo que pode ser rasgado, cortado, amassado, o que adquire função de objeto.

Dupin é alguém que leva em consideração o fato de uma carta não estar inteiramente do lado da mensagem – que, aliás, não é revelada no conto –, possuindo também uma materialidade, e sendo portanto manuseável, passível de ser esquecida, rasgada, guardada, adulterada ou tratada como detrito (MANDIL, 2003, p.27).

Essa função permite que se possa apontar a radicalidade produzida da diferença entre o significante lacaniano e o significante saussuriano. “A letra tem esta função inicial de distinguir o significante linguístico do significante psicanalítico porque introduz [no significante] o que é inerente à noção de letra: o efeito de cortar, apagar, desaparecer” (RITVO, 2000, p.13, apud CARVALHO, 2005). Para Saussure, o significante não existe sem o significado, o que compõe o signo linguístico, e este, por sua vez, só existe dentro do sistema. Fora deste, o significante nada pode significar, não produz sentido. A letra vem marcar que algo escapa ao sentido, há sempre um resto que persiste e não é possível entrar na ordem simbólica. Com o resto o que se pode fazer é algo que envolve a materialidade, fazer do que era sucata/lixo um objeto que entra numa nova ordem, podendo circular.

Após as peripécias do significante, ao transmitir sentido, algo sobra, há o resto. É com esse que se pode contar. Há sempre um resto que sobra da operação simbólica. O homem contemporâneo está tratando dos seus restos, mas sempre teve que se haver com

seus dejetos. O resto é o que se encontra fora de uma ordem simbólica, mas é também o que pode circular, provocando efeito de sujeito.

Na clínica das psicoses, deparamos muito com os dejetos – são excrementos, papéis rasgados, objetos sem valor econômico, pedaços de roupas, utensílios quebrados – denunciando a realidade psíquica, mais que isso, o Real, a ausência de um véu simbólico que protege o neurótico do encontro danoso com o gozo desmedido. Esses mesmos objetos/dejetos, outrora sem valor, isto é, sem investimento de sujeito, ganham outro estatuto quando são trabalhados pelo psicótico, tornando-se objetos estéticos, arte, arte bruta. São produções marcadas pela singularidade de um sujeito, sua marca, seu traçado, sua escrita que constitui o sintoma como aquilo que é único em cada sujeito.

Com essa perspectiva da letra, pode-se falar de um outro caminho para a psicose que não o do significante, já que este (Nome-do-Pai) prescreveu. Na vertente do significante está a noção de representante, enquanto na de letra há algo da função de uma transmissão que se liga à produção na psicose. “Um significante apenas representa um sujeito para outro significante e nada transmite em si mesmo; a letra torna possível a transmissão integral [...]” (CARVALHO, 2005, p.06). A letra transmite o Real, e o Real é o que é, não enseja mais equívocos.

A psicose mostra o lidar com o Real, sua relação com o significante passa pelo caminho da letra. A produção artística ou artesanal na psicose é um lidar com a letra que não entra numa ordem significante. E, por isso, trata-se de um fazer indo da palavra ao objeto, transformando letras/palavras em coisa. Descascar a palavra até seu núcleo, tornando-a manuseável e intercambiável. Já que o significante produz sempre novos sentidos, a produção, que tem estatuto de letra, esvazia de significância, permitindo uma circulação no social. Desse modo, a escrita de textos, o desenho, a pintura, a escultura ou mesmo a produção de qualquer outro objeto - ou seja, o que pressupõe uma materialidade, o trabalho sobre o concreto, como podem ser observados nas oficinas com estes sujeitos - operam sob o gozo, localizando e esvaziando-o.

Todavia, é válido dizer que são produções que não pedem interpretação, não são formações do inconsciente. Independem da aprovação ou mesmo do reconhecimento do outro. São sujeitos reconhecidos por suas obras, não são apenas aqueles que deliram. Eles escrevem, pintam, bordam, constroem e modelam artefatos que se dão a ver ao outro que os coleta e os coloca em circulação. Por circularem esses objetos obturam uma falta no grande Outro.

Daí, interroga-se: Se as produções na psicose se encontram fora do sentido, seus escritos não são para serem interpretados, como pode ser que, ainda assim, façam laço? Como uma produção, experiência singular, pode passar ao social, ao que é do coletivo?

Justamente por ser uma operação com a letra, produção que visa ao gozo, um saber-fazer com o gozo. A invenção com o que dela se pode fazer letra, o que conjuga e separa Simbólico e Real. Masagão (1996, p.274) afirma: “Já a letra tem a propriedade de circular entre os diferentes registros. A letra liga, une, promove encontros...” E, ainda, a mesma autora citando Milner, diz: “O significante deriva apenas da instância S; mas a letra vincula RSI [...]” (Ibidem, p.105).

Só com os discursos não se dá conta do gozo, é preciso uma criação, algo da ordem do objeto, que por sua materialidade pode circular sem estar fixado a um dito, mas podendo deslizar por entre estes. O objeto (enquanto produções dos psicóticos – escrita, desenhos, artefatos etc.) pode ser deslocável, manuseável, amassado até mesmo jogado fora. Essas características dão a ele a qualidade de poder fazer recorte, isto é, poder extrair algo para fora do corpo, já que na psicose os objetos não estão destacados deste. A partir do recorte que se opera por meio da criação, o sujeito psicótico pode vir a fazer algo circular sem que seja ele mesmo o objeto de circulação, estando à mercê do Outro. “[...] o que constitui o sofrimento do sujeito é justamente essa dispersão, esse despedaçamento de gozo, sendo eminentemente terapêutica e apaziguadora a tentativa de condensar o gozo num objeto fora do sujeito.” (QUINET, 2009, p.71).

Como diz Laurent (1995, p.185), os escritos dos psicóticos não são para ser decifrados, trata-se de tomá-los enquanto possibilidade de “introduzir o sujeito”, ou seja, “introduzir o sujeito no texto psicótico e a ordenar, a partir daí, a produção que irá manifestar-se no tempo”. Introduzir o psicótico como sujeito é fazer operar a distribuição e esvaziamento do gozo. E ainda, tomar esses escritos como objeto pronto e acabado: “[...] não como algo a ser interpretado, mas como *ready-made* [pronto], como objeto já distribuído e produzido.” (Ibidem, p.190).

A produção artesanal fixa o gozo por meio da materialidade própria da letra, e ao fixar o gozo não é mais o sujeito que fica à revelia do Outro, o objeto produzido passa a circular no seu lugar. Como traz Alberti (2011, p.08) acerca de uma criança atendida por ela: “[...] como se substituísse sua própria circulação por um objeto que, em sua materialidade, faria o laço de suas idas e vindas. Não é mais ela que circula como objeto do Outro, mas são objetos que ela coloca em circulação”. Como se a própria materialidade dos

objetos se ofertasse como depositário do gozo do Outro. Esse é o efeito das produções que têm estatuto de letra.

Apesar de também serem produzidas obras fascinantes na neurose, a escolha por falar destas na psicose parte de que o que há de mais inventivo está do lado dessa estrutura. A neurose está do lado do Simbólico, o Nome-do-Pai é sua invenção com a qual faz uma amarração dos registros RSI. Ao contrário, na psicose, o sujeito terá que se haver com a ausência de um furo no Simbólico, não há falta no Outro constituída. Suas produções são a partir do nada, não há registro.

Pode-se, com efeito, conceber que a falha do simbólico que a forclusão descobre se traduza, de um lado, em efeitos desorganizadores, designados com o termo “perda da realidade”, mas que, por outro, funcione como um starter para produções inéditas. Elas nem sempre chegam ao sumo da arte, mas todas são o traço de que a forclusão libera um efeito que podemos chamar de “empuxo à criação”. (SOLER, 1998, p.30).

A psicose ensina um saber com o Real, o que há de mais inventivo se encontra do seu lado. As psicoses mostram produções de maior originalidade, pois como afirma Lombardi: “[...] o psicótico é alguém que se por um lado tem restrições certas e sofrimentos do lado do sintoma psicótico, por outro lado tem, às vezes, a possibilidade de certas liberdades criativas incompatíveis com a repressão que condiciona a neurose.”³⁴ (LOMBARDI, 2005, tradução livre).

A psicose aponta à psicanálise o caminho das invenções criativas, criações que estão do lado da letra, ou ainda, do Real. É a estrutura que assinala a Lacan um tempo do Real, que é sem lei, possibilitando um novo rumo à teoria psicanalítica que vai do tempo do Simbólico ao Real, ou, pode-se dizer, da fala à escrita.

Nesse percurso da fala à escrita, Lacan chega a afirmar no *Seminário 18* (1971/2009, p.117) que: “[...] o sujeito é dividido pela linguagem, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com o exercício da fala”. A escrita no ensino de Lacan mostra o que está para além da linguagem. “Se o significante é matéria que faz existir o inconsciente estruturado como linguagem, o gozo, a substância gozosa, por seu turno, desvela o que determina o sujeito para além da linguagem [...]” (GUERRA, p.19).

³⁴ “[...] el psicótico es alguien que si bien por um lado tiene restricciones ciertas y sufrimientos del lado del sintoma psicótico, por outro lado tiene a veces la posibilidad de ciertas libertades creativas incompatibles com la represión que condiciona la neurosis.”³⁴ (LOMBARDI, 2005).

A escrita aponta o caráter diferencial em relação à fala, o modo singular do sujeito tratar seu gozo e fazer seu sintoma. Com Lacan (1971, apud AIRES, p.12): “(...) se a escrita pode servir para alguma coisa é justamente porque é diferente da palavra”. A escrita serve ao que não pode ser dito em palavras. A todo sujeito é impossível com a palavra dar conta do gozo. “Começamos a reconhecer que todo falante, imerso na linguagem, que tem um corpo que goza, é exposto a uma impossibilidade, a impossibilidade do gozo todo, e luta para fazer dele um modo particular”³⁵. (VELÁSQUEZ, 2010, p.19, tradução livre).

A todo sujeito resta localizar o gozo, ainda que esteja fora do registro fálico. Os psicóticos têm mostrado que há outras formas de invenção que podem realizar função similar à do Nome-do-Pai, enodamento da neurose. São formas criativas de fazer com o gozo invasor. Nas palavras de Lacan (1968/2003, p.362): “Toda formação humana tem, por essência, e não por acaso, de refrear o gozo”.

A explanação feita até aqui acerca do significante e da letra, ou da fala à escrita teve o intuito de destacar teoricamente as invenções na psicose que têm estatuto de letra, e que por isso podem comportar alguma suplência.

Dado o primeiro capítulo tratar sobre o sujeito psicótico e sua relação com a linguagem a partir da primeira clínica lacaniana, adentramos na segunda clínica ao abordar o conceito de suplência como as invenções daqueles fora da norma fálica, mas dentro da linguagem e mestres no saber-fazer com o gozo.

Este segundo capítulo visou dizer da relação entre psicanálise e linguística no que elas dialogam, tendo como ponto em comum a linguagem, já tratado por Freud, desvelando no inconsciente um mundo de linguagem. O significante foi o nó que enlaçou Lacan a adentrar na linguística saussuriana, utilizando-se dela para em seguida forjar outro campo – a linguisteria. Foi possível, ainda, falar de língua e alíngua para chegar à escrita. A escrita aqui são as produções artesanais que, por seu estatuto de letra, localizam, separam, apaziguam e, por vezes, fazem suplência na psicose.

Seguir um pouco o caminho de Lacan desde o significante até a letra, teoria onde ainda se tem muito a colher, não constitui tarefa fácil. Todavia, essa escolha é feita para dizer da escrita como saber-fazer com o gozo, estando ciente que a psicanálise se funda pela fala, e que dizer da psicose como o que ensina sobre o Real é estar no campo daquilo que não se escreve.

³⁵ “Partimos de reconocer que todo ser que habla, inmerso en el lenguaje, que tiene un cuerpo que goza, está expuesto a una imposibilidad, la imposibilidad del goce Todo, y lucha para hacer con ella de una manera particular.” (VELÁSQUEZ, 2010, p.19).

A escolha pela escrita parte da impossibilidade mesma de se dizer tudo com a palavra. Todo sujeito está no impossível de a tudo significar, as palavras sempre faltam, daí mesmo por isso se inventa, cria e faz laço numa tentativa de lidar com a falta ou fazê-la existir. Traumatizado pela linguagem, todo sujeito é levado num turbilhão de palavras e de mudez, rede do Outro que aponta o buraco da inefável condição do ser.

É mesmo pela impossibilidade, própria do Real, que é possível que alguma coisa se inscreva – uma nova cadeia de sentido ou a produção artesanal de objetos condensadores de gozo.

Mesmo que a escrita não culmine em uma suplência, é tratada aqui também pela particularidade no modo como cada sujeito utiliza e que efeitos a escrita pode constituir para cada um. Os usos que os sujeitos apontam fazem avançar a clínica psicanalítica. É o que as vinhetas de casos ora apresentados visam, apontando a escrita como meio de moderar o gozo e possibilitar a constituição de um laço.

CAPÍTULO III PELAS VEREDAS DA ESCRITA

Fiz uma aliança com Deus: que Ele não me mande visões, nem sonhos, nem mesmo anjos. Estou satisfeito com o dom das Escrituras Sagradas, que me dão instrução abundante e tudo o que preciso conhecer tanto para esta vida quanto para o que há de vir (LUTERO).

3.1 FREUD, LACAN E SAUSSURE EM TORNO DA ESCRITA

Quando Deus fez o primeiro modelo de barro do ser humano, pintou-lhe os olhos, os lábios e o sexo. E então pintou o nome da pessoa, temendo que ela pudesse esquecê-lo. Se aprovasse sua própria criação, Deus daria vida ao modelo de barro pintado ao assinar sobre ele seu próprio nome. (GREENAWAY, 1996).

A escrita se veste de diversas formas: a caligrafia, a pintura, o poema, a tatuagem, a música. As superfícies também podem ser várias: o papel, a terra, a tela do pintor, o próprio corpo. É por essa diversidade e, pelo que já se falou até aqui, que se pretende, nesse ponto da dissertação, fazer uma espécie de resumo ligando cada autor – Freud, Lacan e Saussure - à sua noção de escrita.

Como se vem abordando até o dado momento, a escrita não se trata apenas de mais uma ferramenta de comunicação que o homem utiliza, nem de um simples ato que faz parte do desenvolvimento cognitivo. A escrita pode ser algo da ordem de um registro, registro de uma subjetividade, marca indelével e contínua da história de todo sujeito. Texto que se escreve à revelia do sujeito, mas que pode colocá-lo no mundo.

A escrita tem uma importância singular para a psicanálise, e é em Freud que terá seu início, sendo retomada, posteriormente, por Lacan.

Freud, em *Projeto para uma psicologia científica* (1950/1996), destaca a noção de memória, esta não como algo formado, já pronto nos sujeitos, mas como uma formação que funda o próprio psiquismo. A memória, aqui, não se confunde com a lembrança, é um aparelho mental que se desenvolve juntamente com outro, o aparelho de linguagem. A memória é o aparelho psíquico por excelência e, como tal, os processos que nela ocorrem se dão através de uma inscrição psíquica denominada traço mnêmico.

A representação seria, então, aquilo que, do objeto, vem se inscrever nos “sistemas mnêmicos”. [...] Ora, é sabido que Freud não concebe a memória como um puro e simples receptáculo de imagens, segundo uma concepção estritamente empírica, mas fala de sistemas mnêmicos, desdobra a lembrança em diferentes séries associativas e designa, finalmente, sob o nome de traço mnêmico [...] (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, apud BORGES, 2010, p.55).

O trajeto que Freud empreende vai desde uma concepção na qual o psiquismo era marcado pelas suas ideias enquanto médico, falando sobre funções neuronais, até a noção do psiquismo enquanto sistema de linguagem, sendo por esse trajeto que Lacan seguirá chegando ao aforismo do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Lacan leu muitíssimo bem Freud, destacando que, mesmo nos primeiros textos, este já não considerava que os elementos do sonho se tratassem de uma relação direta do sujeito com os objetos do mundo, e sim de uma relação entre representantes, ou seja, entre significantes, o que indicaria o caminho de Lacan para falar acerca da ordem simbólica.

Em *O bloco mágico* (1925), Freud destacará o aparelho mnêmico como um bloco de notas no qual é possível fazer uma nova escrita sem que com isso o que estava escrito anteriormente se apague, assim é a memória do sujeito, “é fundadora, ela é o próprio psiquismo” (BORGES, 2010, p.62). Tal bloco exerce a mesma capacidade do aparelho mental, isto é, está sempre pronto a registrar fatos novos sem que para isso seja preciso se desfazer da superfície da escrita ou ter que apagar o registro anterior.

Ora, há algum tempo atrás surgiu no mercado, sob o nome de “Bloco Mágico”, um pequeno invento que promete realizar mais do que a folha de papel ou a lousa. [...] sua construção apresenta uma concordância notável com a minha estrutura hipotética de nosso aparelho perceptual e que, de fato, pode fornecer tanto uma superfície receptiva sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas sobre ela. (FREUD, 1925/1996, p.256)

O bloco mágico concretiza a noção já esboçada no *Projeto...* acerca da metáfora da escrita para falar do funcionamento do psiquismo. Como afirma Borges: “[Freud] toma a escrita como metáfora” (2010, p.62-63). Com a noção do traço mnêmico surge a ideia de escritura, ou seja, do psiquismo funcionar como um escrito onde são impressos e onde podem ser lidos textos. Freud (1896/1996, p.281), numa carta endereçada a Fliess, afirma:

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de

tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*.

O que acontece é que os traços mnêmicos são a marca de registros ao longo da vida do sujeito que, de tempos em tempos, como afirma Freud, sofrem uma reestruturação, de modo que os registros mais antigos não são apagados devido à incidência de novos traços. “Os traços, como inscrições, vão sendo reestruturados segundo novas configurações. O material mnêmico recebe a todo instante como que uma nova tradução.” (BORGES, 2010, p.66).

Outro texto que remete à questão da escrita é *A interpretação dos sonhos* (1900), no qual Freud empreende uma descoberta ao fazer uma analogia entre o sonho e a escrita hieroglífica. O sonho seria como uma escrita que implica que se faça uma leitura, tal qual um texto. Tal escrita dispõe de códigos/letras os quais o sonhador no relato do sonho pode vir a decodificá-los. Diferentemente do que alguns estudiosos da época faziam, Freud diz que a leitura que se empreende do sonho não deve ser feita de acordo com o que cada representação quer dizer, ou seja, ao pé da letra, mas deve-se considerar seu valor simbólico.

Freud vai dizer que os sonhos devem ser lidos como uma escrita. As imagens dos sonhos devem ser tomadas como letras, logo, pertencentes a um sistema de escrita com leis e funcionamento próprios. As imagens tidas pelo seu valor de letras possibilita que o sonho possa ser lido. São imagens que se dão a ler, mais do que a ver.

Ainda nesse texto, trata-se da produção onírica como produção de sentido de cada sujeito, onde as representações surgem de forma desordenada e sem sentido, como um texto assemântico no qual o sonhador tenta decifrar o sonho. Freud chega a comparar o sonho com uma escrita num pergaminho que, à primeira vista, parece sem sentido, mas após uma análise minuciosa revela algo de grande valor. Freud (1900) cita James Sully (1893, p. 364) para afirmar a importância dos sonhos na realização de desejos, onde o conteúdo manifesto encobre o conteúdo latente, ou seja, há um disfarce superficial no sonho para dissimular o desejo. É uma escrita velada:

Como uma carta cifrada, a inscrição onírica, quando examinada de perto, perde sua primeira impressão de disparate e assume o aspecto de uma mensagem séria e inteligível. [...] podemos dizer que, como um palimpsesto, o sonho revela, sob seus caracteres superficiais destituídos de valor, vestígios de uma comunicação antiga e preciosa. (FREUD, 1900/2001, p. 147, nota de rodapé).

O conteúdo manifesto do sonho é diferente dos pensamentos latentes, e demanda uma tradução simbólica para sua decifração. Sem a tradução simbólica nada faria sentido, pois os sonhos surgem de maneira irreal, ilógico, como sonhos de casas que voam, homens sem cabeça etc.

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. (FREUD, 1900/2001, p. 276).

Os textos citados demonstram que as ideias de Freud foram precursoras da noção lacaniana do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, antecipando até mesmo a ideia de significante, e utilizando a metáfora da escrita para falar do aparelho psíquico. Foi nos sonhos que Freud viu a tessitura de uma escrita. O inconsciente revelado como um conjunto de letras à espera de ser decifrado.

À noção de traço mnêmico freudiano, Lacan cria o conceito de traço unário como a marca primeira do surgimento do sujeito pelo significante. O traço marca a divisão do sujeito pela linguagem. (RINALDI, 2008). O traço mnêmico de Freud e, posteriormente, o traço unário com Lacan, é o traço da constituição do sujeito, que é concomitante à relação com o significante.

Parece não haver traço unário na psicose. Então, por que falar desse traço aqui? O traço unário tem o intuito de colocar a questão da subjetividade e a psicose, neste ponto do trabalho, pode-se dizer apresenta um outro modo de se relacionar com o social e de lidar com o real que se encontra desvelado. As saídas encontradas por cada sujeito podem ser ditas traços de extrema singularidade que podem ser vistas nas diversas formas de escrita, como os casos clínicos demonstram. Uma marca que torna suas produções únicas. Traço de um sujeito, rasura da sua singularidade. Um traço real, pode-se dizer, em sua vertente de gozo.

Com as primeiras noções engendradas por Freud acerca da escrita, avançamos para a escrita trazida por Lacan mais especificamente no segundo tempo de seu ensino.

É a escrita da teoria borromeana, pois é através dela que Lacan chega ao seu conceito de real. “[...] foi por pequenos pedaços de escrita que se penetrou no real”, o real só é

acessível pela escrita “a escrita de letrinhas matemáticas, é isso que sustenta o real” (1975-76/2007, p.66).

Como se veio abordando a escrita nas vertentes do sentido e do fora do sentido, percebe-se que este conceito pode ser tomado nos aspectos freudiano e lacaniano. O sentido relacionado à teoria freudiana e o sem sentido à lacaniana.

A escrita na conceituação freudiana está relacionada à memória enquanto uma transcrição e retranscrição constante no psiquismo apontando que o inconsciente se organiza como uma escrita produzindo sentido. Se o inconsciente é regido por leis de uma linguagem, seu funcionamento ocorre como uma combinatória na qual os elementos, ou melhor, os significantes se arranjam de modo a transmitir uma mensagem ao sujeito. Esse trabalho é possível observar nos sonhos. Os elementos contidos nos sonhos se organizam de modo a poderem ser decodificados pelo sonhador em seu relato. O inconsciente faz um trabalho de cifrar o material contido no psiquismo para torná-lo revelado ao sujeito. Um movimento que vai de cifrar a decifrar (LACET, 2003).

Como afirma Ritvo (2000, apud LACET, 2003): “O inconsciente lê uma escrita em ruínas e a transforma em significante [...]”. O inconsciente trabalha traduzindo elementos sem sentido, colocando-os numa nova ordem de sentido. “Esse material significante não é outra coisa senão escrita, sistemas de escrita” (LACET, 2003, p.53). O inconsciente dito desse modo se refere a uma ordem metafórica, ou seja, ao campo do decifrável.

Todavia, em se tratando de psicose *o inconsciente está a céu aberto* e, portanto, o sujeito tem acesso livre a este. O sujeito é quem traz sua própria interpretação sobre suas produções e, por conseguinte, a solução curativa. Deve-se tomar a escrita como “à maneira das alucinações e outras vivências de estranhamento, como material para a construção de algo que funcione como fator de estabilização, de suplência [...], como o delírio ou a obra literária.” (FERNANDES, 2002, p.123).

A escrita, seguindo o avanço teórico de Lacan desde a noção freudiana de significante, que está para além da significação é aquela que não pará de não fazer sentido, mas que pode consistir numa suplência a partir de uma operação com a letra que se não pode ser decifrada pode ao menos ser materializada nas produções dos sujeitos, seja a produção de objetos ou da escrita de textos que funcionam como condensadores de gozo.

Esse outro aspecto da escrita não comporta, portanto, a dimensão do significado, é a escrita do real, da matemática, da topologia, dos grafos que Lacan cria e se utiliza para

tocar esse real. Não se trata de compreender o escrito, mas de se servir dele num saber-fazer.

Nesse segundo momento do ensino de Lacan, pautado no real, a escrita aparece como um outro efeito da linguagem: “De qualquer modo, há um outro efeito da linguagem, que é a escrita.” (LACAN, 1972-73/2008, p.52). Dessa forma, mesmo a escrita sendo da ordem do real não está fora da linguagem, dizer que está do lado do não sentido não significa que não pertença à linguagem. Nas palavras de Guerra, “A solução ao embaraço colocado pelo trauma da linguagem exige uma resposta singular de cada um.” (2007, p.71). É com ela que o sujeito vai tecer seu modo de gozo.

Há ainda outro teórico importante a falar sobre a escrita – Ferdinand de Saussure. Pode-se observar a questão da escrita em algumas partes do CLG e no capítulo intitulado *Representação da língua pela escrita*. Como corrente ao longo desta dissertação, a escrita é abordada enquanto sistema de signo comparável à língua. Agora, trazemos um outro ponto também importante, esse outro ponto corresponde à materialidade da escrita. Não deixando de lado a escrita abordada pelo sistema, o qual já vem sendo tratado, este como o vai mais além do “simples” fato de uma representação.

Primeiro, dizemos da escrita enquanto representação da língua. “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro.” (SAUSSURE, 1916/2006, p.34). Saussure é categórico, a língua não se confunde com a escrita. Ela é independente da escrita, modifica-se e se conserva sem que seja obrigatório ser registrada. A escrita deve sua existência à língua, que lhe antecede.

Todavia, mesmo a língua sendo independente da escrita, ou seja, não precisa dela para poder existir, ainda assim, a escrita tem um papel importante, pode registrá-la. A escrita consiste na materialidade da língua, e como tal, pode representá-la fielmente. Como afirma Saussure (2006), a língua é repleta de imagens acústicas (significantes) e estas podem ser traduzidas por imagens visuais. Ainda com Saussure:

Na língua, ao contrário, não existe senão a imagem acústica e esta pode traduzir-se numa imagem visual constante. [...] cada imagem acústica não passa, conforme logo veremos, da soma dum número limitado de elementos ou fonemas, suscetíveis, por sua vez, de serem evocados por um número correspondente de signos na escrita. É esta possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens. (SAUSSURE 2006, p.23)

A língua é formada por signos compostos da união de uma imagem acústica (significante) e um conceito (significado). Da mesma maneira a escrita é formada por uma variedade de signos gráficos. Se os signos da língua são formados pela junção de um significante com um significado, a escrita, por sua vez, é formada por signos gráficos, ou seja, letras. “Língua falada e língua escrita apresentam semelhanças em suas formas de funcionamento, entretanto, a escrita possui um suporte material, um traço material que a distingue da língua e que a torna ainda mais concreta – a letra.” (SOBRAL, 2008, p.64). É com a letra que se trabalha na escrita. Letra uma para a linguística, letra outra para a psicanálise.

Como já dito a letra no ensino lacaniano apresenta duas vertentes, carrega uma mensagem e, ao mesmo tempo, porta uma materialidade, ou seja, assume a função de objeto que pode ser rasurado e descartado. A letra, portanto, representa a materialidade de uma produção que não visa o sentido, mas que pode produzir sentido, operando uma organização interna que se dá no psíquico. Conforme afirma Barros (2008), a operação da letra é um traçado de marcas, relevos e sinais gráficos ³⁶.

Mesmo Saussure tendo versado acerca da escrita como representante da língua, como pode ser lido no Capítulo IV do CLG, em outro momento ele atribui à escrita um lugar na linguagem enquanto independente da língua ao lhe conferir um sistema próprio, definindo-a como um sistema que pode ser comparado ao sistema de signos da língua. Ao fazer uma comparação entre estes sistemas – língua e escrita – pode-se observar que não há uma subordinação de um em relação ao outro, a escrita tem seu valor de sistema preservado.

O sistema possibilita que uma relação de semelhanças e diferenças se estabeleça, produzindo sentido. Os sujeitos, comumente, falam e escrevem para se comunicarem e mais que isso para fazerem laço e estar no social, permitido pelo acesso à linguagem. Saussure diz que é o ponto de vista que cria o objeto. Sendo o ponto de vista o sistema e seu objeto a língua, pode-se dizer que é o sistema que cria a língua, daí, portanto, o signo linguístico só existir quando em relação com os demais com a finalidade de produzir significação. Isolados eles não são linguísticos. O sistema opera uma espécie de recorte na língua organizando sentidos, pois um termo sozinho, mesmo contendo significado e significante (S/s), seu sentido só é definido numa relação com outros termos. “Tomemos o

³⁶ Barros aqui se refere ao Seminário 18 (1971) quando Lacan aborda a letra através das rasuras que vê ao sobrevoar a Sibéria.

enunciado *ande!*: em si, ele não significa, e sim em relação a *andem!*, andemos!, eu ando... A relação *se/so* que constitui a palavra *ande* e que chamamos em geral de “significação” não é suficiente para dar conta do sentido empregado.” (NORMAND, 2009, p.75).

A escrita na psicanálise e na linguística saussuriana ora se aproximam, ora se distanciam. A escrita saussuriana se aproxima quando da ideia de traço mnêmico freudiano por se tratar de um sistema onde um signo se encontra articulado a outros, formando uma cadeia, como acontece nos sonhos. Uma escrita produtora de sentido. Mas, a escrita que aponta a incidência do Real lacaniano, um tempo onde não se pode suturar tudo porque é impossível reconstituir todo o sentido, esta se afasta, pois não remete a qualquer menção ao significante enquanto produtor de significação e sim à vertente da letra. A letra diferente do significante é sozinha, não se encadeia.

Levando-se em conta essas aproximações e distanciamentos, aqui pensamos a escrita na teoria saussuriana pelo viés do sistema, pois ao dizer sistema se diz ordenação, ou seja, a escrita como uma reorganização do mundo subjetivo do psicótico após o desmoronamento de sua realidade. Sem, no entanto, desconsiderar sua outra vertente, a do fora do sentido, produção do Real.

O percurso, portanto, permeia o sentido e o sem sentido da escrita dos sujeitos na psicose, considerando-se a teoria do sistema na linguística saussuriana no diálogo entre psicanálise e linguística, apostando numa reorganização psíquica nessa estrutura.

Percorrendo com Lacan o caminho do significante à letra, nota-se uma mudança na hegemonia da fala para a dimensão da escrita. Com isso, Lacan destaca a prevalência do gozo sobre o sentido. Todo sentido traz consigo um gozo. Toda palavra pronunciada sofre uma deformação e o falante tem uma satisfação nesse ato. Miller (2011, p.52), a partir de Lacan, afirma: “Há uma satisfação intrínseca ao que chamamos de compreensão: compreender é um efeito de satisfação. O que faz sentido para um sujeito é sempre determinado pelo gozo”.

Desde a noção do inconsciente formado pela articulação entre significantes que produz um sujeito (o significante que representa o sujeito para outro significante) até o inconsciente real formado por letras que aponta algo duro, inalisável, pode-se dizer da escrita. Se por um lado com a escrita há produção de sentido, possibilitando a constituição de novas cadeias simbólicas, por outro ela veicula o real em suas produções (literária, desenho, pintura, artefatos). É o que se pode observar através de alguns casos, como vem sendo mostrado neste trabalho dissertativo.

Dentre tais casos, pode-se citar, para falar dessa escrita que não busca o sentido, mas que é da ordem de um traçado, operando com o gozo, um outro personagem do documentário *O zero não é vazio* (2005). Arturo faz desenhos e pinturas com carvão que mais parecem garatujas e borrões sobre a folha de papel. Ele mesmo nomeia sua escrita como imagem: “tem de ser a imagem mesmo, tem de ser o desenho, tem de ser a pintura... A escrita virando traço, virando gesto”. Arturo fala de sua escrita como um processo de modelagem de um vaso, nomeando de “cerâmica noturna”. Bem explica tal processo falando da modelação que produz nesse mesmo ato o vazio. Pode-se ponderar que com sua escrita Arturo cria, como na fabricação da cerâmica, o buraco (simbólico) em que se sustentar.

Outro exemplo, ainda do mesmo documentário, é *O condicionado*. Ele diz que está “fora do calendário”, sua tarefa consiste em corrigir o tempo, faz isso por meio de uma espécie de fórmula matemática que coloca em cada um de seus escritos. “Corrigido pelo autor, em $18-4-1999 + 6$ ”. Coloca o dia e o mês, o ano é sempre o mesmo, 1999, acrescentando o que falta para se localizar. *O condicionado* fabrica seus escritos todos os dias. Usa pequenos pedaços de papel, caneta, régua e uma espécie de pasta onde guarda suas ferramentas. Oferta seus escritos aos transeuntes que passam pela mesma avenida onde está há anos.

Se por um lado a escrita literária, o desenho, a pintura, o bordado são produções da letra, do Real, ao mesmo tempo reinsere o sujeito num circuito simbólico por operar com o gozo desmedido.

São produções denominadas aqui de escrita por terem relação com a letra, singular de gozo de cada sujeito. Dizer que têm estatuto de escrita é dizer, pautado em Lacan, que isto está para além do significante, é algo que pode produzir sentido, mas, acima disso, que veicula o Real, impossível de se escrever, impossível de se apreender. O sujeito psicótico mostra com seu saber que o Real não é significantizado, mas pode ser letrificado, na medida em que a letra pode operar um modo de amarração do sujeito. Diante do Real o sujeito psicótico empunha seu modo de escrita. A letra é deslocável, e isso permite verdadeiras criações.

O que pode o sujeito quando o gozo se desprende da articulação significante? Quando se rompe o simbólico, a escrita é chamada a desenhar a borda do buraco. O que Lacan vem apontar com a segunda clínica é a possibilidade de uma escrita fora da norma

fálica e que, desse modo, permite uma inscrição do sujeito psicótico por meio de suas produções que visam à letra.

Tratou-se, com os teóricos, de uma escrita que como as formações do inconsciente têm a característica de ser legível, que transmite uma mensagem, portanto, faz parte do sistema Simbólico. E outra escrita que transcende o campo do Simbólico, numa tentativa de se escrever o Real e que, por isso, pode produzir um saber-fazer. “[...] o real não é representado nem por imagens, nem por palavras, e estamos fadados a continuar tentando preencher esse buraco, essa falta estrutural no Outro, com palavras.” (LACET, 2003, p.58).

Estudar esses três teóricos - Freud, Lacan e Saussure - para poder dizer acerca da escrita faz desta um outro modo de se pensar a psicose e a tentativa de se tornarem sujeitos na subversão do sentido, no amor à letra.

3.2 O LAÇO SOCIAL

Para abordar o laço social na psicose, levaremos em consideração a afirmação de que “o psicótico é um fora-do-discurso” (LACAN, 1972), para logo em seguida questionar tal declaração, pois até o dado momento o que vem se empreendendo é uma aposta na escrita como possibilidade de suplência para o sujeito psicótico e, por conseguinte, a circulação no social. A afirmação de que o psicótico estaria fora do discurso e por isso não faria laço iria contrária às ideias até aqui colocadas.

Lacan, acerca do laço social, traz em *O aturrito* (1972) que o discurso é o laço social: “[...] ali onde situo que há... discurso: e eu o situo pelo laço social a que se submetem os corpos que abitaño [l'habitent] esse discurso.” (1972/2003, p.475). No *Seminário 17 – O avesso da psicanálise*, Lacan (1969/70) define os discursos em quatro: discurso do mestre, da histérica, do universitário e do analista³⁷, e estabelece uma relação entre as estruturas clínicas e o laço social ao trazer o campo da linguagem e o campo do gozo. Pois, os discursos são os modos como os sujeitos se utilizam da linguagem, sendo a cadeia significante que funda todo discurso. Os discursos revelam ainda o modo de gozo de cada sujeito.

Quinet (2006) também contribui para essa questão, chama de laço social os discursos já estabelecidos na sociedade e que os sujeitos, neuróticos ou psicóticos, devem se inserir. Os laços sociais são chamados de discursos, “pois os laços sociais são tecidos e

³⁷ Não adentraremos a questão dos quatro discursos. Estão aqui a nível de informação.

estruturados pela linguagem” (QUINET, 2006, p.17). Mas como podem se inserir num discurso se a psicose justamente aponta a radicalidade em não fazer grupos? O psicótico, por estar fora da norma fálica, e por estrutura fora do discurso não faria nenhum tipo de relação com o outro? Que fazeres podem colocar o psicótico na via de estabelecer algum laço enquanto sujeito? Eis o que tentaremos responder.

Lacan (1969-70) classifica cada estrutura clínica (neurose, psicose e perversão) como um modo de vínculo social, o modo como o sujeito encontrou de responder ao encontro traumático com o Outro. O laço social, portanto, seria de ordem estrutural. Desse encontro com o Outro o discurso seria uma forma de organização, permitindo a utilização da linguagem.

A linguagem possibilita ao falante ter um corpo, o que é diferente de organismo. O organismo biológico se encontra totalmente entregue às pulsões, quer se satisfazer a qualquer custo, como ocorre no animal que age – anda, come e procria – guiado pelos instintos. O órgão é vivo e quer se satisfazer. Como dá mostras disso, o esquizofrênico, cujo corpo existe à revelia do sujeito. Lacan (1972/2003, p.475) diz que “[...] seu corpo não é sem outros órgãos, e que a função de cada um deles lhe cria problemas – coisa pela qual se especifica o dito esquizofrênico ao ser apanhado sem a ajuda de nenhum discurso estabelecido”.

O homem, diferente do animal, fala, serve-se da linguagem e por isso mesmo pode ir além do que é apenas biológico. O ser falante, pelo fato mesmo de que fala, faz uso dos significantes e, com isso, pode gozar. O gozo como esse *ir além* do orgânico.

Esse organismo é inteiramente entregue ao câncer linguageiro que lhe desorganiza as funções, as quais se encontram dissociadas de sua finalidade natural, e a partir disso submetidas a uma exigência que Freud soube ver satisfação paradoxal, que ele chamou de pulsão. Sob o nome de gozo, Lacan tentou delimitar essa satisfação, que se suporta da linguagem e que contamina todas as necessidades do ser falante. (GAULT, 2008, p.03).

A linguagem é uma das formas de gozo, e para que o sujeito não permaneça totalmente alienado, sucede-se fazer um menos na linguagem, um recorte para que possa se constituir e fundar um corpo. O sujeito, então, cede em seu gozo, deixando de ser um gozo total, passando a ser um gozo parcial que está na relação com o significante. Trata-se sempre de um trabalho de extração, há que se extrair algo da linguagem, do Outro para que

o sujeito possa adentrar no simbólico. É por algo ser extraído, ou seja, colocado fora do corpo que o sujeito pode falar e se constituir em algum discurso.

Do encontro traumático com a linguagem o sujeito pode responder aparelhando o gozo pelo uso do significante. Esse gozo, agora aparelhado, possibilita ao sujeito poder se relacionar no mundo com o outro, entrar em um discurso e poder circular no social. Daí, os discursos serem um modo de localizar o gozo e moderá-lo. O discurso ordena essa relação do sujeito com o gozo.

O discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida em que o processo civilizatório, para permitir o estabelecimento das relações entre as pessoas, implica a renúncia da tendência pulsional [...]. Todo laço social é portanto um enquadramento da pulsão, resultando em uma perda real de gozo. (QUINET, 2006, p.17).

Há outro campo, o campo do gozo, um gozo que não se localiza na norma fálica e que escapa a dialetizações. De acordo com Veras (2011), há um gozo incomunicável, sendo a questão saber como um S1 se vincula a um S2 que é a produção mínima de sentido para produzir um laço social, sendo esse o labor de todo sujeito.

A afirmação de que “o psicótico está dentro da linguagem, mas fora do discurso” (MILLER apud GENEROSO, 2008, p.05-06) não deixa de ser verdadeira, todavia, o que a segunda clínica lacaniana traz é um outro modo de se pensar a subjetividade que não passa pelo Nome-do-Pai da neurose. Desse modo, para cada sujeito se impõe a tarefa de ir do gozo autista que impede os vínculos sociais às relações de trocas no campo do Outro.

A segunda clínica, portanto, aponta mudanças na visão do laço social como uma condição permanente do psicótico para se pensar momentos em que o sujeito se encontra fora do discurso como uma característica que pode permear qualquer falante em dado momento da vida (GENEROSO, 2008). Apesar de a psicose apresentar fenômenos extremamente particulares, que não é possível comunicar ao outro, são sujeitos que circulam por entre os discursos. Pois, deve-se levar em conta que todo sujeito precisa se defender do Real. E como afirma Miller (1996, p.190): “todos os nossos discursos não passam de defesas contra o real”.

O psicótico no uso da linguagem não visa o discurso, o laço social. Contudo, o que a clínica da psicose tem demonstrado são invenções que advém dos sujeitos, indicando outras formas de aparelhar o gozo. Fora-do-discurso, o psicótico faz invenções com o Real,

separando e localizando o gozo, como é o caso da escrita, não deixando de ser esta também uma operação com a linguagem.

A experiência com esse gozo que não é traduzida pelos significantes que vêm do Outro aponta que a condição primeira do sujeito é um estado intraduzível pela palavra e que, portanto, esse terá que “subverter o real, criar, sinthomatizar essa incomunicabilidade” (VERAS, 2011, p.119) do gozo. “[...] ao aprender a falar, o sujeito inicialmente se apropria da linguagem como instrumento de gozo, bem antes da função de comunicação.” (Idem).

A fala é permeada pelo que há de gozo para em seguida ser colocada a favor da comunicação quando esse gozo é localizado no campo do Outro. Mas, e quando a fala não produz significação, quando as palavras têm uma significação pessoal, estranha ao laço social? Isso é o que pode ser observado na psicose, sendo necessária uma produção que enganche a experiência de gozo. Pois, como assevera Veras (2011, p.122): “O gozo somente se coletiviza quando ele é aparelhado em uma fórmula que o conecta ao campo do Outro”.

A fala deixa transparecer o delírio e este não é compartilhável, não faz laço. É o que pode ser visto na fala de Estamira³⁸: “Minha missão, além de ser Estamira, é mostrar a verdade e capturar a mentira.... Você é comum. Eu não sou comum...Eu sou a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim, sem Estamira”. (RINALDI, 2008, p.63).

Ao contrário, as criações podem instituir um laço na medida em que tocam o inconsciente dos sujeitos. Como é o caso de Moacir, seus desenhos e pinturas não precisam ser explicados, são objetos a que se ligam diferentes pessoas por diversos motivos. Moacir passa a ser conhecido após documentário de Walter Carvalho, intitulado *Moacir Arte Bruta*, contando sua vida, suas produções e as pessoas que fazem parte de seu entorno. Pobre, com problemas na fala e analfabeto, Moacir retira seus desenhos do mundo à parte onde vive. São imagens, na maioria, de mulheres nuas e demônios. Suas pinturas atraem olhares, elogios e críticas dos vizinhos e passantes pela Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Quinet (2006), acerca do documentário, declara que as produções de Moacir são “símbolos brutos do inconsciente”, sem referências externas. “Completamente solto dos clichês habituais, a originalidade estranhamente própria do artista desvela paradoxalmente uma

³⁸ Estamira morava no lixão de Gramacho, sendo lá filmada por Marcus Prado que fez um documentário sobre sua vida. Estamira através de sua linguagem denuncia o “descuido” dos homens com o resto que encontra no lixão. O que marca esse sujeito, personagem do filme, é a sua linguagem, no modo como se utiliza das palavras criando para si própria o nome de Esta mira. (RINALDI, 2008, p.63).

familiaridade que pode se universalizar ao tocar cada espectador nas zonas mais obscuras de seu desejo ou de sua angústia”.

Moacir, com seu modo de escrita, revela uma particularidade, pode-se dizer própria da psicose, a saber, o acesso direto ao que há de mais profundo no inconsciente. Suas pinturas são livres de influências do mundo, não são retiradas da cultura local ou de fora, são mesmo uma espécie de desenho bruto, no sentido do primitivo. O que faz pensar que na psicose alguns sujeitos demonstram um tipo de língua bruta que pode ser observada nos modos de escrita (textual, desenho e pintura). Contudo, isso não quer dizer que tais sujeitos estejam sempre nessa língua, mas ela está lá, alíngua de cada um.

Essa noção de língua bruta veio a partir das discussões que permearam os encontros do *Ciclo Saussuriano*³⁹ (2011). O psicótico estaria na língua bruta por não seguir, mesmo que alfabetizado, algumas regras gramaticais de pontuações, acentuações e concordâncias, causando estranhamento, inclusive na forma como se apresentam, muitas vezes, numa disposição desordenada.

Dizer a língua bruta é dizer que os elementos formadores da linguagem estão presentes, todavia, trata-se de uma língua particular que não participa de um discurso compartilhado pelo social. Isso porque há encadeamento de letras, seguindo as leis linguísticas da linearidade e da oposição entre os termos exigidos para se estar na língua, sem, no entanto, fazer essa língua entrar num discurso social. É o que pode ser observado na escrita de Bispo do Rosário (BRANCO, 1988, p.131):

Eu vou passar revista corpos cahidos carbonizados e os mortos reverter
vossos corpos juntos vossos espiritos lados vos veja lagrimas sangri nome
filho do home a voz pai criador eu exceto vossa nicencia filho enchugo
em nuves especiaes formas bordada um metro proximo eu filho VIII (...)

É possível ler tal texto, apesar da ausência de pontos, acentos e letras. A escrita, mesmo exposta como esta, possibilita que haja algum leitor por motivos diversos. Um ouvinte dessa fala, no entanto, seria pouco provável.

A escrita aponta, mesmo que por vezes se apresente de forma desordenada, sem pontuações, sem uma lógica discursiva, que pode ser um modo na psicose de subjetividade, de lidar com o gozo, possibilitando circular por entre os discursos a partir de um trabalho que opere com o real.

³⁹ Grupo de estudos formado pela professora doutora Mônica Nóbrega do departamento de Letras, em 2011, por linguistas, psicanalistas e fonoaudiólogos e de demais áreas que se organizaram com o intuito de estudar a teoria saussuriana e outros autores que contribuem com esta teoria.

Os sujeitos psicóticos estão no mundo, trabalham, estudam, casam, tornam-se pais, dão mostras de que é possível estar no social sem, no entanto, permanecer presos a algum discurso. Mesmo que de forma capenga, exercem funções exigidas pelo social. O laço social na psicose só é possível quando de alguma operação de estabilização, do contrário o que se observa são tentativas frustradas de familiares e profissionais inserirem no social este sujeito.

Veras (2011) alega que a questão do laço social sempre se fará presente, pois o sujeito é fadado à eterna relação com o Outro, está no campo da linguagem e por isso incitado a fazer parte das trocas sociais. Todo sujeito, portanto, é condenado a habitar o campo do Outro, tesouro dos significantes, sendo possível fazer um laço quando há uma trégua com o Outro, estando separado do sujeito. Desse modo, pode-se dizer que o psicótico não se encontra todo o tempo alheio ao laço social, prova disso são suas produções que oferta para o Outro em seu lugar.

O psicótico, por lidar com a foraclusão do significante que institui o campo do Simbólico, que evita o encontro com o vazio da significação, é quem melhor pode dizer da experiência com o gozo, como localizá-lo e aparelhá-lo. É a estrutura, por excelência, na qual o impossível, ou seja, o Real se torna vivo e se concretiza. “Assim, nenhum discurso é suficientemente capaz de capturar esse gozo, tornando necessário, do lado da clínica, que se faça uma criação.” (VERAS, 2011, p.123).

É o avanço da teoria lacaniana pensar o Nome-do-Pai como uma, e não a única das diversas formas de lidar com a falha estrutural do Outro, que permite tratar o laço social não apenas pelo lado da linguagem, mas também pela vertente do gozo, abrindo novas possibilidades para a clínica das psicoses. O laço social é efeito e não causa da estabilização, é o modo de operar com o que rateia para todo sujeito. “Algo permanece incomunicável e faz obstáculo ao laço social” (VERAS, 2011, p.114). Desse modo, não estaria o psicótico avesso ao mundo, também ao neurótico é posto o entrave à constituição do laço social.

O gozo é particular, não é compartilhável. Ao longo do ensino de Lacan o laço social vai de uma concepção do que é do coletivo para a importância dos modos como os sujeitos se arranjam com o gozo não simbolizado pela linguagem. “O laço social deixa de ser visto como a possibilidade de comunicação garantida pelo Outro simbólico para ser o modo como cada um se vira a fim de manter coesos os três registros”. (VERAS, 2011, p.125).

O psicótico é dito fora-do-discurso porque os discursos são definidos pelo Nome-do-Pai, este foracluído na psicose. Entretanto, são sujeitos que estão no mundo e circulam por entre os laços sociais, estando tanto no campo da linguagem, quanto no campo do gozo. É válido dizer que o gozo só pode ser abordado pela linguagem. Estar na linguagem não quer dizer precisar da fala. A fala é da ordem do dito, os discursos são laços sociais motivados pelo gozo, é da ordem do dizer: “[...] todo laço social é um discurso determinado pelo gozo e sobre o gozo. O laço social é uma estrutura discursiva da dominação do gozo.” (QUINET, 2006, p.30). Dessa forma, a escrita na psicose pode se servir a isso, ao trato com o gozo, já que lida diretamente com o impossível da linguagem.

A escrita se presta a diversas coisas, a diversas criações. Serve para comunicar, para transmitir uma mensagem, para separar o sujeito do Outro avassalador, para moderar e condensar o gozo, possibilita fazer laço social, e a escrita serve, ainda ao sujeito quando diante do Real, sem arrimos, poder fazer um trabalho com ela que tem estatuto de letra, que não pede sentido.

O psicótico é alguém que está fora-do-discurso, mas não fora da linguagem, linguagem que aparelha o gozo. O sujeito psicótico pode se utilizar da escrita como estabilização ou suplência. Lacan (1972-73) afirma ser a escrita um outro efeito da linguagem. Diferente da fala que desvela a estrutura psíquica, que é evanescente, a escrita fornece um suporte onde o sujeito pode tratar da sua loucura sem, no entanto, ser rebotalho do Outro. Mesmo que sua escrita apresente uma lógica própria, não compartilhada, ainda assim possibilita ao sujeito um lugar no Outro social. A escrita suporta a loucura de cada um. Nela tem lugar o não sentido.

O que faz buscar a escrita como forma de tornar possível um laço social? A escrita vem no lugar do objeto fixador de gozo. Como afirma Lacan, no *Seminário 18* (1971/2009, p.120), “a escritura é o gozo”.

Talvez, pela escrita, aos sujeitos que foi possível uma estabilização a loucura seja suportada. A escrita é possível de fazer laço. São produções as quais as pessoas se ligam e se envolvem com obras de diversos autores. São desenhos, esculturas, pinturas e textos que comportam a loucura de cada um. São as escrituras de cada sujeito diante do abismo que é o Real.

3.3 DO PARTICULAR DO SUJEITO: BREVES FRAGMENTOS DA CLÍNICA

Abordar a psicose não constitui tarefa fácil, há uma vasta conceituação desde Freud, passando por Lacan e continuando a avançar na teoria e na clínica. Freud, com o caso Schreber, abriu as portas para se pensar a psicose, dentre outras perspectivas, pela via das alucinações e do delírio. Lacan também abordou a psicose por meio de casos. Como o caso Aimée, o caso do presidente Schreber, dentre outros, culminando com Joyce como paradigma da psicose. Lacan, partindo do delírio como tentativa de cura, chega a falar de soluções na psicose, não mais uma única forma, mas uma pluralização das saídas encontradas pelos sujeitos.

Tanto Freud como Lacan destacaram pontos fundamentais da estrutura da psicose, sem com isso universalizar um tratamento padrão. Os estudos de casos revelam que na clínica da psicose se avança através do particular de cada caso por meio de uma investigação: O que culminou no desencadeamento? Qual a história pregressa do sujeito? Como se sustentava na vida antes do desencadeamento? E quais as soluções encontradas para lidar com o Real que se desvelou sob o sujeito?

Na investigação acerca da psicose se leva em conta a singularidade dos fenômenos elementares do delírio, do trato com a linguagem, da (não)relação com o outro e das curas possíveis.

Guerra (2007), em sua tese, defende a ideia de que qualquer criação artística ou artesanal pode funcionar como suplência quando opera como letra que cifra o gozo. Ou seja, a criação que se faz a partir de objetos concretos – papel, lápis, tinta, agulha – pode ter efeito de estabilização para o sujeito psicótico. Importa menos o suporte material usado do que o efeito de artífice que um dado produto possa ter para o sujeito na condição de condensador de gozo. Trata-se do saber-fazer com o que é do gozo. “Mais do que a criação em si, é seu efeito de escrita que pode funcionar como elemento na suplência psicótica. Nesse sentido, a criação seria também uma forma de escrita.” (GUERRA, 2007, p. vi).

Partindo desse pressuposto de que algo da ordem de uma criação –artefato, pintura, texto – podem vir a moderar o gozo pelo seu efeito de escrita, pretende-se abordar nesse ponto da dissertação alguns fragmentos da clínica nos quais a escrita (em seus variados tipos e aspectos) se mostrou em seu trato com o gozo. Ainda com Guerra (2007, p.19): “[...] o trabalho do psicótico sobre uma materialidade concreta como servindo de suporte

para uma escrita outra também localizadora de gozo, e não apenas produtora de significações”.

A escrita, na teoria psicanalítica, é considerada uma via de estabilização, um modo de suplência na psicose. A clínica da psicose testemunha a multiplicidade e a originalidade de invenções nas quais a escrita se oferece para lidar com o gozo. O que esses casos apontam é a escrita como uma via de tratamento ao Real.

Nos fragmentos clínicos apresentados a seguir, pretendemos demonstrar de maneira ilustrativa a função singular da escrita na psicose como condensador de gozo, proporcionando aos sujeitos circular no social. São soluções particulares de cada sujeito, mas que podem servir de contribuição, fazendo avançar a clínica e a teoria psicanalítica.

3.4 DOIS FRAGMENTOS CLÍNICOS: UM DESENHO; UMA ESCRITA POÉTICA

Um sujeito que, pela via do desenho, pôde organizar sua fala e sua relação com os outros de seu convívio. Diante de um desencadeamento sua fala se apresentava embolada, tinha dificuldades de andar e não permitia o toque ou a aproximação das pessoas. A fala, o andar e ainda a agressividade tornavam o laço com o outro impraticável. O desenho, que inicialmente se mostrava sob a forma de garatujas, vai se configurando num meio de manter algum laço com o outro que não fosse de invasão. Dos rabiscos aparecem esboços em formatos de casas, árvores, mão e mãe que ele mesmo nomeia. Seu traçado se modifica, tornando partilhável com os demais, indo da produção em seu estado mais primitivo para um que reflete uma organização de seu mundo subjetivo.

Dos desenhos faz um movimento para escrever o próprio nome, que após o desencadeamento não o fazia. Dos rabiscos para os desenhos nomeados e para a escrita do seu nome modera o gozo invasor que o impossibilitava de sair da condição de objeto do Outro e poder circular no social.

Na escrita, em sua vertente de desenho, insistimos, há dois aspectos importantes a serem destacados. Um diz respeito à produção em si que não visa à comunicação com o outro; e a outra se refere ao efeito posterior que pode se produzir, a saber, uma reordenação do Simbólico. Indo desta produção em sua vertente de puro gozo para uma vertente que oferta a possibilidade de subjetividade.

A escrita possibilitou para este sujeito furar o Outro avassalador que queria manipular seu corpo, podendo constituir um lugar simbólico à medida que fazia seus traços

na folha de papel. Os desenhos não eram estéticos, pode-se dizer que consistiam mais numa espécie de desenhos primitivos, de um traçado fixo, sem ornamentações. Mesmo sua fala e seus desenhos não fazendo sentido, ou seja, não compartilhando da lógica dos demais, ainda assim, sua escrita fora do sentido fez laço.

Encontra na escrita um modo de lidar com o gozo, que é sempre enigmático para todo sujeito. Moderando-o, pôde fazer parte de algum laço com o outro, sendo possível uma estabilização. Pois, como nos aponta Veras (2011, p.106): “[...] o laço social implica em uma abertura ao outro, em movimento do um ao dois, ou seja, ele implica em passar da “estúpida e infável existência”, [...] ao mundo das trocas vivas e humanizadas do Outro”.

A segunda vinheta clínica aponta a escrita poética como recurso no encontro com o Real. Um sujeito que diante do desencadeamento de sua psicose delira que é escolhido de Deus, podendo curar pessoas como um santo. Não tem dúvidas quanto à experiência divina à qual foi submetido.

Em seu delírio não se pode constatar uma missão, como ocorre com Bispo do Rosário e Schreber, que tiveram missões de reordenar, refazer o mundo para Deus. Todavia, suas histórias, mesmo sendo de conteúdo delirante, tem lugar no social, pois o que lança no social é seu delírio em formato de contos e romances, tendo, portanto, aceitação. Os textos lhe possibilitam moderar o gozo invasor do Outro (de Deus) e, por conseguinte, fazer laço.

Além do delírio, portanto, há a escrita. Esta ocorre por meio de uma voz que lhe diz o que deve escrever. A voz é um sopro no ouvido que lhe dita as histórias que escreve. Não obstante, é por meio dessa escrita que consegue ordenar sua realidade e moderar sua relação com o Outro, barrando-o de modo a evitar novo desencadeamento.

No início, escreve sem parar, é a voz que ordena sua escrita ininterrupta. Voz de uma exigência avassaladora, que ele vai moderando e, talvez, aprimorando um saber-fazer com a reivindicação do Outro sobre seu ser a ponto de chegar à exaustão. Da escrita solta, aos montes, entulhos de papéis por toda parte sua escrita vai sendo endereçada àqueles que lhe querem ler ou ouvir. A partir daí, seus textos apontam a produção de um objeto (a escrita) que condensa o gozo e possibilita manter o Outro a distância razoável. Sua escrita não visa ao reconhecimento do outro, relaciona-se a seu trabalho de apaziguar o comando da voz.

Se por um lado não revela sua experiência com Deus, não fala disso, por outro sua escrita pode conter histórias de caráter delirante sem que com isso sua estrutura seja

desvelada para quem o lê. A escrita, mesmo que não siga à risca as regras exigidas pela gramática normativa, comporta e suporta a loucura.

Sua escrita teve a função de localizar o gozo, possibilitando-o circular por meio desse objeto que oferta ao Outro, conseguindo assim um acordo, uma ponderação da ordem absoluta de seu Deus.

As considerações feitas aqui visaram a destacar o efeito da escrita na clínica das psicoses, levando-se em conta a particularidade de cada sujeito no uso e na possibilidade de estabilização, mostrando também a escrita enquanto via que torna possível o laço social, apontando uma reordenação subjetiva.

Como foi possível observar, o sujeito psicótico escreve. Não a escrita endereçada que visa à comunicação e reconhecimento do outro, mas a que possibilita localizar e estabilizar a experiência com o gozo. A escrita, portanto, sendo um outro efeito da linguagem (LACAN, 1972-73), pode produzir outros modos de lidar com o gozo que não pela via do sentido. Lembrando que a escrita, nesse trabalho, é considerada enquanto produção que barra, delimita, apazigua e circunscreve o gozo que invade o sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de concluir. Foram muitas as indagações, algumas respostas, discussões, empecilhos e avanços nesta dissertação. Foi um caminho causado pelo desejo de saber e pela paixão que promove bons encontros. Foi uma vereda, sertão, não mar, mas de onde se pôde tirar fecundo trabalho. Inesgotável, por certo.

Psicose e escrita foram os significantes que nos motivaram desde o início, fazendo eco, ressoando palavras ainda incompreendidas, sem sentido, mas já prenhes de sentido. Um paradoxo por certo ao se falar de sentido e de sem sentido.

Se na abertura convocamos Guimarães Rosa é a ele que recorreremos uma vez mais, mais ainda com sua obra *Grande sertão, veredas*, para com isso dizermos da invenção de um título que contemplasse nossa inquietação com a loucura e nosso desejo de encontrar respostas para o sem sentido - *Pelas veredas da psicose: o que se escreve?*.

Procuramos analisar que relação existe entre psicose e escrita. A psicose enquanto estrutura de linguagem que estabelece uma relação singular com a realidade não compartilhando da mesma lógica que rege o mundo dos neuróticos, e por isso mesmo tendo que fazer uma invenção que sustente sua realidade. E a escrita para analisar de que forma esta, enquanto sistema linguístico saussuriano, poderia contribuir para a investigação da escrita na clínica das psicoses.

Para isso, traçamos um percurso desde a conceituação do sujeito, passando da primeira à segunda clínica lacaniana acerca da psicose e das soluções encontradas por estes sujeitos até chegar a um diálogo com a linguística saussuriana, sendo a escrita o objeto comum proposto nesse trabalho entre os teóricos – Freud, Lacan e Saussure. Desse modo, buscamos nas ideias de Saussure mostrar o movimento e funcionamento da língua para, em seguida, teoria do próprio autor, compará-la à escrita enquanto sistema de linguagem. A teoria do sistema se mostrou como organizador, isto porque o sistema é produtor de sentidos. O sistema dá sentido aos signos que soltos não querem dizer nada. Os signos linguísticos se organizam num sistema para que uma operação de sentido possa advir, o que não ocorreria caso estivessem fora do sistema, isolados. A partir daí, foi possível estabelecer uma ideia, a saber, a escrita como aparato possível de uma organização ao caos presente num desencadeamento da psicose. Ao fora do sentido, então, a escrita viria ordenar um mínimo de sentido, reenlaçando o sujeito ao Simbólico, Imaginário e Real.

Com essa aproximação entre escrita e sistema, pela linguística saussuriana e pela psicanálise, chegamos à conclusão de que a escrita organiza simbolicamente a realidade do sujeito por ser ela mesma uma estruturação significativa.

A escrita organiza o sentido, mesmo que seja uma produção fora do sentido como são as fabricações na psicose. A *escrita* como *sistema* de linguagem foi o ponto de diálogo que encontramos com a linguística saussuriana. A escrita dentro do sistema tendo efeito de sentido e enquanto produção do psicótico que escapa ao sentido. Como vimos ao longo dos capítulos, a escrita na psicose se apresenta em duas vertentes, a do sentido e do fora do sentido, apontando que é próprio do sujeito psicótico estar fora da significação fálica e ao mesmo tempo também podendo ser autor de criações inéditas que pode ter função de suplência.

O sentido e o sem sentido foi trazido ainda pelos conceitos de significante e letra pertencentes à vertente do Simbólico e do Real. O significante, originário da linguística saussuriana, em seu ponto de Simbólico e a letra de suporte material do significante a heterogêneo que separa Simbólico e Real. A letra indo de literal a litoral. Este foi o ponto que nos fez apostar na escrita na psicose, não apenas a textual, gráfica, mas qualquer produção que tenha efeito de circundar, localizar, enquadrar o gozo do Outro.

Como vimos na psicose, o sujeito utiliza a escrita como modo de lidar com o gozo que o invade e o aflige, podendo se separar do Outro, fazendo passar uma parcela de gozo ao nível do significante. Como abordamos, a letra, na teoria lacaniana, tem uma função de mensagem e outra de materialidade, sendo por isso manuseável, descartável.

Vimos que a letra, também dita escrita no ensino lacaniano, apresenta ambas as vertentes, porta uma mensagem e uma materialidade, sendo esta a produção da ordem de um fazer com o gozo, ato de uma saída para o psicótico.

Dessa forma, se a escrita enquanto sistema de linguagem pode produzir algum sentido reordenando a cadeia simbólica que havia se rompido após um surto, porque a escrita causa esse efeito, um efeito de organização que se pode observar no próprio corpo do sujeito psicótico? Trazemos aqui o corpo para relançar a questão com a escrita por observar o efeito desta como vivificante, não mais um corpo refém de um Outro amordaçador, talvez uma escrita com função de amarrar o corpo tido como estranho para o sujeito.

A questão com a escrita e o corpo, corpo de letras, corpus do texto, talvez seja o fio da meada que nos relança para um novo horizonte. São apenas possibilidades.

O questionamento que fizemos tendo escrito na tentativa de alcançar uma resposta retorna fazendo eco na materialidade da letra que faz corpo ao gozo irreduzível em todo falante. Eco anterior à linguagem do Outro, traço forjado num tempo de alíngua, tempo solitário.

Então, *O que se escreve na psicose?*, certamente não é o Nome-do-Pai significante da neurose. Pode-se escrever um sinthoma, uma suplência ou “apenas” um modo singular de operar na vida, de toda forma se trata sempre de uma invenção do sujeito solitário com seu sintoma. Um sujeito autor e leitor de seu próprio mundo.

“Antes o que me atazanava [...] era o significado que eu não achava lá.” (ROSA, 1978).

REFERÊNCIAS

AIRES, S. **Da quase equivalência à necessidade de distinção: significante e letra na obra de Lacan.** Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/significante_e_letra.pdf Acesso em: janeiro de 2010.

ALBERTI, C. Ainda não realizado... In: **Opção lacaniana online**, ano 2, n. 06, nov. 2011.

ALBERTI, S. O sujeito entre psicanálise e ciência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 47-63, dez. 2008.

ALVARENGA, E. **Estabilizações.** Revista Curinga/ EBP – MG/ n.14/ p.15-19/ Abr. 2000.

BARRÊTO, E. F. **Causalidade, linguagem e nomeação na psicose.** João Pessoa, 2008. 103 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

BARROS, J. **Jacques Lacan o significante e a letra.** 10 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://Jose.barros.over-blog.com/article-21878628.html>> . Acesso em: jun. 2011.

BENETI, A. Do discurso do analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante. 2005. In.: **Opção Lacaniana online.** Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n3/pdf/artigos/ABDDiscurso.pdf>,. Acesso: 18 de fevereiro de 2012.

BORGES, S. **Psicanálise, linguística, linguisteria.** São Paulo: Escuta, 2010.

BRANCO, L. C. **Coisa de louco.** Minas Gerais: Universitária, 1988.

CALDERONI, M. L. M. B. Psicopatologia na íntegra. [Editorial]. **Psique: Ciência & Vida.** nº 1. Ano 1. Edição especial. Escala, s/d.

CARVALHO F. Z. F.de. Letra, Linguística, Linguisteria. In: ARREGUY, Elisa (Org.). **O Percorso da letra** - Transfinitos nº 4. Belo Horizonte: Autêntica/Aleph, 2005.

FERNANDES, A. M. L. C. O processo da escrita na psicose. **Revista Psychê**, anoVI, n.9, São Paulo, 2002, p.115-124.

FERREIRA, A. B de H. **Miniaurêlio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa.** 5ª Ed. ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREIRE, A. B; COSTA, C. A. R. O literal e a surpresa: os “estágios preliminares do chiste”. In: **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro, Vol. 11, n. 02, jul/dec. 2008. Disponível em: < www.scielo.com.br>. Acesso: março 2011.

FREIRE, M. M. **A escritura psicótica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

FREUD, S. **Carta 52**. (6 de dezembro de 1896). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1996.

_____. **A Interpretação dos Sonhos**. (1900). Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. (1905). In. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. VIII, 1996.

_____. **O caso Schreber sobre a psicanálise e outros trabalhos**. (1911). In. Pequena coleção das obras de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O Inconsciente**. (1915), In. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1996.

_____. **Além do princípio do prazer** (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1996.

_____. **O Bloco Mágico** (1924-1925). In. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1996.

_____. **O Ego e o Id** (1923). In. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1996.

_____. **Projeto para uma psicologia científica** ((1950). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1996.

_____. **Escritores criativos e devaneios** (1908). In. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, vol. IX, 1996.

GAULT, J. **Tratamento psicanalítico de um caso de hiperatividade de uma jovem adolescente**. Almanaque on-line, revista eletrônica do IPSM- MG, ano 2, nº 03, julho a dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque3.htm>. Acesso em: março de 2011.

GUERRA, A. M. C. **A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência**. Rio de Janeiro, 2007. 272 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GENEROSO, C. M. Considerações sobre psicose e laço social: “o fora-do-discurso da psicose”. **CliniCAPS**, Abr 2008, vol.2, no.4,. Disponível em: <http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_04/Revista04_art2_cl.pdf>. Acesso em: janeiro de 2012.

GREENAWAY, P. **O livro de cabeceira** (The Pillow Book), 1996.

GRECO, M. G. A letra em seu devido lugar. In.: Literatura e Loucura. **Revista Aletria**, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: janeiro de 2012.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (1946).

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1998. (1949).

_____. O seminário. Livro 3: **As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (1955-56).

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (1956).

_____. O seminário sobre “A carta roubada”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (1957).

_____. A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (1957).

_____. O seminário. Livro 5: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1999. (1957-58).

_____. O seminário. Livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1979. (1964).

_____. A ciência e a verdade. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (1966).

_____. Alocução sobre as psicoses da criança. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2003. (1968).

_____. O seminário. Livro 17: **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (1969-70).

_____. O Seminário. Livro 18: **De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2009. (1971).

_____. Lituraterra. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (1971).

_____. O aturdito. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (1972).

_____. O seminário. Livro 20: **Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (1972-73).

_____. Televisão. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (1973).

_____. O Seminário. Livro 23: **O Sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007 (1975-76).

_____. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (1976).

_____. El Seminario. Livro 25: **El momento de concluir**. Inédito. (1977). Obras Completas de Lacan em CD-ROM, versão espanhol.

LACET, C. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. **Estilos da Clínica**, 2003, Vol. VIII, no 14, 50-59.

LAURENT, E. Gozo, o sintoma - singularidade de uma estrutura subjetiva. In: **Versões da clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. **O sujeito psicótico escreve...** In.: Versões da clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOMBARDI, G. **Entrevista** concedida a Emilia Cueto do site El sigma em 10/09/2005. Disponível em: <http://www.elsigma.com/entrevistas/entrevista-a-gabriel-lombardi/8280>. Acesso em: dezembro de 2011.

_____. **La Clinica Del Psicoanálisis**, numero 3. Las psicoses, Ed. Atuel, Buenos Aires, 1994 – Tradução livre: Maria Beatriz Ferreira Lavieri.

LUTERO, M. Disponível em: <http://www.citador.pt/buzz/fiz-uma-alianca-com-deus-que-ele-nao-me-mande-visoes-nem-sonhos-nem-mesmo-a-228494733828564>. Acesso: abril de 2012.

MALISKA, M. E. **Entre linguística e psicanálise** – o real como causalidade da língua em Saussure. Curitiba: Juruá. 2010.

MANDIL, R. **Os efeitos da letra. Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa/Faculdade de Letras UFMG, 2003.

MARTINS, G. M. Freud e Borges: a escrita do sonho. **Raído**, Dourados, MS, v. 3, n. 5, p. 29-38, jan./jun. 2009.

MARY e MAX: uma amizade diferente. Direção de Adam Eliot. São Paulo – SP. Playarte Pictures Entretenimento Ltda. 2009. 1 DVD.

MASAGAO, A. M. A gramática do corpo e a escrita do nome. **Psicologia USP**, jan./jun. 2004, vol.15, no.1-2, p.263-277. ISSN 0103-6564.

MELLO, M. H. R. L. B. Escrever para não enlouquecer. **Estudos de Psicanálise** – Aracaju, n.34, p.83-86, dez. 2010.

MEYER, G. R. Algumas considerações sobre o sujeito na psicose. **Ágora**, vol. II, nº2, julho/dezembro 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200009. Acesso: julho de 2012.

MILLER, J. A. O inconsciente real. In: **Opção lacaniana online** - I aula curso de 2006-2007. Disponível em: < <http://www.ebp.com.br> >. Acesso em: out. 2011.

_____. Uma conversa sobre o amor. In: **Opção lacaniana online**, ano 1, n. 02, jul. 2010.

_____. **Ler um sintoma**. Postado por Blog AMP (Asociación Mundial de Psicoanálisis), abril de 2011. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com.br/2011/08/jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html>. Acesso: novembro 2011.

_____. **Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

_____. **Matemas I**. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

_____. **Percurso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

MILNER, J. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MIRANDA, M. T. T. **O real**. Instituto de psicanálise lacaniana, São Paulo, 25 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www.psicanaliselacaniana.com/estudos/muxarabi-teresa-miranda.html>. Acesso em: fevereiro de 2012.

MOACIR ARTE BRUTA. Direção: Walter Carvalho. Brasil. Rio Filme. Gênero: documentário. 2006.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, R. A. **A invenção do corpo nas psicoses: impasses e soluções para o aparelhamento da libido e a construção da imagem corporal**. Rio de Janeiro, 2008. 200

p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O ZERO NÃO É VAZIO. Direção: Marcelo Masagão e Andréa Menezes. Brasil. Gênero: documentário. 2005.

QUINET, A. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Teoria e clínica da psicose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

RINALDI, D. **A reinvenção do real em análise: uma experiência.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 281-292, dez. 2007. Disponível em: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-participantes/doris-rinaldi-index.html>. Acesso em: julho de 2011.

_____. Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise. **Pulsional revista de psicanálise artigos** p. 74-81, ano XIX, nº188, dez. 2006.

_____. O traço como marca do sujeito. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, n. 31 p. 59 - 63 • Outubro. 2008.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1978.
ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix. 2006. (1916).

SILVA, R. F. **Na clínica do delírio generalizado, a psicose ordinária.** In: Falasser. Revista da Delegação Paraíba – Campina Grande. Editora Maria Cristina Maia de O. Fernandes, n. 05, ano 2011.

SOBRAL, P. O. **Psicose e escrita: a inscrição de um sujeito.** João Pessoa, 2008, 80 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto da psicose.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2007.

_____. **A psicanálise na civilização.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

SOUTO, S. **Delírio e sintoma: a loucura de cada um.** In.:Falasser. Revista da Delegação Paraíba – Campina Grande. Editora Maria Cristina Maia de O. Fernandes, n. 05, ano 2011.

SOUZA, N. S. **A psicose: um estudo lacaniano.** Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

VELÁSQUEZ, J. F. **Las psicosis em niños y adolescentes: una mirada desde La clinica borromea.** Guayaquil: Nueva Escuela Lacaniana/ Universidad Católica de Santiago de Guayaquil, abril de 2010.

VERAS, M. **A loucura entre nós – uma experiência lacaniana no país da saúde mental.** Aldeia Bahia Brasil. 2011.